



**B**rasileira  
**I**lustração

ANNO IX

NUM. 94

JUNHO  
1928

PREÇO  
5\$000

# Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

Teleph. Norte, 5402 — End. Telegr. "OMALHO" — RIO

Grande prêmio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores: ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

DIRECTOR-GERENTE: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Succursal em São Paulo

RUA SENADOR FEIJÓ N. 27 — 8º andar, salas 86 e 87

CAIXA POSTAL Q

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60\$000; Seis mezes, 30\$000. Para o Estrangeiro — Um anno, 70\$000; não ha assignaturas de semestre. — Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correio sob registro.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164. Collaboração literaria, artistica ou photographica. ao director-secretario, DR. ALVARO MOREYRA.



# MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTÁBELECIDA EM 1810

LONDRES

ESPECIALIDADES EM

BRILHANTES FINOS DO BRASIL  
E DO CABO, SAPHIRAS DO  
ORIENTE, PEROLAS, ETC.

NOVIDADES

PARA PRESENTES EM

PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL  
BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA,

FABRICANTES

DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"

O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE  
PARA

TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

# MAPPIN & WEBB

100, OUVIDOR  
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVEMBRO  
SÃO PAULO

## EDIÇÕES

# PIMENTA DE MELLO & C.

### TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

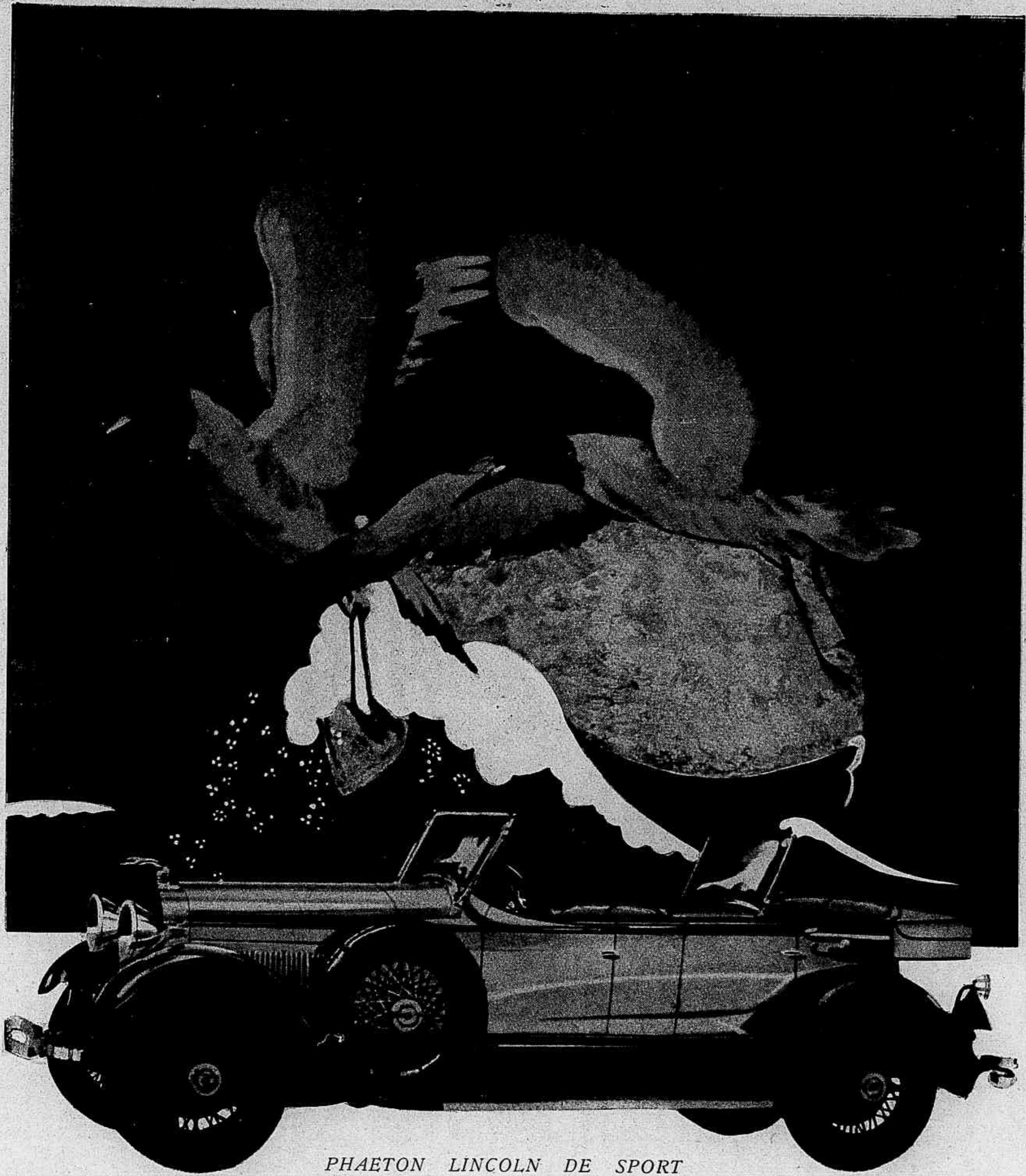
Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

|   |         |
|---|---------|
| <b>CRUZADA SANITARIA</b> , discursos de Amaury de Medeiros (Dr.).....   | 5\$000  |
| <b>O ANEL DAS MARAVILHAS</b> , texto e figuras de João do Norte.....  | 2\$000  |
| <b>CASTELLOS NA AREIA</b> , versos de Olegario Marianno.....  | 5\$000  |
| <b>COCAINA</b> ..., novella de Alvaro Moreyra   | 4\$000  |
| <b>PERFUME</b> , versos de Onestaldo de Penafort .....  | 5\$000  |
| <b>BOTÕES DOURADOS</b> , chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva.....  | 5\$000  |
| <b>LEVIANA</b> , novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.....  | 5\$000  |
| <b>ALMA BARBARA</b> , contos gaúchos de Alcides Maya.....   | 5\$000  |
| <b>PROBLEMAS DE GEOMETRIA</b> , de Ferreira de Abreu.....   | 3\$000  |
| <b>UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO</b> , de Roberto Freire (Dr.).....   | 18\$000 |
| <b>PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925</b> , de Vicente Piragibe...   | 6\$000  |
| <b>LIÇÕES CÍVICAS</b> , de Heitor Pereira (2.ª edição).....   | 5\$000  |
| <b>COMO ESCOLHER UMA BÓA ESPOSA</b> , de Renato Kehl (Dr.).....   | 4\$000  |
| <b>HUMORISMOS INNOCENTES</b> , de Areimor   | 5\$000  |
| <b>ÍNDICE DOS IMPOSTOS EM 1926</b> , de Vicente Piragibe.....   | 10\$000 |
| <b>TODA A AMERICA</b> , de Ronald de Carvalho .....   | 8\$000  |
| <b>ESPERANÇA</b> — epopéa brasileira, de Lindolpho Xavier.....  | 8\$000  |
| <b>APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL</b> — pelo Padre Leonel da Franca S. J. — cart. ....   | 6\$000  |
| <b>CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS</b> , de Maria Lyra da Silva  | 2\$500  |
| <b>QUESTÕES DE ARITHMETICA</b> , theoricas e praticas, livro oficialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré...  | 10\$000 |
| <b>INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIO GERAL</b> , 1.º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda, broch 16\$, enc.  | 20\$000 |
| <b>TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA</b> , de Raul Leitão da Cunha (Dr.), Prof. Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$000, enc. .... | 40\$000 |
| <b>O ORÇAMENTO</b> , por Agenor de Roure, 1 vol. broch. ....  | 18\$000 |
| <b>OS FERIADOS BRASILEIROS</b> , de Reis Carvalho, 1 vol. broch. ....   | 18\$000 |
| <b>THEATRO DO TICO-TICO</b> , repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças,  |         |

|   |         |
|---|---------|
| poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart. ....   | 6\$000  |
| <b>HERNIA EM MEDICINA LEGAL</b> , por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol. broch. ..  | 5\$000  |
| <b>TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA</b> , de Abreu Fialho (Dr.), Prof. Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1.º e 2.º tomo do 1.º vol., broch. 25\$ cada tomo, enc. cada tomo..... | 30\$000 |
| <b>DESDOBRAMENTO</b> , de Maria Eugenia Celso, broch. ....  | 5\$000  |
| <b>CONTOS DE MALBA TAHAN</b> , adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart. ....  | 4\$000  |
| <b>CHOROGRAPHIA DO BRASIL</b> , texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart. ....   | 10\$000 |
| Dr. Renato Kehl — <b>BIBLIA DA SAUDE</b> , enc. ....  | 16\$000 |
| " " " <b>MELHORES E PROLONGUEMOS A VIDA</b> , bronch. ....  | 6\$000  |
| " " " <b>EUGENIA E MEDICINA SOCIAL</b> , broch. ....  | 5\$000  |
| " " " <b>A FADA HYGIA</b> , enc. ....   | 4\$000  |
| " " " <b>COMO ESCOLHER UM BOM MARI DO</b> , enc. ....   | 5\$000  |
| " " " <b>FORMULARIO DA BELLEZA</b> , enc. ...   | 14\$000 |
| Heitor Pereira — <b>ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS</b> , 1 vol. cart.  | 10\$000 |
| Clodomiro R. Vasconcellos — <b>CARTILHA</b> , 1 vol. cart. ....   | 1\$500  |
| Prof. Dr. Vieira Romeiro — <b>THERAPEUTICA CLINICA</b> , 1 vol. enc. 35\$, 1 vol. broch. ....   | 30\$000 |
| Evaristo de Moraes — <b>PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL</b> , 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch. ....   | 16\$000 |
| Miss. Caprice — <b>OS MIL E UM DIAS</b> , 1 vol. broch. ....  | 7\$000  |
| Alvaro Moreyra — <b>A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM</b> , 1 vol. broch.....  | 5\$000  |
| Elisabeth Bastos — <b>ALMAS QUE SOFREM</b> , 1 vol. broch. ....   | 6\$000  |
| A. A. Santos Moreira — <b>FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL</b> , 4.ª edição .....  | 20\$000 |





*PHAETON LINCOLN DE SPORT*

A suggestiva beleza do Phaeton Lincoln de Sport lembra a graça e a celeridade desenvolvida da gaivota. Assim como o passaro corta os ares em vôo veloz sem esforço consciente, os recursos de força do Lincoln obedecem a todas as necessidades de quem o guia com igual liberdade destituida de esforço. A aceleração correspondente a todas as exigencias do trafego, a velocidade incomparavel, a fa-

cilidade de direcção, asseguradora da confiança de se vencer qualquer emergencia — taes são as qualidades primaciaes do bom funcionamento do Lincoln. Essas qualidades estão admiravelmente caracterizadas em cada detalhe cuidadosamente seleccionado do equipamento e do rico acabamento em todos os lineamentos e na graciosa curva deste desenho de Locké.

L I N C O L N M O T O R C O M P A N Y

*Divisão da Ford Motor Company*

R I O D E J A N E I R O — P O R T O A L E G R E — R E C I F E — S . P A U L O



O Senhor Washington Luis  
com o Embaixador de Fran-  
ça, no Palacio do Cattete,  
quando o senhor Conde de  
Dejean fôï apresentar ao  
Presidente da Republica as  
suas credenciaes.

# ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO — JUNHO DE 1928

ANNO — IX NUMERO 94

## COUSAS INACTUAES

Uma das ficções mais curiosas desta nossa época, tão profundamente anticientífica no seu immenso armazem de invenções mecánicas, é a da liberdade americana. Nos Estados Unidos, as Ligas Phohibicionistas, a Ku-Klux-Klan e tantos outros engenhos de violencia mystica vão comprimindo as consciencias, e estas, enquanto se não libertam pela contra-violencia, explodindo, vão-se esgueirando pelas frestas abertas pela hypocrisia, mãe de mil manobras. Nos outros paizes, sabemos que o pendulo politico oscilla perpetuamente entre a tyrania e a desordem.

Nos Estados Unidos, o individualismo anglo-saxonio não se compensa bastante com aquelle instincto policial que torna solidarias as existencias do homem e do estado, numa verdadeira symbiose. Na America latina, o espirito gregario das gentes requereu sempre a dominação de um cazarismo ambiguo; ora encarnado no estado, ora na demagogia anonyma. O nosso grande Nabuco observava, que, enquanto o relógio do parlamentarismo britannico marca os minutos da opinião, o americano marca as horas. O anglo-americano, porque o outro talvez não chegue a marcar séculos.

Tivemos nós, no Brasil — imperio, alguma cousa que se parecia com liberdade na ordem. Mas foi um bovarysmo politico de que logo nos curámos, reintegrando a fraternidade sul-americana, segundo prégavam os promotores da medicação.

Isto que digo não é em defesa da democracia, que mais e mais se me afigura um erro, e um logro dos povos. Entre as nações não amadurecidas, e são quasi todas, encarregadas de territorios superiores ao alcance da sua acção intelligente, como os exercitos de mais de 40 mil homens excediam o genio militar e prophético do marechal de Saxe, — representação directa, suffragio universal, e o mais que dos discursos consta, são mascaras da olygarchia pretoriana (Italia, Hespanha) da plutocracia (Estados Unidos, Allemanha) da demagogia (Russia etc.).

Entretanto, inda que erroneo, é esse o systema adoptado, e pede uma experiencia honesta, que lhe revele de uma vez a virtude ou a fraqueza fundamental. E' o que procuram fazer os povos concentrados num territorio de limites humanos, onde a communicacão é uma realidade e a existencia unida, capazes de espirito critico, affeitos já ao uso simultaneo da ordem e da liberdade individual. Assim a Grã Bretanha, a Belgica, a França. Estes soffrem, e não pouco ás vezes, daquelles mesmos males que agitam os outros. Mas em gráo infinitamente menor, e de passagem. Téem já um instincto de equilibrio.

Estas considerações são inactuaes.

T R I S T Ã O   D A   C U N H A



PALACIO  
ITAMARATY



Terraço, Jardim,  
Salão de honra,  
Sala Joaquim Nabuco





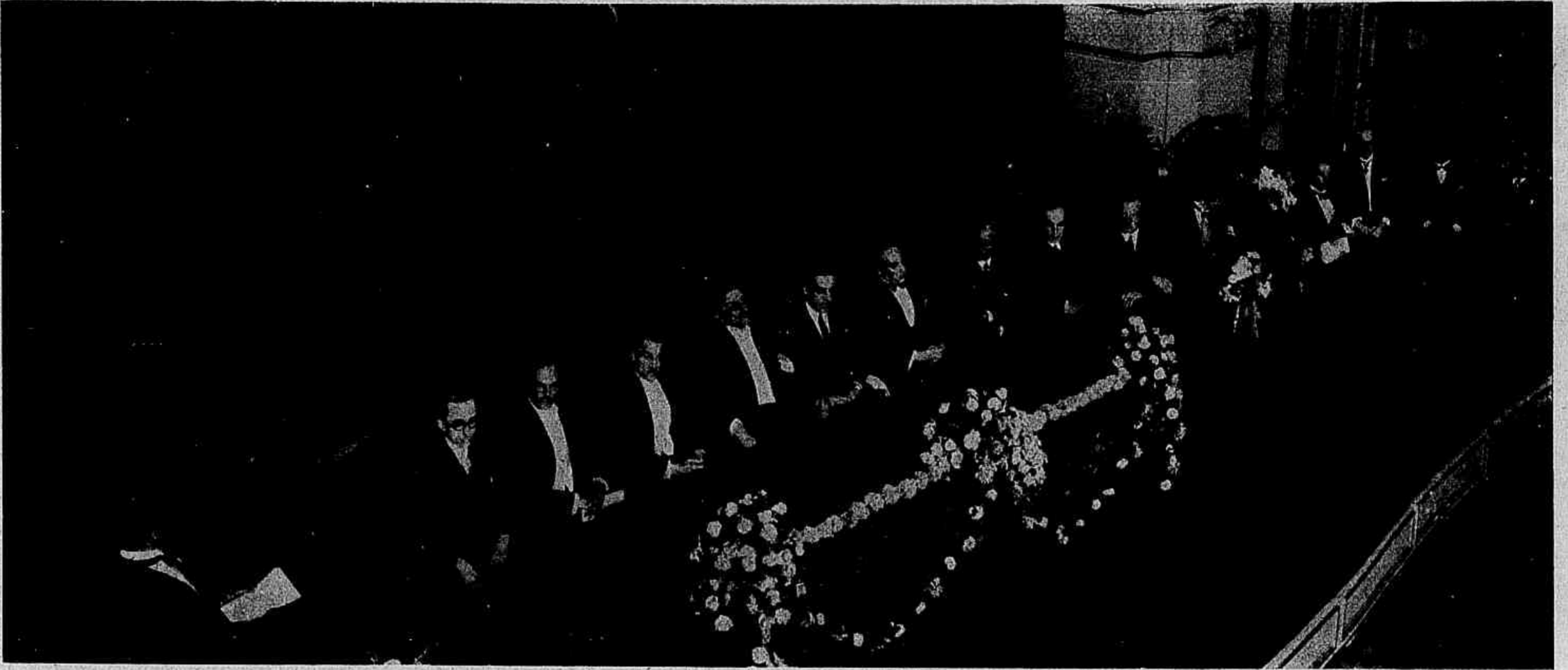
Sala Ruy Barbosa

Salão Rio Branco,  
gabinete do Ministro

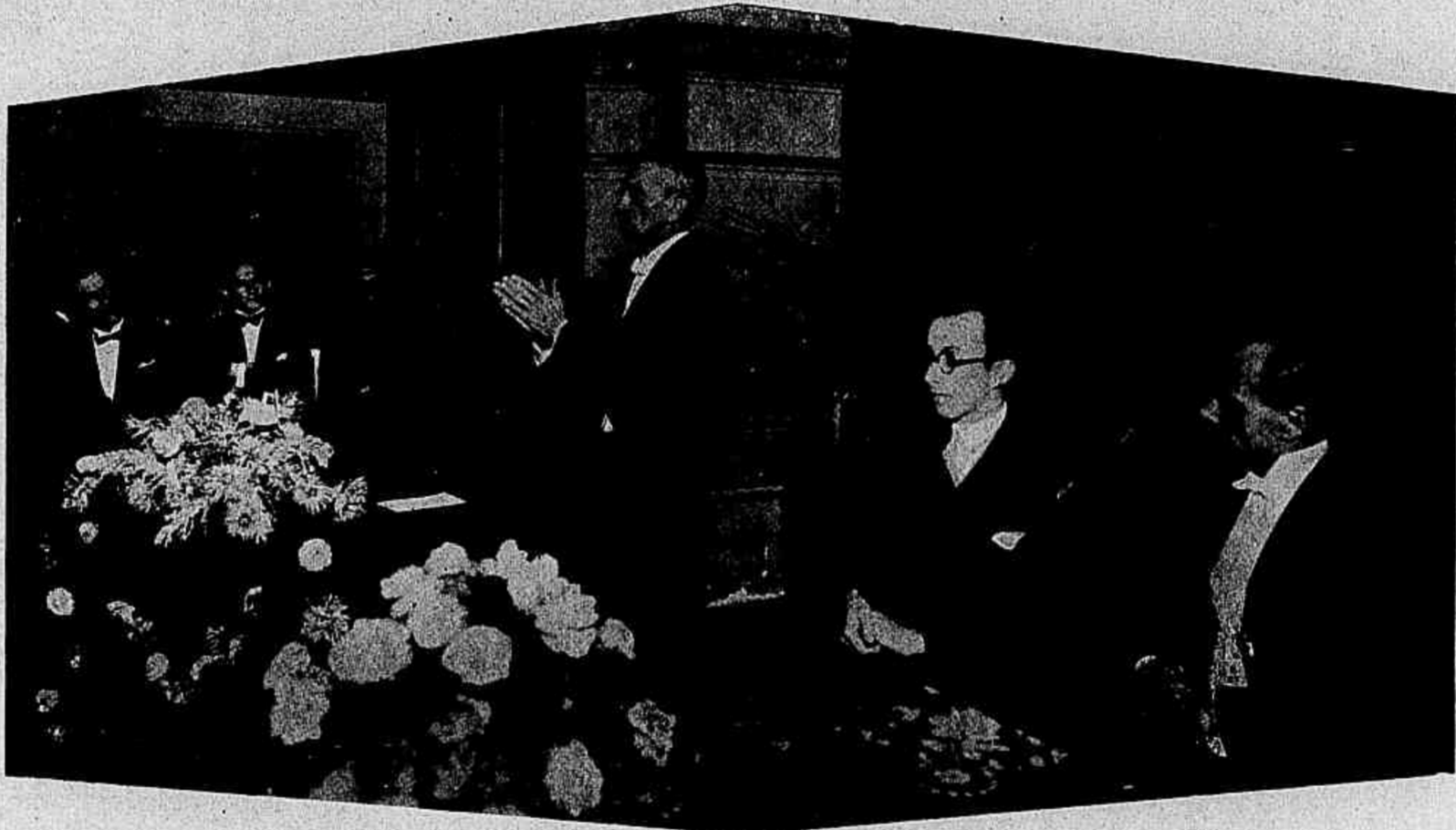
Galeria esquerda

MINISTERIO  
DAS  
RELAÇÕES  
EXTERIORES

**ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::**



**A mesa que presidiu a festa organizada pela revista "O Malho" e pela Associação Brasileira de Imprensa para a entrega a Coelho Netto do título de Príncipe dos Prosadores Brasileiros.**



**O grande escritor agradecendo as homenagens que lhe foram prestadas.  
Grupo á entrada do Instituto Nacional de Musica.**



## Ernesto Nazareth

Ernesto Nazareth já entrou na casa dos sessenta porém pra lhe compreender a musica a vida longa delle quasi não adianta nada. Não se distingue dessa monotonia de nascer e viver, o que significa lutar soffrendo-a historia eterna do verso "A vida é um combate" que até os indios descobrem através da metrica dos Gonçalves Dias. E por enquanto graças a Deus vae Ernesto Nazareth continuando nas mesmas lutas e de quando em vez um gostinho colecionado cuidadosamente... pro rei Alberto ver.

Não se aprende nada com a existencia delle. Foi temporão no piano sob as caricias maternas e inda batucou doze mezes aconselhado por Eduardo Madeira. Quando principiou compondo tomou umas oito lições com o prof. Lambert que repetiu-lhe oito vezes este conselho bom: — "Pinta as hastes das notas mais de pé, Ernesto," E foi tudo. De longe em longe inda escutou o elogio dum Henrique Oswald, dum Francisco Braga. Porém o conselho mais util que recebeu foi esse um do prof. Lambert pro curumim de 14 annos. Ernestinho compreendeu que todas as hastes deste mundo altivo sejam notas de musica, minimas ou fusas, sejam seres humanos, manguaris ou catataus, carecem de estar em pé, bem firmes e mesmo bem sosinhas. Cultivemos a memoria desse professor marabá por ter incutido no Ernestinho o aviso mais nacional que a gente pode dar no paiz inventor do proverbio caritativo: E' tempo de murici, cada um cuide de si.

Ernestinho virou Ernesto, principiou encontrando nas vitrinas das casas-de-musica o nome de Ernesto Nazareth impresso, seus tangos foram executados e gostados, se espalharam e o compositor teve a gloria de ser tão familiar da patria delle inteirinha que todos falavam "o Nazareth" que nem se trata um primo um sobrinho e os amigos do nosso coração. Faz bem uns vinte annos que conhece uma celebridade sublime embora não frutifera. E desde muito o pomar das alegrias mais dinamicas da terra delle. Ao fungagá dos seus tangos muitos se tem saracoteado rido e gosado neste paiz e por essa precisão de memoria amorosa que só os artistas verdadeiros despertam, o nome delle vem se gravando nas lembranças da maneira menos egoista do amor: sem que reflecta a imagem dum corpo amigo ou amante. O Nazareth... Quem era? Não se sabia não. E' inútil se saber. Era um desses amores que estão na religiosidade obscura de todos os vivos capazes de querer bem, na parte de nós em que amamos os nossos mythos, os actos sem agentes, os movimentos sem motores, os nomes sem corpo, os anjos e os artistas.

Porém o homem continuava brigando feio com a subsistencia. Os escrevedores de idylls falam que o Brasil é uma primavera sem parada. Deve de ser si por acaso a primavera é tempo de murici.

No emtanto si é certo que a obra de Ernesto Nazareth tem uma boniteza, uma dinamica fóra do commum e elle appareceu e se desenvolveu no momento opportuno não comprehendendo bem não como é que se tornou popularmente celebre. Si foi opportuno não tem nada de opportunista nelle e é sabido que nem mesmo a genialidade basta para um individuo se popularizar. Ora a primeira observação que impõe-se a quem estuda a obra dansante delle é que de todas as musicas feitas para as necessidades coreographicas do povo é a menos tendenciosamente popular que pode haver.

A prova mais objectiva disso está no decidido character instrumental de Ernesto Nazareth.

Em geral as composições dansantes baseiam a sua vulgarisação no imitarem o côro orchestico popular. As dansas do povo são na sua maioria infinita dansas cantadas. De primeiro foi sempre assim e os instrumentistas virtuosos da Renascença quando transplantaram as gigas as alemandas as sarabandas do canto pros instrumentos tiveram que fazer todo um trabalho de adaptação cuidadora. Esta adaptação consistiu em tirar das dansas cantadas a essencia cancionista dellas e dar-lhes character instrumental. Substituíram o thema estrophico pelo motivo melodico, a phrase oral pela celulla rhytmica. Embora ainda com reservas, pelo estado actual dos meus conhecimentos antevejo que talqualmente a milonga e o tango argentino successor della, o maxixe tambem teve origem immediata instrumental. Porém tanto o maxixe como o tango argentino e como o fox-trot pra se popularizarem viraram logo liederescos, se tornaram dansas cantadas. Essa feição cancionista a gente percebe mesmo nos mais admiraveis musicos coreographicos como John Philipp Souza, Johan Strauss pela norma phraseologica e não cellullar da invenção. Se sente a melodia cantada, se sente o verso oral. Pois Ernesto Nazareth se afasta dessa feição geral dos compositores coreographicos por ter uma ausencia quasi systematica de vocalidade nos tangos delle. E' o motivo, é a cellula melodica ou só rhy-

tmica que lhe servem de base para as construcções. O *Espalhafatoso* por exemplo é construido sobre uma celulla rhytmica só, ao passo que o *Sagas* é inteirinho architectado sobre um motivo rhytmico-melodico de quatro notas.

Se imagina pois que força de invenção rhytmica elle possui. Está certo. Poderão falar que afeiçoa especialmente certas fórmulas de medida que se repetem em obras differentes... Tambem está certo porém isso não quer dizer pobreza não. E' duma variedade rhytmica estupenda e entre os parceiros delle não tem nenhum que seja tão couro-nagua para desenvolver um motivo rhytmico. E são prova no mais dessa riqueza e poder o *Fon-fon* o *Garoto* o *Pierrot* o *Tenebroso*.

Porém careço de voltar ainda ao character instrumental de Ernesto Nazareth pra uma observação. Se serviu do piano. Pois bem a obra delle é pianistica como o que. Pianistica mesmo quando se inspirando no instrumental das serestas, funcções, chôros e assustados reflecte o officleide, o violão, e especialmente a flauta que nem no trio do *Atrevido* e no *Arrojado* quasi inteiro. Então numa obra-prima sapeca, o *Apanhei-te Cavaquinho*, este e a flauta numa capoeiragem orchestica de espirito inegualavel, rivalizam de personalidade, ambos maxixeiros de fiança, turunas no remelexo e cueras na descaida.

Mas em geral Ernesto Nazareth se conserva dentro do pianistico intrinseco. Observem o *Batuque* ou pra só citar obras-primas o *Turuna* electrizante o *Soberano* o *Bambino* e o *Nênê*. Duma feita me contou que executára muito Chopin. Eu já pensamenteara á uma pergunta proposital que fiz pra elle, Ernesto Nazareth nisso pela influencia subtil do pianistico de Chopin sobre a obra delle. Talvez esta affirmativa sarapante muito feiticista mas é a mais verdadeira das affirmativas porém. Não basta não a gente tocar piano pra compor obras pianisticas, isto é, que revelem os caracteres e possibilidades do instrumento e muitas vezes mesmo tirem delle a natureza inicial da criação. Tem um poder de compositores dansantes que tocam piano e que nunca foram pianisticos. Nazareth não. O cultivo entusiasmado da obra chopiniana lhe deu além dessa qualidade permanente e geral da adaptação ao instrumento empregado, o pianistico mais particular de certas passagens como a 3ª parte do *Carioca* ou tal momento do *Nênê*. Ainda é chopiniana essa maneira demonstrada no *Sarambeque*, no *Floraux*, na 4ª parte do esparramado mas excellente. *Ramirinho*, de melodizar em accordes tão contra a essencia monodica da musica popular.

A este ultimo respeito inda temos mais. Si é verdade que a harmonisação de Ernesto Nazareth segue o modêlo geral das modulações cadenciaes esse simplismo popular é disfarçado por um cromatismo saboroso uma pererequice melodica difficil em que a todo momento surgem notas alteradas chofrando na surpresa da gente com o inesperado de inhambú abrindo vô. E então com que sciencia habilidosa elle equilibra as sonoridades! As harmonisações, os accordes, as oitavas, os saltos arrevezados, audaciosissimos até, jámais não desequilibram a ambiencia sonora. Possui uma perfeição de fatura que mesmo quando a invenção é mediocre ou vulgar, torna interessantes e nobres tangos que nem o *Catuba* e varios mais.

Por todos estes caracteres e excellencias, a riqueza rhytmica, a falta de vocalidade, a cellullaridade, o pianistico muita feita de execução difficil a obra de Ernesto Nazareth se distancia da producção geral congenere. E' mais artistica do que a gente imagina pelo destino que teve e deveria de estar no repertorio dos nossos recitalistas. Posso lhes garantir que não estou fazendo nenhuma affirmativa sentimental não. E' a convicção desassomburada de quem desde muito observa a obra delle. Si alguma vez a prolixidade encomprida certos tangos muitas das composições deste mestre da dansa brasileira são criações magistraes, em que a força concepçional, a boniteza da invenção melodica a qualidade expressiva estão dignificadas por uma perfeição de forma e um equilibrio surpreendentes.

Tem na obra delle uma elegancia uma difficuldade altiva e até mesmo uma essencia psychologica sem grande character nacional embora expressiva, qualidades que deveriam-no isolar na roda menos instinctiva e menos inconsciente das elites pequenas... O proprio Ernesto Nazareth mostra perceber essa distincção refinada pela repugnancia que tem ante a confusão com que os tangos delle são chamados de maxixes. A mim já me falou que os tangos não são tão baixos como os maxixes. Andei imaginando que isso era susceptibilidade de quem ignorava que o proprio tango se originou nas farras do porto montevidéano entre a marinhagem changueira e as brancaranas, as

## ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA:

mulatas e as abunas, moças de profissão. Porém hoje dou razão pra Ernesto Nazareth. O que o brasileiro chamou um tempo de tango não tem relação nenhuma com o tango argentino. E' antes a habanera e a primitiva adaptação nacional dessa dança cubana. Também aliás conhecida por tango do Uruguay e na Argentina pelo que informa Vicente Rossi em *Cosas de Negros*. A contradição de que os tangos de Ernesto Nazareth possuem a rhytmica do maxixe e este é que se dança com elles não tem valor nenhum. As proprias habaneras são maxixaveis desde que a gente lhes imprima andadura mais afobada. E justamente quando Ernesto Nazareth estiver executando os senhores porão reparo em que elle imprime aos tangos andamento menos vivo que o do maxixe. Na verdade Ernesto Nazareth não é representativo do maxixe que nem Eduardo Souto, Sinhô, Donga e o proprio Marcelo Tupinambá que é uma variante provinciana da dança originariamente carioca. Ernesto Nazareth poderá quando muito ser tomado pelo grande anunciador do maxixe, isto é, da dança genuinamente brasilica, já livre do caracter hispano-africano da habanera. Ainda com reservas já posso imaginar que o maxixe nasceu da fusão da habanera e da polka, a qual informa França Junior os cariocas dansavam "arrastando os pés dando ás cadeiras um certo movimento de fado." Nesta descrição é facil se perceber a proximidade em que essa polka estava da coreographia familiar e primitiva do maxixe tal como ainda foi encontrado por Julio Roca quando em 1907 veio no Brasil. Foi da fusão da habanera pela rhytmica e da polka pela andadura, com adaptação da sincopa africo-lusitana que originou-se o Maxixe. Ora eu falei faz pouco na essencia psychica pouco nacional de Ernesto Nazareth. Torno a falar. Na obra delle prodigiosamente fecunda a gente já encontra manifestações inconfundivelmente nacionaes e em geral quasi tudo o que se tornaria mais tarde processos, fórmulas e lugares-communs melodicos, rhytmicos, pianisticos nacionaes sobretudo entre compositores de maxixes. Mas por vezes tambem essa obra se encontra paredes-meias com a habanera que nem no pedal de dominante do *Reboliço*, e na 3.<sup>a</sup> parte do *Digo*. Então o *Pairando* desde que executado mais molengo se torna uma habanera legitima. E a melódica européa não é rara na obra de Ernesto Nazareth. Si por exemplo a gente executa a 1.<sup>a</sup> parte do *Sagaz*, fazendo perfidamente de cada tempo do dois-por-quatro, um compasso ternario dá de encontro com a mais allemã das valsas deste mundo. Pensem não que isto é censura minha. E' evidente que não tenho tempo a perder para estar bancando o purista e o patriotico. Acho mesmo um encanto humano em perceber elementos estranhos numa dessas joias da invenção popular seja uma farça de Piolin co-co "Do Brasil ao Far-West" seja no maxixe recente *Christo nasceu na Bahia* onde se intromette a horas tantas um memento melódico norte-americano. Minha opinião é que o destino do homem fecundo não é defender os thesouros da raça mas augmental-os porém.

Dentre as características que percebo na obra de Ernesto Nazareth agora só me resta falar duma. A sua expressividade psychologica. Tambem nisso elle se distingue do genero popular em geral e particularmente se afasta da musica nacional. Esta, não tem duvida que possui uma expressão ethnica admiravel, é malinconica, é ironica, é por vezes pereréca e no mais barreada de dengue sensual. Porém, como na maioria dos casos universaes não é expressiva nesse sentido de se accommodar a estados-de-alma transitorios. Não é psychologico em relação ás palavras que a acompanham ou ao titulo que leva. A musica popular é a expressão mais absoluta da musica pura, até mais que um Mozart, um Scarlatti ou Strawinsky. Não é musica "tranche de vie" nem descriptiva não, feito Schumann, um Berlioz, Monteverdi ou Mussorgsky.

Pois Ernesto Nazareth muitas vezes se aproxima desde genero da musica psychologica e descriptiva e os titulos dos tangos delle não raro querem significar alguma coisa. Elle segue essa tradição deliciosa pela qual desde os lundús polkas e modinhas do 1.<sup>o</sup> Imperio a nossa gente apresenta um thesouro verdadeiro de argucia, pernosticidade, meiguice e humorismo em titulos musicaes. Só nelles possuímos um monumento lyrico da nacionalidade. Basta compulsar um repertorio de tangos argentinos, de valsas e cantigas francesas e italianas, de fados de lieder, mesmo de rag-times e depois um catálogo de maxixes pra ver como o sentimento a pieguice e a vivacidade de espirito collaboram na titulação indigena. E' um encanto! E isso desde aquelles seresteiros "do apá virado" que descantavam a *Quis debalde varrar-te da memoria* ou a *Yáyá* você quer morrer, de Xisto Bahia; a *Tão longe de ti distante*; a *Não se me dá que outros gosem*; *Ao céo pedi uma estrella*; *O angú do Barrão*; *A' terra um anjo baixou*; *A mulher é um diabo de saias*; todos titulos admiravelmente empapuçados de melosidade e besteira que iriam repercutir nas valsas e schottishs do regimem republicano. E então os sambas polkas tangos e afinal maxixes que se chamaram e chamam: *Quem comeu do Boi*; *Amor tem fogo*; *Que é della*, as cha-

ves?; *Capenga não forma!*; *Sae cinza*; *Bota abaixo*; *Assim é que é*; *Ai! Joaquina*; *Pisando em ovos*; *Seu Derfim tem que vortá*; *Seu Coutinho, pega o boi*; (O boi atravessa a preocupação nacional, o cyclo do Boi Epitacio, o Bumba, meu boi, o Boi Bumbá...) ainda o boi vem no maxixe. Este boi é bravo; e mais titulos adoraveis como *Os Voadó*; *Saracoteio*; *Batuta, Sacudida*; *Tatú subiu no pau*; *Vê si é possivel*; *Lingua Comprida*; *Fogo de Palha*; *Peruando*; *Encrenca*; *Vamo, Maruca, vamo*; *Tem roupa na corda*; *Eu só quero é beliscá*; *Roxura*; *Abobra sem pevide*; *Engasga gato*; *Foi atrás da bananeira*, etc. e tal. Porém esses nomes nada têm que ver não com as musicas que titulam. São manifestações livres de espirito, de carinho, de sensualidade e por vezes dessa vontade de falar bobagens methaphoricas, que, nem o *Fubá*, a *Caneca de Couro*, costume tão inconfessavelmente nacional.

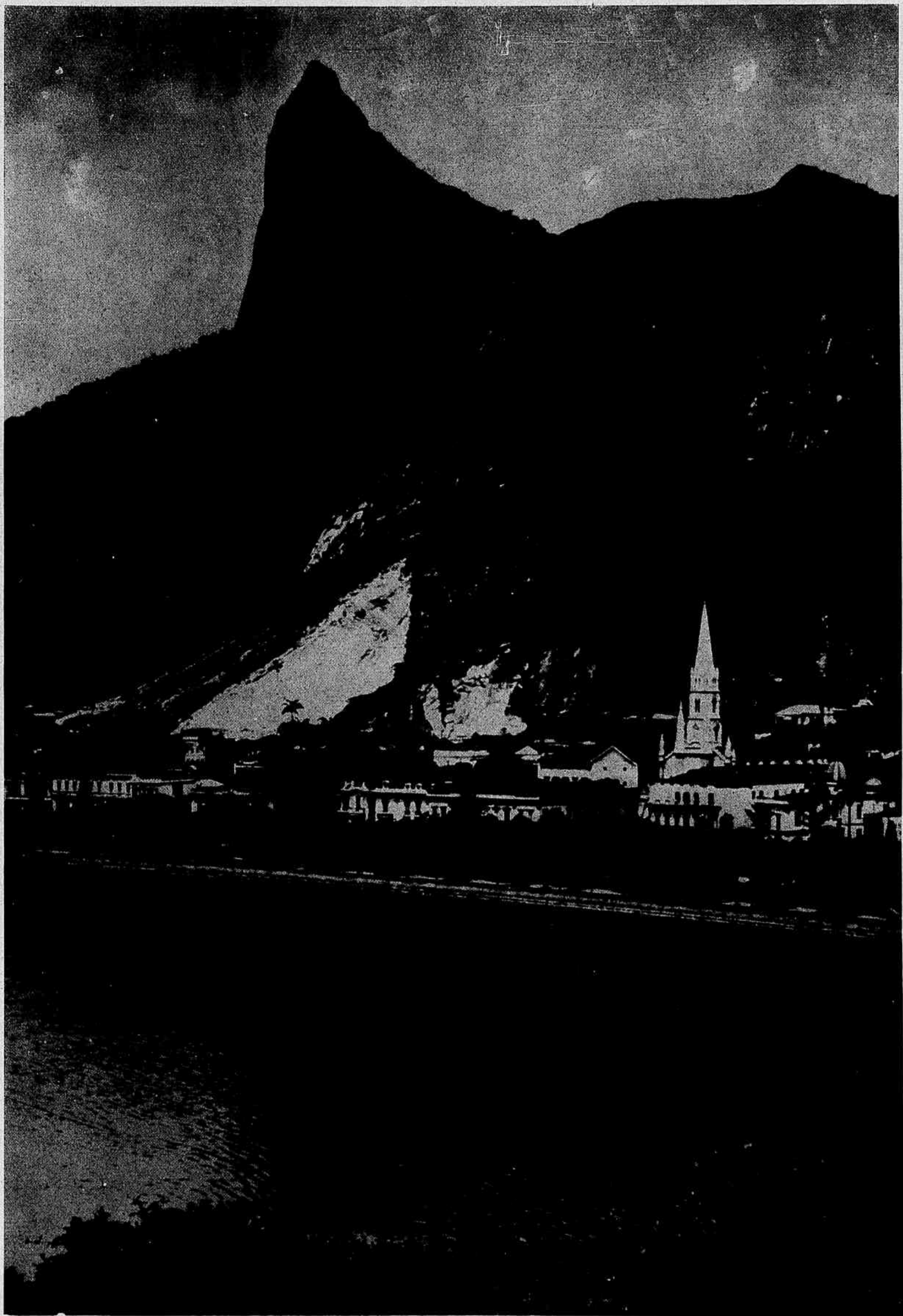
Ernesto Nazareth participa dessa tradição porém com elle já muitas vezes o titulo se relaciona com o *ethos* da musica. Assim essa outra obra-prima, o *Está Chumbado* cuja rhytmica é um pileque de expressividade impagavel. No *Soberano* a dinamica dos arpejos oitavados de imponencia soberba ergue soberanamente do teclado. No *Pairando* muito inferior, em que a melódica feito de tremeliques imagina pairar e cuja introdução lembra o descriptivo incipiente e coitado duma Chaminade, dum Godard e outrinhos do mesmo desvalor. Porém, já duas outras obras-primas combatem essa fragilidade: o *Tenebroso* que é de deveras tenebroso e o *Talisman* todo mysterio e estranheza.

Aliás raramente, que nem nestes dois tangos, Ernesto Nazareth abandona a alegria. Não possui aquella tristura permanente tão do nosso povo que é da intimidade de Marcello Tupinambá. E' o espevitamento chacoalhado e jovial do carioca que Ernesto Nazareth representa. Em compensação a tristura de Marcello Tupinambá é uma tristura gostosa de se escutar, é franca, é molenga, é caldo-de-canna, é melado grosso, nem bem tristura, antes a lombeira do corpo amulegado pelo solzão do Brasil enchendo o espirito de fatalismo e de paciencia. Nazareth não sabe ter essa tristeza sonora e chiando que não faz mal. Descendo em linha recta dos vatapás pimentados e quando entristece é duma violencia sorumbatica, é sombrio é mesmo tragico. Se observe por exemplo o *Myosotis*, o tango *Tupinambá* e essas tres perfeições que são o *Odeon*, o *Digo* e o *Bambino*. Só mesmo no famoso *Brejeiro* elle attingiu a tristura provinciana. E é curioso de se por reparo que justamente nesse tango a phrase inicial coincide estranhamente com o lamento Teirú dos indios parécis, só mais tarde revelado na "Rondonia".

Seria inda importante esclarecer a posição de Ernesto Nazareth na organização da musicalidade nacional e na formação historica do maxixe... Estudar por exemplo a evolução da sincopa contra-tempo mathematico da musica européa, tal como a usada tanto por Bach como pelo fado portugues e ainda no Brasil Colonia como prova a modinha. Foi-se Josino registrada por Spix e Martins, para sincopa nossa, entidade rhytmica absoluta e pode-se dizer mesmo insubdivisivel. Essa evolução está reflectida na obra de Ernesto Nazareth. Porém tudo isso nos levaria para mais duas horas de falação. E confesso que apezar dos documentos abundantes que estou recolhendo e estudando muito ponto historico e mesmo tecnico inda ficaria incerto num terreno virgem em que o proprio nome de "maxixe" não sabe muito bem donde veio (1). Nada se tem feito sobre isso e é uma vergonha.

A musicologia brasileira inda cochila numa caduquice de criticas puramente literarias. Se exceptuando as datas historicas facteis e as anedotas de enfeite, o diazinho em que uma senhora campineira teve a honra de produzir o talento melódico de Carlos Gomes, as invejas de Marcos Portugal ante a gloria nascente de José Mauricio, a gente não sabe nada de verdadeiramente critico de scientifico de basico e principalmente de orientador sobre a musica brasileira. Não creio não que a gente deva excluir do patrimonio nacional o germanismo de Leopoldo Miguez ou o individualismo despatriado de Glauco Velasques porém creio que depois de tradicionalizados os caracteres nacionaes na musica erudita esses entes serão reduzidos á pasmaceira de placas tumulares e a esses espantalhos da circulação praceana a que a gente em geral chama de estatuas. A Historia-da Musica que nem todas as outras historias está cheia desses tumulos inuteis. Si o Brasil é um vasto hospital (coisa que dá esperança de se possuir em breve uma porção de individuos... sarados) a Historia da Musica é um cemiterio vasto. Porque de deveras não são nada mais que inutilidades tumulares os que tendo vivido uma existencia individual por demais não ficaram agindo que nem um Bach, um Rameau, um Palestrina, na permanencia das nacionalidades ou da unanimidade dos seres terrestres. Ora vamos e venhamos: a nossa musicologia não tem feito até agora nada mais que escrever o distico desses tumulos ou plasmar o gesto empalariado de estatuas que a ninguem não edificam. Embora haja utilidade historica ou esthe-

(Termina no fim do numero)



RIO  
DE  
JANEIRO

Praia de Botafogo. Ao fundo, o Corcovado

# Pouso Secco



POUSO Secco é lá... e o braço estendido apontava para a serraria azul que ia corcoveando pelo horizonte até perder-se longe em tintas esbatidas de azul e cinza.

— Lá, debaixo daquela pedra redonda, não vê? Na virada de cá é S. Paulo; para além já é o sertão de Angra. A divisa passa no alto da pedra. E eu ficava pensativo a ouvir as narrações dos tropeiros e dos caçadores, veteranos todos dos caminhos e sertões d'aquelle estirão de serra que limitava o meu horizonte. Aquella muralha alta, em recortes bizarros e nitidos, exaltava a minha imaginação infantil; era como uma cortina sobre o maravilhoso.

Para além ficavam os sertões, as cachoeiras vertiginosas, os vargedos lisos, os panoramas arrebatadores sobre o mar e as praias caprichosas de Angra. Eram casos que eu ouvia, e que me ficavam na memoria como velados de lenda e mysterio. E quantas vezes eu não sonhava acompanhar as tropas de cargueiros que madrugada alta partiam da fazenda, ao cincerro alegre da madrinha, carregadas dos productos das colheitas de serra-acima, e voltavam semanas após com balaios de peixes salgados, e côcos verdes de beira-mar. Ou então na companhia barulhenta de um rancho de caçadores, levando farnéis sortidos para o pouso, arma atravessada ás costas, com as matilhas de veadeiros, atrelados, com ganidos e choros, num frenesi de impaciencia ao toque rouco das buzinas de chifre.

Pouso Secco era na porta do sertão. Tropas que para lá se dirigiam, ahi paravam ao fim do primeiro dia de viagem. Depois da jornada de horas estafantes, sob a inclemencia da soalheira, já ao tramontar do dia, na calma reconfortante da tarde, os animaes presentindo a proximidade do pouso, reanimavam a andadura, na esperanza do descanso almejado. E ao grito dos tropeiros, a tropa lá parava sob os ranchos de sapé, unida, arfante da caminhada, e com relinchos soffregos para a ração de milho, que os tropeiros faziam cantar no fundo poido dos cochos. E quando a noite descia, refrigerante e perfumada como bençã do céu, toda accessa na maravilha incomparavel de suas luzes, já encontrava o fogo crepitante entre pedras, e os homens em roda, fumando pensativos, olhos perdidos no céu, acompanhando a voz de uma sanfona gemente e torturada, numa angustia infinita de saudade.

Pouso Secco era isso: rancho de tropeiros á porta do sertão, ao pé da serra aspera e bruta, que já não apparecia como de longe, forrada de velludo azul. Caminhos estreitos e tortuosos subiam ousadamente as encostas ingremes. Grotas altas e escuras de floresta eram sulcos profundos; aqui e além um riacho pequeno que se despenhava ás tontas do alto, e lages núas, lisas, humedecidas de suor, e rebrilhando cruamente ao sol. No alto apontava a ramaria escura e densa que se estendia além, por leguas e leguas até as praias de beira-mar. Era a orla do sertão. Esse sertão mysterioso que me impressionava com a suggestão das coisas lendarias, e que eu imaginava, segundo ouvia contar, atravessado pelas picadas dos caçadores e dos tropeiros, retalhado pelo carreiro largo das antas, com suas aguas frias e crystallinas em fundas bacias de pedra, com atoleiros infundidos, traiçoeiramente revestidos de gramados verdes, promptos em tragar para sempre o descuidado cavalleiro; com suas aves differentes, de plumagem variegada; com miados arrepiantes de onças pintadas nas caçoiras em noites de luar...

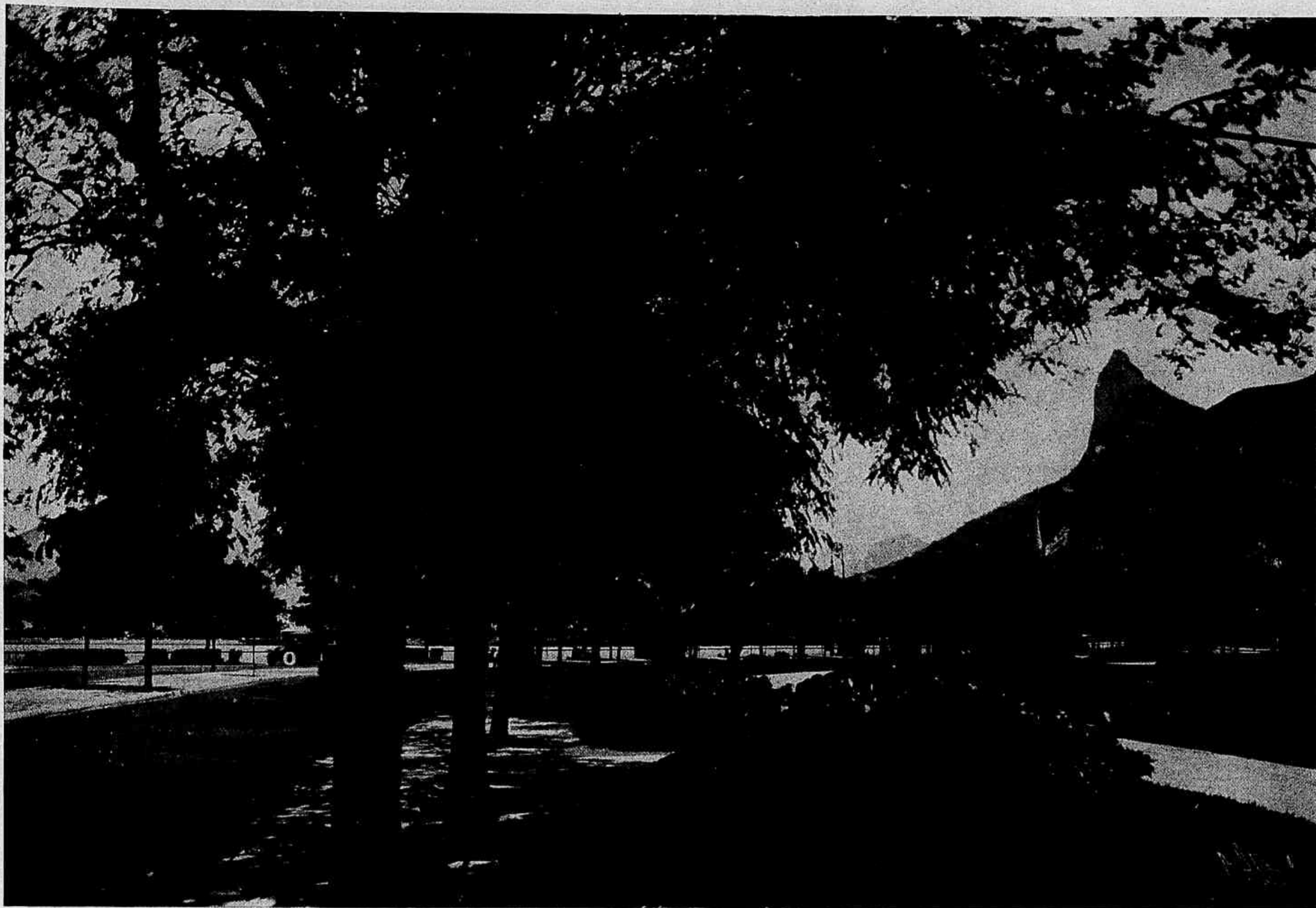
\* \* \*

Ha 10 annos era assim: toda aquella região que chamam o norte de S. Paulo dormia o somno da decadencia. As terras outrora ferteis e cultivadas, deixavam-se de novo vencer pelo matto vigoroso, como que tendendo a reintegral-as ao estado primitivo. As fazendas d'escravos, enormes e vazias, eram taperas mal-assombradas a beira das estradas; e as cidades scismavam quietas á sombra das palmeiras imperiaes, nos velhos tempos em que o fausto, a grandeza, o luxo desmedido eram movidos pela alavanca poderosa do ouro.

As velhas cidades faziam lembrar essas familias fidalgas, empobrecidas, que se recolhiam orgulhosas entre os muros dos seus castellos, fugindo ao convivio da sociedade rica. E inspiravam uma sympathia risonha, assim calmas e resignadas, guardando em cada pedra uma recordação do passado. A igreja matriz de dois torreões e pesados sinos; os sobrados vastos, acachapados, de largos beiraes, a praça fronteira á igreja, cercada de palmeiras altas, alinhadas, como um enfeite innocente e passadista.

A estrada de rodagem veio desmanchar esse encanto das velhas cidades, roubar-lhes a poesia do passado, a majestade ingenua e solemne das palmeiras... Os velhos caseiros centenarios de boa taipa, improvisados em garagens; "Fords" rolando aos trancos

(Termina no fim do numero)



Avenida Beira Mar, trecho de Botafogo

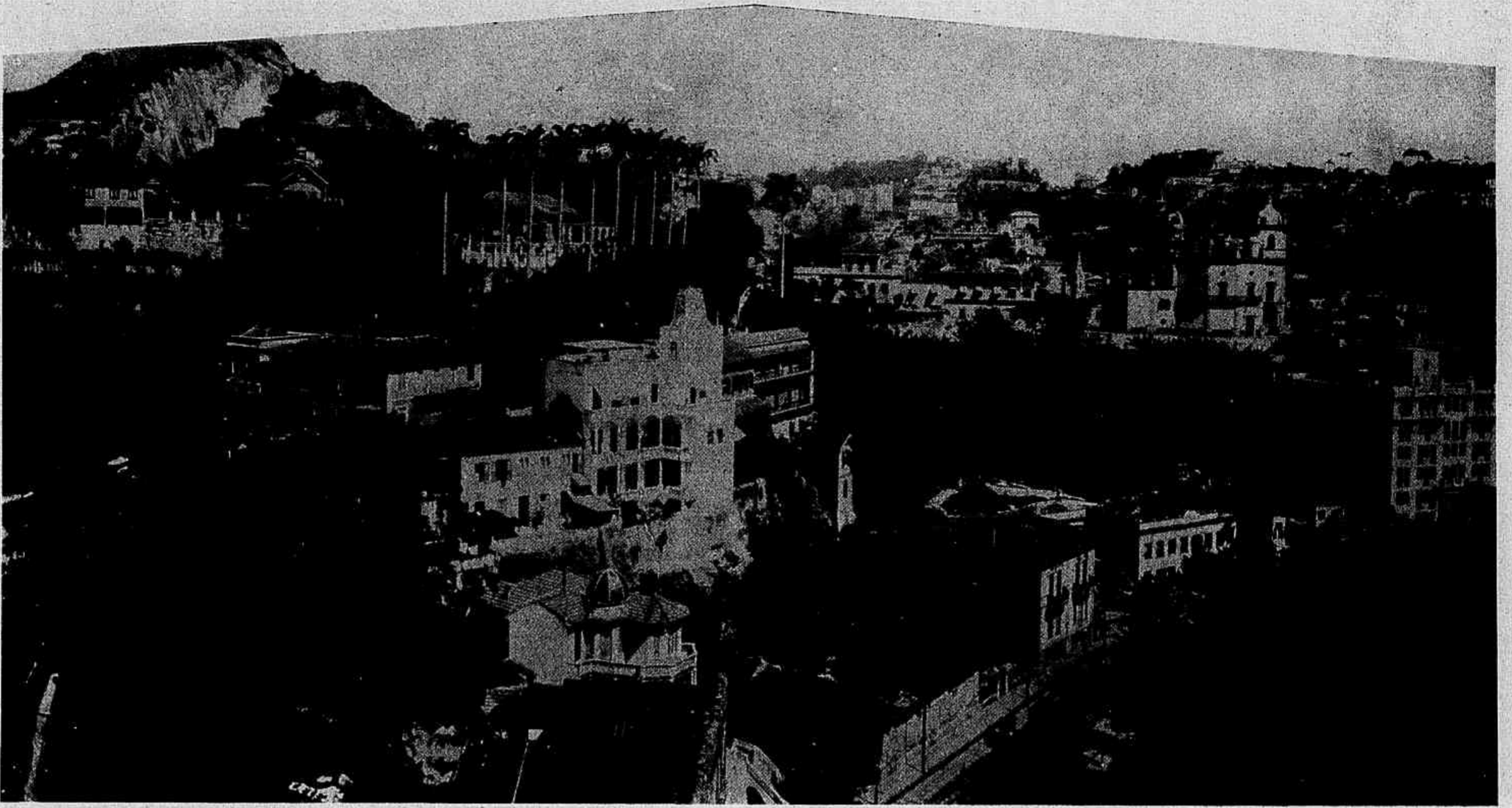
RIO DE JANEIRO

(Photos Malta)

Jardim do Russell



ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::



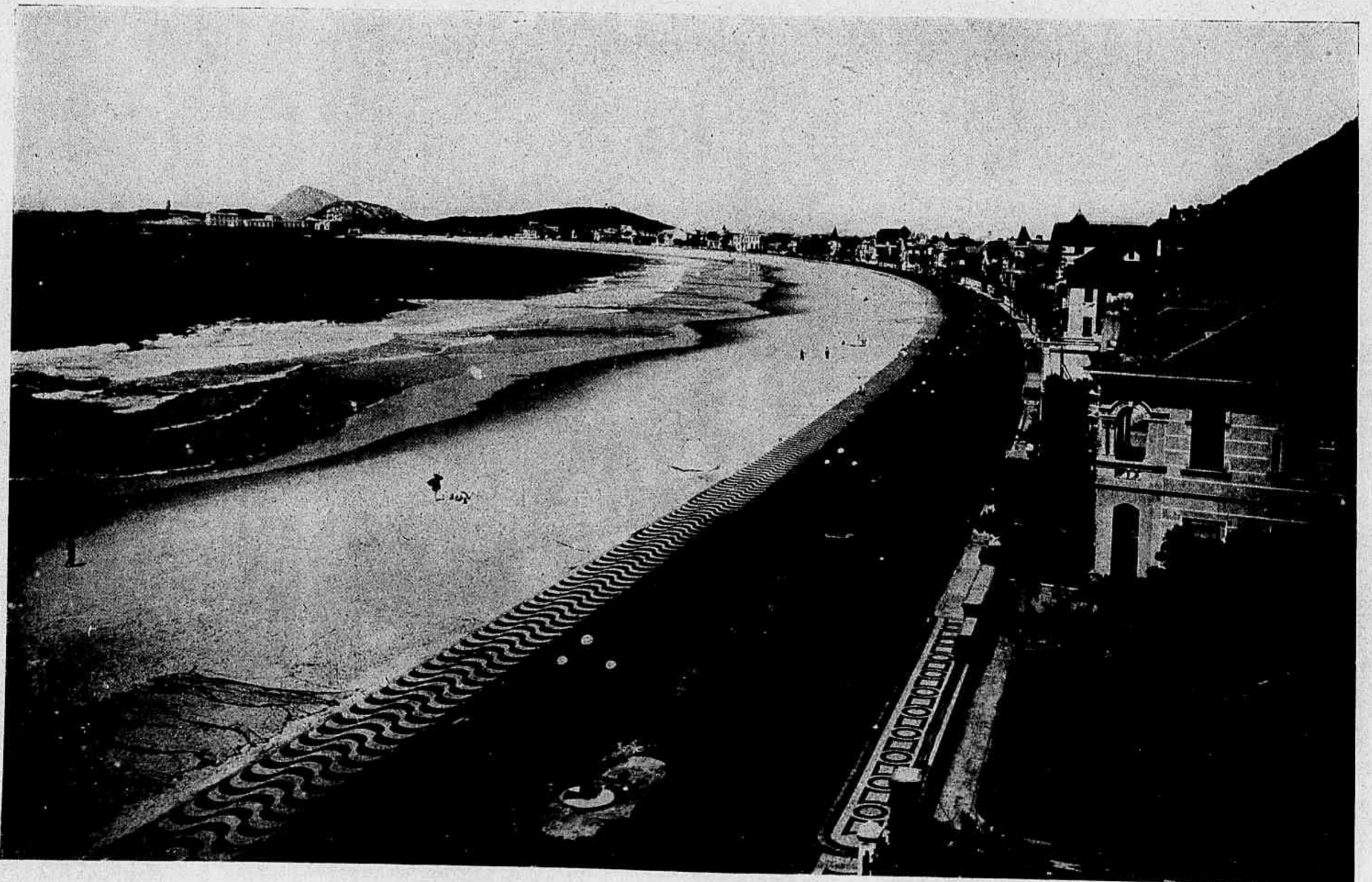
Aspecto do morro  
da Gloria

R I O

D E

Avenida Atlantica

J A N E I R O



## Quando florescerem as acacias...



Rio está repleto de feiticeiros e de charlatães, contava-me outro dia, uma senhora que gastou uma fortuna procurando a verdade e a ventura no seio dessa classe miserável e enganosa. Viajavamos, ambas, num sujo e sinistro trem da Leopoldina, pejado de creaturas, ostentando nas physionomias, o aspecto fatigado de entes que labutam sem cessar e se esgotam nesse constante combate á pobreza. Chegando a Nova Iguaçu, pequena e humilde estação suburbana do Estado do Rio, desceu uma parte dos viajantes, o que deu á silenciosa "gare" uma desusada feição de tumulto alegre.

— Aqui, murmurou-me baixo a minha companheira, existe um rebanho delles e, ha dias, em que metade dos passageiros da Leopoldina cá vêm consultal-os, numa confiança e numa fé admiráveis.

E até, outra tarde, aconteceu com um dos meus camaradas, aqui, residente, uma historia bem interessante. Achava-se elle com a filha doente de "grippe" e, noites inteiras, a sua lampada não se apagava, devido ás vigílias obrigatorias em torno da enferma. Testemunha desse facto anormal, um desses exploradores da credulidade alheia, lembrou-se de lhe mandar o seguinte recado:

— Envie-me cincoenta mil réis e, mesmo de longe, restituo a saúde á tua filha.

Embaraço do meu camarada, que não acredita em sortilegios, mas que teme a inimizade de um visinho.

De repente, bate na testa, exclamando para o portador do feiticeiro:

— Diga-lhe que tambem sou da seita e que elle tem em mim um companheiro.

Desse momento em diante, o meu camarada foi considerado fazendo parte do exercito de charlatães, que infestam as circumvisinhanças.

— E tu, perguntei-lhe eu, nunca correste á casa de um desses homens, que brincam com a nossa boa fé e com a nossa dignidade?

Minha amiga jámais me confessára as suas idas á morada da celebre Zizinha, os seus convites ao sordido negro de Pirahy, nem as suas continuas humilhações junto ao bebedo "caboclo" do morro de São Carlos. E tudo isso em vão.

Mas eu soubera por fóra ser ella uma ardente e teimosa peregrina desses lares sombrios, exóticos e immundos, que logo nos mostram o lado repellente da impostura e da falsidade.

— Eu, respondeu-me ella, fitando pensativa o caminho poeirento e desolado que o comboio devorava entre apitos estridentes e fumarada espessa, só uma vez fui attendida no meu pedido e, entretanto, Deus, unicamente, sabe, em quantos covis penetrei, procurando consolo, esperança e conselhos!

— Relata-me, por favor, o que te succedeu nessa occasião e juro-te — as mulheres são facilimas em pronunciar juramentos — que não revelarei a ninguem o que me contares, gritei quasi num assomo de curiosidade.

Minha amiga fixava agora os fios telegraphicos, que se desenrolavam no ar como linhas enfiadas de um novello monstruoso. Permaneceu alguns segundos muda, como hesitante, mas, em seguida a um aperto de mão affectuoso que lhe servi, ella disse:

— Afinal, não ha crime algum na tentativa de procurarmos um remedio para os nossos males. Crê, que quando padeço, não socego se não corro á casa de um desses individuos que, talvez com razão, chamas de intrigantes e de impostores. Mas, emquanto vou e venho, palpito de esperança e isso me alenta, me conforta, me sustenta a vitalidade, que o soffrer ataca, não é verdade?

— Sim, mas, depois?

— Depois? verifico que elles se enganaram e recomeço com outros, disse a minha amiga com toda a ingenuidade.

— E nunca desanimaste?

— Nunca, porque uma vez elles disseram a verdade e, obedecendo-lhes, triumphei como queria.

— E' esse milagroso episodio que de-sejo me narres.

— Pois bem, ouve lá, mas não te mo-fes que eu me zango.

Lembras-te ainda do quanto soffri e delirei quando Rogerio me trahi u e m'o confessou?

Deves recordar-te da magreza e do empallidecimento subitos que me transformaram numa especie de phantasma da

Opera, não? "Oh! qu'elles sont nivres les pensées des nuits blanches!" repetia eu nas minhas insomnias, em que, palpitante de ciúme, de rancor e de odio, eu evocava a nova amada de Rogerio! Não ha homem no mundo, por melhor que seja, que mereça uma tal tortura, angustiando um coração de mulher!

Emfim, para encurtar-te a relação dos meus horrores, chego á minha ida ao covil de um desses feiticeiros afamados, em cujo portão desfilava uma multidão exótica, palpitante, em que havia, desde a senhora de brilhantes nas orelhas, até o mendigo, coberto de andrajos e cheirando á vinhaça.

Tremula, respeitosa, subserviente mesmo, approximei-me do typo — um gigantesco negro, reluzente de suor e exhalando um cheiro de... humanidade em transe — perguntando-lhe em tom de prece:

— Quando recobrarei a felicidade perdida?

Um segundo, elle mirou sombriamente um canto do quarto mal limpo e, em seguida, replicou:

— Quando florescerem as acacias?

E, com um gesto brusco, mandou-me embora.

No automovel que tomei — o covil era longe da cidade — eu repetia involuntariamente:

— Quando florescerem as acacias, eu serei de novo venturosa. Mas como? Se

não creio mais em Rogerio e se, hoje, desprezo-o um tanto pela sua brutalidade e perfidia? Emfim, estamos quasi em Dezembro e, nas acacias já começaram a arrebentar os botões. Não terei muito que esperar. E, confiante, mais consolada, esperei o reflorescer das minhas flores predilectas.

— E... exclamei eu sem me poder conter, tão intensa era a minha curiosidade.

— E, realmente, logo que as acacias floresceram, senti-me de novo feliz e pacificada.

— Como? acreditaste de novo em Rogerio e insististe em amal-o? indaguei quasi sem respirar.

— Qual nada, minha querida. Amor que morre, jámais resuscita. E' rezar-lhe pela alma. Apaixonei-me loucamente por Luiz, que tambem se apaixonou por mim e puz de lado Rogerio, que agora me aborrece com a sua fidelidade e o seu ciúme.

— Ah! murmurei eu.

— Vês bem que o feiticeiro, dessa vez, não errou "et qu'il y a du bon quelque fois" nesses pobres diabos.

Mas em que pensas?

— Penso, falei-lhe eu, sorrindo, que não é preciso ser feiticeiro para saber-se que mordidella de cão curar-se-á sempre com as "lambidellas" de outro cão.

C H R Y S A N T H Ê M E



Porto do Arrependido, ao sa-  
hir da Cachoeira Itabóca, no  
Rio Tocantins, Amazonas.



PAYSAGEM

Francisco Manna

# UM LIVRO HUMANO.

João  
Paulo Arinos

Quiz o acaso que eu fosse ler os contos de "Um pobre homem" justamente em Quarahy, onde nasceu o autor. Quarahy é uma cidadezinha melancolica, ha muito perdida no meio do campo, entre cochilhões amigos, sobre uma curva do rio que lhe deu o nome. Noutro tempo, no tempo do contrabando, diz que houve, por ali, muito commercio, e se ganhava dinheiro com tanta facilidade como se perdia a vida... Hoje, Quarahy alimenta-se de um sonho: o prolongamento do ramal, que ha tempos emperrou em Severino Ribeiro, estaçãozinha tristonha e feia. Mas um dia ha de chegar até lá... Por que não?... Nas suas ruas largas, onde o sol bate todo o dia, o silencio, um grande silencio que nem o rio perturba, arrastando suas aguas sem barulho, entre barrancos carcomidos... Vem das casas, baixinhas todas, com as suas janellas rasas, bem rentes do chão, parecendo convidar a todos para entrar — vem das casas, e invade tudo, um ar de tranquillidade, que a gente aspira sem medo. No centro, a casaria arreda-se duas vezes, para dar logar a duas enormes praças, onde as casuarinas gemem da manhã á noite, mesmo sem vento. Para os lados do cemiterio, duas, tres leguas além, fechado no segredo da sua lenda, empina-se o Jaráo, solitario, quebrando a recta da horizontte. E, por cima de tudo, sem sombra de mysterio, o céu, claro e polido, muito grande, apertando num mesmo abraço, todas as cochilhas.

Desse ambiente o sr. Dyonelio Machado trouxe para as suas paginas apenas a melancolia, uma melancolia vaga, por vezes aspera, preferindo occultar-se atrás de certas formas de ironia e confessar-se com a franqueza humilde dos que soffrem sem pudor.

Bem medidas as proporções, não vejo difficuldade em approximar o autor de "Um pobre homem" daquelles que se chamaram Machado de Assis, Lima Barreto ou Antonio France. Armados do mesmo empenho, cego e voluptuoso, quasi tragico, todos elles, misturando sorriso com amargura, buscaram, no desencontrado jogo universal, o homem, a sombra, o espirito do homem, o homem sempre. Para qualquer delles, como que nada se justificava por si, nada existia por si mesmo, mas em funcção exclusiva da creatura humana, embora mais para aborrecel-a que para servir-a. Tambem o sr. Dyonelio Machado sente que tudo vem animado de uma mesma força, dirigida para um só ponto, o homem, e que este, no meio de tudo sem atinar com a utilidade da sua intelligencia, acaba sempre soffrendo os duros encargos do seu papel, sem ao menos gosar-lhe os favores...

Sem maior esforço, poder-se-iam, de facto, apontar as fontes literarias, onde, porventura, mais de uma vez elle se surpreendeu matando a sede. Mas prefiro descobrir, nas paginas de "Um pobre homem", o que nellas ha de vivo, com nervo e com sangue, o que nellas ha directamente arrancado á vida, sem o falso recurso ao molde livresco. E o meu desejo se satisfaz. Quero dizer que em varios dos contos em causa eu encontro o que procurava. Data de pouco o meu conhecimento com o sr. Dyonelio Machado. Nada sei do seu passado. Não é preciso mais do que os seus contos, mesmo com as suas imperfeições, para se poder affirmar que elle já soffreu a vida, já sentiu passar-lhe pelo corpo o calefrio da vida. Onde conheceu elle aquelle pobre-diabo, o sr. Ferreira, sinão ao pé de nós mesmo, que diariamente o temos ao nosso lado, a enfadar-nos com a indiscreção da sua miseria?

"Ao dar com os olhos em mim, a face do pobre homem illuminou-se. E' que ia apresentar-me á familia (logo percebi), é que ia ter o ensejo de mostrar a um amigo dos cafés, das rodas da cidade, estas almas que lhe eram caras! Que importava que se tratasse de umas creaturas magras, feias, velhas, que tivessem fome! Aquella ali, apesar de tudo, era a sua mulher! Estes? essas creanças mal se tendo em pé entre os seus joelhos, economicamente, para escapar ao pagamento da passagem, o halito máo de quem está digerindo a mucosa do proprio estomago?... Eram seus filhos! A fortuna dos pobres! Ainda tinha outros. Estavam em casa. Com que orgulho o sr. Ferreira mostrou-me os seus filhos!

"— Aberte a mão do Dr... Elle é tão nosso amigo!

"Confesso que eu estava quasi a chorar com a alegria do desgraçado."

Sem uma sensibilidade muito aguda, aberta aos menores incidentes humanos, não era possivel, á vista de um flagrante como o

que acabo de transcrever, tão mediocre na sua exteriorisação, trazer á superficie todo o seu doloroso fundo de tragedia intima. E não são poucos os contos em que o sr. Dyonelio Machado revela, assim, um senso apurado dos contrastes, mostrando, ás vezes, dentro de uma discreta simplicidade de traços, toda a intensidade psychologica que certas scenas escondem sob uma apparencia tranquillidade e vasia.

E que, recorrendo ao artificio o menos possivel, o autor nos dá a illusão de que os seus quadros não são arrançados mediante a escolha arbitraria destes elementos e o arbitrario repudio daquelles. Para elle, tudo serve. Nem principal, nem secundario. Tudo tem um sentido, tudo é nota que soa, e até o successo mais insignificante toma corpo, para deitar sobre nós a sua sombra. Nem ha nada que não se preste a uma conclusão, a illações de character generico. Seres e coisas não são mais, na sua illusoria inconsciencia, do que a representação, ironica ou desencantada, de todos os nossos momentos ou situações moraes, de todas as nossas velleidades, indecisões, impetos, reclusos.

Por vezes, a preocupação de extrair, de tudo, uma deducção universal, de rebuscar em tudo um reflexo humano, compromette a ingenuidade, a frescura da narração. É possivel que o nosso peccado seja tão grande que, além de manchar-nos a alma, vá offender, tambem, a pureza ingenua dos bichos, das plantas, das pedras? A vida deixaria de ser o espectáculo amavel que ainda é, si tudo se agitasse, e pensasse, e soffresse, e disputasse, e traisse, como é com os homens... Para o sr. Dyonelio Machado ha de ser uma tortura o bem de viver...

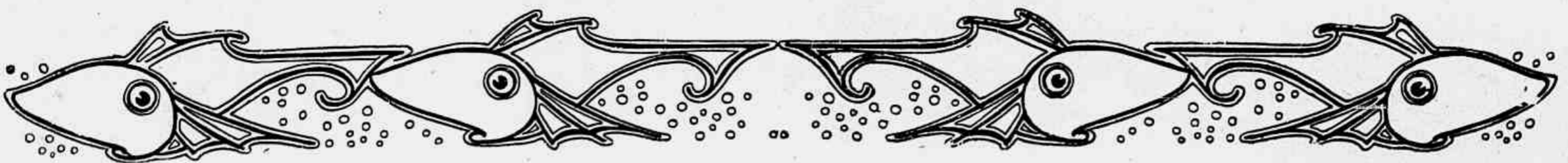
Outras vezes, é a impertinencia de um principio, de uma these, adquiridos mais no trato com os compendios do que no trato com os homens, que, insinuando-se pela trama do enredo, onde em onde chega á rompê-la, para mostrar-se em toda a sua petulancia, como no conto intitulado "Chaga", que é, por signal, a pagina verdadeiramente ruim do livro. Já em "Nitucha", o interesse emocional, mantido com segurança e vivacidade, prevalece sobre os propositos generalizadores que porventura se occultem nas suas entrelinhas.

Mas não é justo oppôr taes restricções ao livro em geral, pelo simples motivo de que, em regra, o sr. Dyonelio Machado sabe vencer-se a si mesmo. Com isto, não quero affirmar que elle deixe de ser o heróe principal do livro, entremostrando-se, a cada passo, no pensamento ou na acção das suas creaturas. Nem vejo nisso traço de inferioridade. Sinão, ouçam estas palavras de Taine sobre o creador de Jérôme Coignard: "...je me hasarde á dire que vous réussissez encore mieux lorsque vous parlez que lorsque vous faite parler les autres".

Dado o molde que escolheu para os seus contos, menos adequado ao movimento que á reflexão, só poderíamos condemnar o sr. Dyonelio Machado, depois de esquecermos que muita gente, do mais solido renome, a começar pelo autor das "Memorias posthumas de Braz Cubas", recaiu no mesmo peccado... Peccado?...

O sr. Dyonelio Machado sabe vencer-se — vinha dizendo — no sentido que, falando ou agindo eu nome dos seus personagens, não o faz de maneira a absorvel-os totalmente, despersonalisal-os, reduzindo-os todos a um typo unico, que seria, então, elle proprio. Não é bem assim. Elle sabe distribuir-se habilmente entre as suas creaturas, prestando-lhes muita attenção, procurando entendel-as, achegando-se dellas o mais possivel. Dessa approximação á identificação é verdade que vae um passo. Dahi a illusão de que o heróe de "Um pobre homem" é um só — o proprio autor...

Facilmente se descobrem, no sr. Dyonelio Machado, pela sua indole, pela orientação da sua cultura, signaes bem nitidos de humanista. Nem por isso os seus contos trazem mais literatura que humanidade. Pelo contrario, é humano, bem humano o seu livro, nas suas linhas caracteristicas e predominantes. Não é preciso mais, portanto, para deixar de ser uma obra vulgar, em literatura como a nossa, onde tão raro apparece o homem, na sua realidade universal e immutavel, amesquinhado como vive pelas forças da terra que o rodeia.



# E t e r n o s !

- Por Sebastião Fernandes -

Para o Dr. Luiz Carvalho

Bilac diz numa conferencia que a esperança sempre acampanhou o homem: "A criança espera a adolescencia, a adolescencia espera a virilidade, a virilidade espera a velhice, a velhice espera... a continuação da vida".

Vivemos sempre como no verso de Raymundo: embora sofframos deixamos que o coração bata na alegria de viver!

Procuramos viver porque temos medo da morte. Remodela-se e se possível modifica-se sempre o barro biblico — ephemero e futil — para se fazer eterno!...

Quando uma doença nos detem, nos faz pensar, apavorados procuramos ouvir alguém... O medico deve saber dalguma cousa que nos faça menos ephemerous... Uma especie de Mephistopheles induzindo o doutor Fausto. Todos os dias uma receita, um conselho para resguardar a carcassa; ainda mesmo que o não cure... o medico trata. (O proprio Hippocrates, dizia: Não sou eu quem cura os doentes é a natureza). E, no adagio oriental, que veiu com os primeiros tempos da humanidade, quando se ouvia dos prophetas, "o medico jamais cura, algumas vezes allivia, porém sempre consola".

Mas a humanidade, não fica como o velho doutor Fausto — consolado com a immortalidade aparente...

Tem medo de morrer...

E é por isso que alguém já disse que não gosta de falar na vida e na morte por serem cousas positivas. As cousas positivas não se discutem...

Póde ser theoria dum philosopho, nunca de um medico, que por muito positivo que seja acredita sempre numa nova formula para o prolongamento da existencia.

A historia é muito antiga...

Os sonhadores da sciencia medieval, isto é, os alchimistas, procuravam um *quid* que pudessem dar ao mercurio a côr do ouro, talvez mais ambição do que sciencia... Não menos sonhadores os modernos procuram o *quid* para uma supposta longevidade...

A preocupação da longevidade na Idade Media, mesmo entre gente que não fosse alchimista era resolvida com a venda da alma...

O subtil Eça já nos falou nas lendas dos que vendiam a alma: "Cornelio Agrippa vende a alma pelos segredos da philosophia; o abbade de Trithem, pelo segredo da circulação do sangue; Falstaff vende a alma, numa sexta-feira santa á

noite, quando estavam fechadas as tavernas de Londres por uma garrafa de Vinho de Hespanha, e uma perna do capão. Luiz Ganfrid, pelo poder de exaltar nervosamente as mulheres. Um laçao do Maurais, pela felicidade dos dados. Ricardo Dugdale um namorador do condado de Laudshire, por uma lição de dansa! Fausto vende desprendidamente a alma pelo amor vulgar de uma rapariga clara e loura, que tinha um modo celestes de fiar cantando!!"

Em todos esses actos apparece sempre a figura, angulosa, nervosa elastica e negro-rubra de Mephistopheles. E' que o homem descobriu no diabo o bóde expiatorio de seus defeitos...

O homem conseguindo dia a dia novos inventos, chegaria com esse poder de deter a marcha do tempo a uma capacidade quasi divina, mas como esses inventos nem sempre são para o bem, inventam o Diabo que deve servir para todos os effeitos e defeitos...

Se vamos dar credito a essas infantilidades de Diabos, por acaso Mephistopheles teria confiado ao Dr. Voronoff o segredo mirifico com que restituiu ao doutor Fausto a juventude morta?

Mas o Dr. Voronoff não appellou para o sortilegio, isto é, não se envolveu no prestigio funambulesco da *magia negra*. O interessante é que o seu procedimento sendo bastante humano e puramente scientifico vem adaptar-se ao que antigamente adoptava Mephistopheles, o calumniado *comprador de almas*, quando vemos que o mesmo ideal se obtem hoje não a troca da alma mas de algumas moedas...

Sabiamos das lutas de Cagliostros, Athlotes e Nostrodamus e muitos outros em busca do *elixir da longa vida*.

Tempos atraz Metchnikoff tentou esse mesmo prolongamento. Mais recentemente quando Serge Voronoff com pesquisas mais positivas parecia positivar o desejo antiquissimo de prolongar a vida todos se rejubilaram com a *boa nova* e ninguem se lembrou de fogueiras...

Era a eficiencia dum licor...

Tornar a ver a carne vibrar...

Ainda que alguém avise que o amor nos faz fragil juguete delle, vivemos como eternas mariposas — fascinados... "Inutilmente os philosophos e os prophetas gritam aos homens que se não afoitem, que o amor é miragem apenas, passageira illusão dos sentidos, disfarce euphemico dos instinctos mais grosseiros."

O sonho é perpetuar a carne...

O eterno covardismo...

Deram-lhe vida, pois bem, agarra-se a esse dom como privilegio eterno: Viver...

A luta eterna entre o espirito e a carne que se quer decompor...

E o grito: quando acabará a individualidade?!

Inventa-se uma formula, ainda mesmo que seja mentirosa, e todos a desejam como o milagre do Rabbino com a filha de Jairo.

Agora não é mais a transformação de tudo em ouro, nem a troca de alma... mas o licor da longa vida...

E o novo elixir de juventia que o sabio biologista apresenta para refazer as energias varonis, depois de muita experiencia teve resultado com a troca de determinadas glandulas pelas glandulas de macaco.

O estudo da velhice nos ensina com effeito, que as cellulas conjunctivas invadem cada vez mais os tecidos de nossos orgãos. Ora, as secreções de glandulas thyroide, augmentando a excitabilidade da cellula nervosa, moderam a actividade do tecido conjunctivo. "A glandula thyroide não derrama em nosso sangue um elixir de juventia, mas combate o endurecimento da cellula robusta, primitiva, não especializada, e impede que ella ocupe o lugar daquellas que são educadas para uma função especial do nosso corpo, pois é certamente esse endurecimento que destróe a harmonia do organismo, perturba, enfraquece as suas funções, traz a velhice e apressa a morte."

E o proprio Dr. Voronoff no capitulo primeiro do seu livro "Vivre" procura estabelecer os pontos seguintes: a longevidade dos seres vivos está em relação "inversa" com a perfeição do seu organismo; a longevidade dos mamíferos, "dos quaes o homem occupa o degráo superior" está na relação "directa" com a duração do crescimento necessario ao desenvolvimento completo do corpo; a duração normal da vida do homem, portanto, devia ser de 120 a 140 annos.

Mas está convencido o director dum laboratorio da Escola de Altos Estudos do Collegio de França (Sorbonne), que "a causa real da longevidade deve residir em alguma particularidade da constituição intima de alguns de nossos orgãos. A longevidade é muitas vezes hereditariedade".

Com o resultado obtido pelas glandulas de macaco o mundo inteiro se revolucionou de tal modo que já existe em certos centros grandes criações de chimpanzé!...

A macacaria em grande escala...

O medo...

E' Voronoff um grande amigo das theorias de Darwin, e força é confessar ante os resultados

satisfactorios colhidos pelo seu processo, que se não descendemos de macaco, em breve, os macacos vão ter muitos descendentes humanos...

As religiões são qualquer cousa que induz o povo a crer que seja eterno noutra vida, mas logo que certa geração começa a ficar cansada das promessas de determinada religião, inventam outra com melhores promessas...

Com uma estatistica seria facil - demonstrar...

Agora não desejam eternidade. Nem immortalidade da alma...

O homem vê a morte a cada passo...

E' o eterno medroso...

E' lembra-se do poeta;

"O que deplora e sente,

Não é morrer, porém... deixar a vida."

E' que a morte, como a noite, traz o crepusculo. O crepusculo é sempre triste e o homem não se conforma com o prenuncio da morte...

Procura sempre a escapulidela...

Primeiro com os medicos para a reacção do organismo, depois com a propria immortalidade da alma — a religião. E não contente de ser muitas vezes da Academia de Letras procura o espiritismo...

Mas no fundo de tudo isto pensamos com Oscar Wilde: "O drama da velhice não está em ser-se velho, mas em já se ter sido moço."

E a ultima theoria sobre a existencia trouxe grande illusão...

Não é propriamente o prolongamento da vida, mas o prolongamento duma mocidade aparente...

Julgam trazer beneficio á humanidade... Será mesmo um beneficio?!...

Não haverá arrependimento de ter parado o tempo na carne?!

Na maioria dos casos a vida depois de um certo tempo perde o seu encanto. Esse encanto, que sentimos por ignorarmos a vida e possuirmos della tal illusão, os annos vão dissipando e mesmo com o prolongamento dessa nova mocidade, estariamos tão cheios de conhecimentos, tão sem illusões que difficilmente o rejuvenescimento traria a metade do amor com que encaramos a existencia nas primeiras vinte primaveras...

Em geral o ancião começa a ver a vida como uma cousa estafante. A vida começa a cansar. Procura a solidão, o somno e o silencio...

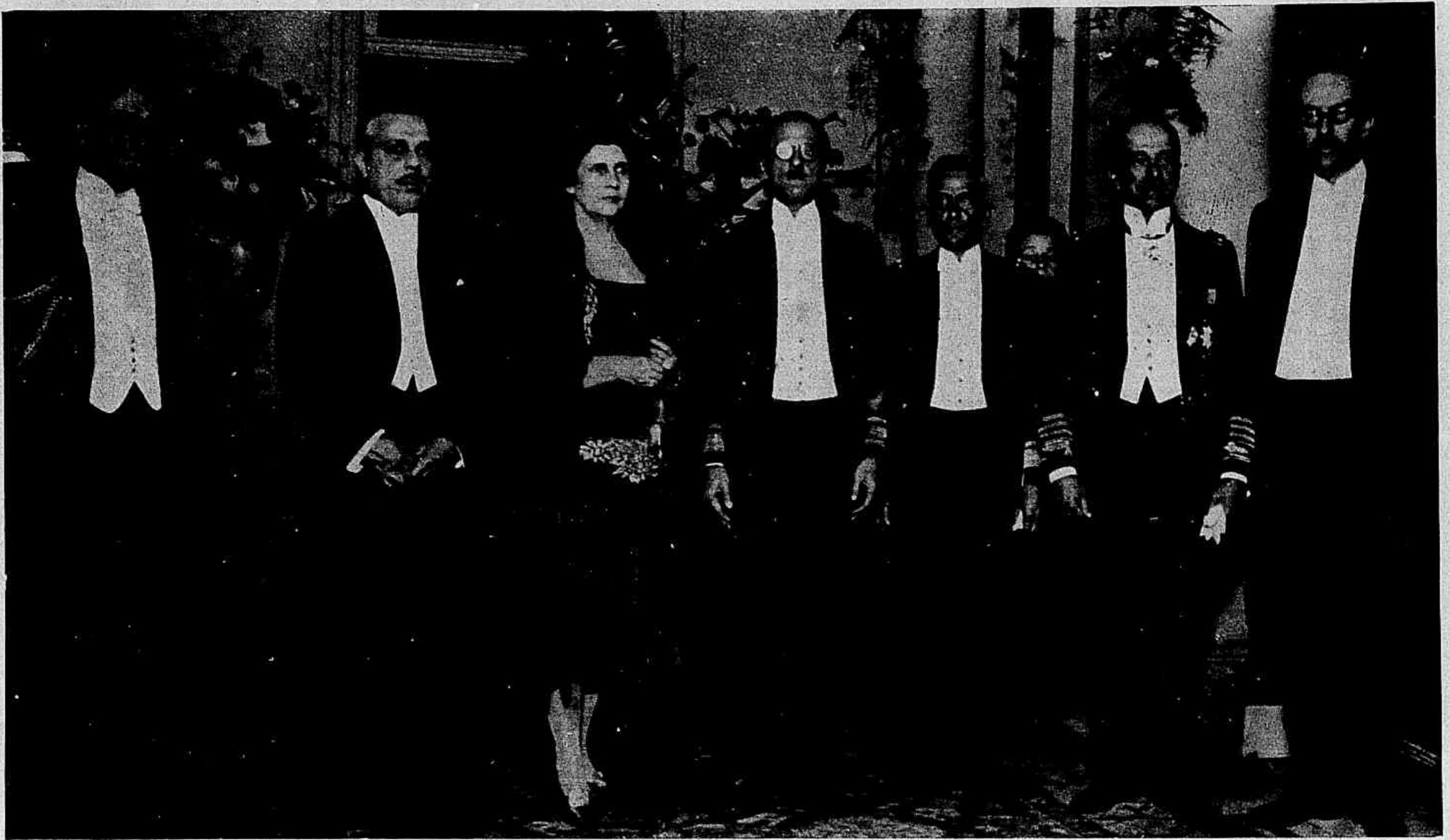
Desapparece o fulgor no olhar!...

Vem o rheumatismo...

E a disillusão com a experiencia...

E se resolvido o problema esquecermos um pouco o nosso quasi incuravel scepticismo — a vida será deliciosa como na primeira mocidade?

ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::



Ao centro, a Senhora Octavio Mangabeira, entre os Senhores Ministros do Exterior e da Marinha.



Instantaneos  
nos salões



UMA  
FESTA  
NO  
CLUB  
NAVAL

NA  
NOITE  
DE  
11  
DE JUNHO

# A FILHA DA BARONEZA

Por Viriato Corrêa

Mas, senhores, eu não me queria casar nem com o finado barão, nem com a baroneza, nem com o resto da parentella. Pouco se me davam as cartas anonymas avisando-me de que toda aquella gente era maluca.

O meu amor, o meu grande amor, era pelos olhos negros, os grandes olhos febris de Hortencia, a filha mais nova da baroneza.

Que me importava que zoassem peia cidade as maledicencias mais deprimentes, os juizos mais feios a respeito da familia?

Hortencia era linda, fresca, pura, fulgurante, era isso, unicamente isso, que interessava ao meu desejo, ao meu amor e á minha sensibilidade.

Desde os primeiros dias em que comecei a frequentar a velha chacara da baroneza de Marulhos, na Gavea, a verdade é que notei, na familia, qualquer cousa que me causava estranheza. Uma tia velha de Hortencia, a D. Rita, irmã do finado barão, excedia-se tanto em vinhos e licores, que, quando se levantava da mesa, tinha os olhos vermelhos e a fala perra. As minhas futuras cunhadas, a Maria das Dôres e a Rachel, deviam ter, certamente, os parafusos desapertadões.

A primeira, duas vezes por mez, torcia-se num ataque horrivel, com crises gargalhantes e crise de choro, e, apesar de noiva, casamento já marcado, desmanchava-se em dengues para o negrinho que tratava das vaccas da chacara.

A outra, com os dedos da mão esquerda mais compridos que os da direita, após uma vivacidade brilhante, subitamente entristecia, ficava horas e horas sem dar palavra, debaixo das immensas jaqueiras do jardim e, nas conversas mais simples, encostava-se tanto e tanto á gente, que, muitas occasiões, me afastei discretamente, assustado.

Um outro irmão de Hortencia, o Affonso, esse era claramente um degenerado: anão, a pelle horrenda, a voz rouquenha, com trinta annos feitos passava os dias no quarto brincando com caixa de phosphoros e figurinhas de cigarros, como se fosse uma criança.

A propria baroneza era estabanada, desenvolta de mais para a idade.

Nas expressões, nos gestos e principalmente nas *toilettes*, mostrava resquícios da vida leviãna de outros tempos. Eram umas rendas excessivas, fitas de côres fortes, plumas expantosas, á guiza dessas velhas actrices aposentadas, que sempre revelam, no exaggero dos vestidos, a saudade das luzes da ribalta.

A chronica da familia tinha realmente o seu tom de escabrosidade.

Do velho barão de Marulhos contavam-se cousas incriveis do seu tempo de moço e de homem maduro. Uma vida dissoluta com escravas e mucamas, até que, um dia, morrera estourado por uma congestão, num leito de amor fugaz.

Da baroneza dizia-se abertamente pela cidade que ella tivera tantos amantes quantos foram os seus cocheiros.

Mas que me importavam a baroneza, as filhas della, o barão?

Quem eu queria era Hortencia e Hortencia era equilibrada, de um equilibrio contrastante com aquella gente toda, de uma candidez e de uma pureza tão preciosas que, desde os primeiros dias de namoro, tive urgencia de casar-me para tiral-a daquelle meio.

Até hoje não sei, ao certo, o que fez a baroneza abrir-me, com tamanha generosidade, o portão da sua chacara e o coração de sua filha. Eu era um estudante pauperrimo, sem eira nem beira, sem prestigio de familia que me pudesse guindar á alturas.

Pressa em descartar-se de Hortencia, a pressa commum ás mães em dar marido ás filhas. Era possivel.

Mas, apesar da chronica mal falada da familia, Hortencia, linda e viçosa como era, facilmente encontraria melhor partido do que eu. A Maria das Dôres que lhe não tinha a graça e a belleza, ia casar com um inglez gerente de um banco e a Rachel contava tres noivados que desmanchara.

Ter-se-ia dado na vida de Hortencia alguma cousa secreta, dessas que fazem as mães empurrar as filhas á primeira creatura que apparece? Hortencia, antes de mim, eu bem sabia, tivera um outro namorado, o primo Lalão, tenente de artilharia, um estrategas, um douto, que vivia sempre complicado, respondendo a conselhos de guerra.

Mas... a verdade é que não houve nada. Ella veio para as minhas mãos purissima como no dia em que nasceu.

Acredito que a minha carta de bacharel tivesse tido uma influencia decisiva.

A baroneza vinha dos tempos do Imperio e, naquella quadra, o titulo de bacharel era a riqueza maior de um homem, dava direito a

todos os titulos, dava preferencias a todos os direitos: Com as relações que lhe ticaram de sua phase de fulgor e fortuna contava orientar-me na vida.

E tanto era, assim que, oito dias depois de formado, entrei tranquillamente para a magistratura. A baroneza tinha-me arranjado a promotoria de Itabira, em Minas.

Era longe, nos confins dos Judas mas, para começar, servia.

Quiz ir até lá, assumir o cargo e voltar depois para casar. Foi a propria baroneza quem se oppoz. Não, não, eram dous trabalhos, duas despezas; o melhor era casar e ir de uma vez.

Não ha noivo apaixonado que repilla a abreviação do casamento. Eu estava louco por aquillo. Mas os dinheiros para os arranjos?

— Vocês casam-se aqui, não têm despeza nenhuma, disse a baroneza, ficam morando, aqui na chacara e, uma ou duas semanas depois, embarcam.

O casamento realizou-se no ultimo dia de Janeiro, num sabado.

Hortencia estava como nunca, a tinha visto tão bella.

Era uma creatura suave, pequenina, volatil, fulgurante, muito alva, muito doce, com uns reflexos acastanhados nos cabellos e uns tons de rosa fresca na pelle. Mas o que lhe dava maior timbre de originalidade, pelo contraste com aquella doçura, eram os olhos, olhos quentes, brutalmente negros, rasgados, selvagens, olhos febris, freneticos, olhos de quem vive num eterno delirio de febre.

Quando a tive nos braços pulava-me de alegria a alma em todo o corpo.

E' esta a noite mais risonha da minha vida, pensei.

A felicidade tem duas caras como Janos, uma que nos olha quando nos dá as alegrias, outra que olha para o futuro onde estão as nossas desgraças.

Aquella noite era o começo da minha grande desventura, a primeira scena da funesta tragedia que me mutilou a alma e me arrazou a existencia.

## II

Foi seis mezes depois de nossa vida em Itabira que, involuntariamente comecei a abservar, em Hortencia, caracteristicos secretos de taras ancestraes.

A primeira desconfiança veio-me occasionalmente.

Uma noite, como fizesse calor, Hortencia, já na cama, sacou fóra as meias.

Eu, até aquelle momento, não lhe tinha visto ainda os pés rosados. E tomei-lhe o pesinho esquerdo nas mãos, acariciando-o. E tive que lhes fixar os olhos, surpreendido. Em vez de cinco dedos eram seis.

Confessei-lhe a minha estranheza: Ella sorriu gostosamente:

— Desde que nasci que tenho esse dedo a mais.

Velei aquella noite por muitas horas, passando em revista a chronica e as figuras de familia a que me ligara.

Veiu-me á lembrança tudo que eu sabia do barão, a vida immunda que tivera, a lascivia arrogante, a deformação accentuada da espinha, a intemperança nas bebidas. O seu pae, pelo que eu advinhara nas conversas dos velhos que o conheceram, fóra uma creatura taciturna, côxo de uma perna, mas o mais feroz corruptor de escravas do tempo do captiveiro. Era casado em segundas nupcias com uma uruguaia, — a mãe do barão, vivandeira reles, pela qual se apaixonara desvairadamente, matando-a annos depois, com lentidão e requinte a veneno e a fome, por tel-a encontrado em adulterio com um arriero da fazenda.

Um tio avô do barão fóra, com justiça ou sem ella, accusado de pendoros incestuosos.

A mãe da baroneza, que morrera na casa dos cem annos, aos oitenta ainda escandalisava Pernambuco com a accessa ternura amorosa pelo administrador de seus bens. Uma tia materna de Hortencia acabara louca no quarto de um hospital, em Lisbôa, flagellando as carnes nas fulgurações dos desejos.

Era toda uma familia de psychopatas sexuaes, de asymetricos de degenerados, até de criminosos, com inclinações as mais baixas. A Rachel, com a mão esquerda visivelmente maior que a direita, e a estranha mania de roçar-se na gente; a Maria das Dôres, epileptica, a derreter-se para o molequinho do estabulo; a dona Rita, com o nariz avermelhado pelos excessos do copo: o Affonso, um caso palpavel de taratologia physica e mental; a propria baroneza, estabanada, na sua predileção pelos cocheiros e dada ainda a arrebiques, na idade em que as

ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::

mulheres são recatadas e sóbrias, eram provas tangíveis de que a tara da família estava ainda na phase de mais alta irradiação.

E aquella pé de seis dedos

Eu, que suppunha Hortencia um ser excepcional, alheio á toda aquella seriação de anormalidades, vinha agora, com surpresa descobrir-lhe um estigma somatico, clarissimo, a mostrar que nem ella fugira ao destino infeliz dos seus!

Uma esperança floriu depois, acalmando-me o espirito. O que eu havia notado em minha mulher não passava de uma deformação physica. Por mais obsecados que meus olhos estivessem, a verdade é que Hortencia não mostrava um só dos estigmas psychicos. Era a mesma creatura suave, terna, normal e casta.

O defeito do pé não teria certamente importancia de vulto. Devia ser apenas um vago ferrête da natureza, assignalando a ascendencia de mãos trancos.

Antes disso, antes que eu descobrisse aquelles seis dedos inquietantes, já havia notado, em Hortencia, qualquer cousa de anormal. Isso foi um mez depois de chegarmos á Itabira. Os seus somnos eram agitados, arfantes, com falas incompreensíveis e um lerdo cansaço ao acordar.

O abrasamento dos meus sonhos fez-me pensar em symptomas de gestação incipiente. E isso mais se me firmou no espirito, um dia, ao almoço. Hortencia poz-se a comer, com a maior naturalidade, um pires de pimenta málagueta que estava á mesa.

Tolhi-lhe a mão.

— Deixa-me comer! disse ella, nervosa.

Na tarde seguinte, passeavamos pelo quintal da casa, quando a vi correr para uma laranjeira carregada de frutos verdes. E, com as unhas, numa soffreguidão de faminta, foi dilacerando os frutos e chupando-os sequiosamente. As laranjas estavam ainda pequeninas, sem o menor signal de maturescencia.

— Fazem-te mal! ralhei.

— E' assim que me sabem bem.

E chupou cinco ou seis pomos, gulosa e risonha.

De outra feita encontrei-a com as mãos lambusadas de ke-rozene, cheirando-as.

— Vae lavar essas mãos, pedi-lhe.

Não foi. E, como eu insistisse, replicou, amuada:

— Pois se eu gosto deste cheiro!

Tudo e tudo me fazia acreditar nos desarranjos naturaes da mulher que vae ser mãe. Hortencia preferia as comidas picantes (de uma vez comeu, ao almoço, um vidro de Picles inteirinho), as salgadas, as frutas verdes, as carnes sangrentas e só queria beber agua em moringues novos para lhe sentir o cheiro e o gosto do barro cozido.

Não havia duvida. Eu ia em breve ser pae.

Era um engano. Um mez depois o meu sonho se dissipou.

Ella não me daria nunca a alegria de um filho.

O vigario da cidade, um santo velhinho de cabeça branca, que ás vezes me apparecia em casa para o cavavo da tarde, offereceu á Hortencia, pelo Natal, um cachorrinho de asperos pellos negros.

Poucas vezes a vi tão contente como naquelle dia.

Ella propria foi preparar a cama do animalzinho, ella propria o alimentava e o assejava com os cuidados e os zelos de mãe.

O cão cresceu no seu regaço. Punha-o sobre as pernas a toda hora e, o seu carinho maior, o seu carinho constante, invariavel, era passar a mão de cima para abaixo, de baixo á cima, pelo dorso pelludo do animal.

Depois de tres mezes aquillo começou a enervar-me. Por que aquella invariabilidade? Sempre aquella mão descendo, sempre aquella subindo!

Não resisti. Falei.

— Que predilecção tens tu por esses pellos!

Senti-a, de subito, chispar os olhos voluptuosamente. E foi com o rosto illuminado num gozo, que me respondeu com ardor:

— Ah! gósto! gósto destes pellos duros!

— Não te gabo o gosto!

— Quem me dera, quem me dera que tivesses o corpo todo coberto de cabellos.

Fitei-a, scandalizado.

— Estás louca! Querias-me um urso?!

Não percebeu o meu espanto e, num fogo de enthusiasmo, a voz exaltada e sincera:

— Cabellos bem asperos, bem longos, bem negros, por todo o corpo, por todo elle, para que eu os pudesse acariciar, assim, assim, concluiu, descendo e subindo a mão no dorso do cachorro, sensualmente.

Quando levantou os olhos e que me viu serio e silencioso a encaral-a, corou; mas deu immediatamente uma risadinha, disfarçou, ergueu-se e disse com uma graça fascinadora e brincalhona:

— Eu te amarrava uma corda ao pescoço e sahia pela rua: — anda p'ra cá meu urso! meu ursinho, anda p'ra lá!

Tomei aquillo por pilheria.

E só hoje, depois de tudo que se passou, vejo que Hortencia, naquelle momento, havia involuntariamente definido os symptomas do seu character de tarada.

III

A vida em Itabira era insupportavel. Os dias, sempre eguaes, vassios, inexpressivos, enervavam.

Eu sentia Hortencia amollecere. Mas, ou porque ella não me quizesse affligir, ou porque não tivesse o habito de queixas, não reclamava nem se maldizia.

Um domingo, depois do almoço, senti-a bocejar longamente.

Acarinhei-a para dissipar-lhe o aborrecimento.

— Vou escrever á mamãe, disse-me, pedindo-lhe que cuide com mais interesse de uma collocação para ti, no Rio.

— Isto aqui é insupportavel, não é verdade?

— Não ha uma distracção, não ha um divertimento.

Lembrei-me de que, na vespera, chegara á cidade uma companhia de cavallinhos. La estava, no largo da matriz, o grande toldo de lona, armado.

— Queres ir hoje ao circo? perguntei.

— Aqui tudo serve. Até o palhaço deve ser um regalo, respondeu-me a rir.

Consegui cadeiras na primeira fila, a dous passos do picadeiro.

O espectáculo era o espectáculo vulgar dos circos que andam pelo interior: vôos em trapézios; cavallos a correr na pista, com um jockey que lhe faz piruetas nas ancas; jogos malabares; uma mulher que se desloca; uma mulher que dança no arame e o eterno palhaço a repetir as eternas pilherias apalhaçadas.

A primeira parte correu enfadonha e somnolenta.

Ao começar o intervallo lamentei o tempo perdido.

Antes tivéssemos ficado em casa, dormindo.

— Queres-te ir embora? aventurei.

Hortencia havia passado os olhos pelo programma, em letras grossas, numa grande taboa forrada de papel.

— Não, respondeu-me, o melhor vae ser agora. Ha um elephante, um bode, uma cachorrinha e um macaco.

Tocava o sino para a segunda parte da função. Sentámo-nos.

Veiu o mesmo palhaço remoer graçolas sediças. Em seguida appareceu um homem e duas mulheres fazendo equilibrios em escadas e, logo após espirrou lá de dentro um bode, a correr pela pista como um cavallo amestrado. Atraz vinha uma cachorrinha, vestida de larga saia de róda, á guiza das bailarinas, em pé nas patas trazeiras, a fazer esforços comicos para montar no bode que lhe não queria consentir a montada.

Um numero para rir. O bode, depois de varias voltas pelo circulo, parou, deu os chifres para que a cachorrinha se sentasse e, voltando-se para o publico, fez uma especie de saudação que a cachorra acompanhou com um meneio de cabeça, e desapareceu correndo.

Ao rasgar-se a cortina vermelha surgiu pesadamente o elephante. Era um pobre animal doente, manco de uma perna, magrissimo, que, durante dez minutos enfadonhos, equilibrou-se em cadeiras e garrafas de páo.

O palhaço veiu a publico dizer que o "nosso legitimo avô" pedia licença para se apresentar.

E appareceu o macaco, montado em pernas de páo, com uma cartola branca na cabeça.

Era um chimpanzé maior que todos os chimpanzés que tenho visto, no tamanho de um homem, ventruado, vigoroso, o corpo coberto de asperos pellos pretos, uma agilidade espantosa nos movimentos e uma vivacidade surpreendente nos olhos fundos.

Chegou ao meio da arena, deu dous passos de dança, comprimendo o publico com a cartola branca, sentou-se numa cadeira alta, desamarrando as pernas de páo e pulou para o picadeiro com um salto mortal.

O palhaço entregou-lhe uma *toilette* a rigor: calças, collete, casaca e camisa de peito duro. Vestiu tudo agilmente e foi a um espelho, junto á cadeira dar o laço á gravata.

Trouxeram-lhe uma mesinha com toalha, pratos, iguarias e vinhos. Sentou-se á mesa e poz-se a comer e a beber como um figurão.

— Esplendido! exclamei!

— Só falta falar, accrescentou Hortencia, com enthusiasmo.

Era realmente admiravel aquelle numero. O macaco mostrava uma habilidade singular em tudo: no empunhar o copo, na maneira distincta de servir-se do talher, na delicadeza com que passava o guardanapo nos labios, na elegancia com que collocou á botoeira a flôr que tirou de um jarro.

Tinha-se a impressão de que alli estava uma creatura humana de intelligencia e de educação finissimas.

Uma mulher passa junto á mesa. Elle pisca-lhe os olhos magnamente, de tal maneira intencional que rebentei numa gargalhada. A mulher zanga-se. O simio levanta-se, tira a flôr da botoeira e vae cavalheirescamente offerecer-lha. Nisto aponta um homem que deve

IV

ser o marido da mulher. Vê o gesto do galanteador e repelle-o com palavras agitadas. Altercam. O macaco recebe em pleno rosto uma bofetada.

Espera-se que elle repilla o bofetão com outro bofetão. Mas, com a finura sobria de uma creatura educada, mette a mão no bolso, arranca a luva e atira-a ao rosto do aggressor.

Dous floretes são trazidos para o picadeiro.

Começa o duello. As armas tinem e luzem em golpes de estylo.

Afinal uma estocada vae direito ao peito do chimpanzé. Elle cae estrebuchando, contorcendo-se e, com a mão dolorosamente apertada á supposta ferida, finge morrer.

O circo como que vem abaixo numa tempestade de palmas.

O macaco levanta-se e agradece á direita, á esquerda, commovidamente.

Mas, nesse momento, quando rosoavam mais fortes as palmas, senti-o estremecer como se um choque electrico o tivesse abalado. Tinha os olhos fixos em Hortencia, a bocca aberta, o ar de surpresa deslumbrada, nuns guinchos estranhos de alegria.

Olhei Hortencia. Ella estava livida, encolhida.

O simio vinha-se chegando, passo a passo, para as nossas cadeiras, a guinchar, estendendo os braços e atirando beijos, com figurações de sensualidade nos olhos e assustadora vivacidade nos esgares amorosos.

Ergui-me, de bengala em punho, para a defesa. Hortencia, transida de pavor, escondia-se atraz de mim.

— Afastem este animal! afastem esse animal! gritei.

Nesse momento já os homens do picadeiro tinham percebido a gravidade da situação e o domador approximava-se em altas vozes tentando impor a autoridade.

O macaco não o attendeu, parece até que não o ouviu.

E deu mais um passo, mais outro, a tremer lascivamente, os olhos fixos em Hortencia, como que a chamal-a e a attrahil-a. Os berros do domador não o tolhiam. Caminhava sempre. Estava ao balcão da arena e já eu lhe sentia o bafo queimar-me o rosto.

O circo inteiro havia compreendido o perigo, eram clamores, gritos, atropelamentos de gente que fugia.

Metti a mão no bolso e empunhei o revolver.

Eu tinha percebido a gravidade do momento. Bem sabia até onde vae a ousadia dos macacos incendiados de paixão pelas mulheres.

— Afastem esse animal! afastem esse animal! continuei a berrear desesperadamente.

O chimpanzé ia passando a perna para fóra do balcão. Metti o dedo no gatilho do revolver.

Mas, nesse momento, uma violenta chibatada do domador fez o bicho cair de quatro pés. Outra chicotada apanhou-lhe o lombo, mais outra, tres chicotadas crueis de desarmar e de amollecere.

O desgraçado recuou aos gritos, encostando-se timidamente a mesa em que ceara, com a enternecida expressão dos que pedem misericordia. Puzeram-lhe uma corrente ao pescoço e arrastaram-no para dentro.

— Que susto! exclamou Hortencia, já fóra, no largo, as mãos geladas, encostando-se ao meu braço.

— Que estupidez! respondi ainda irritado.

Hortencia parecia-me não ter comprehendido o perigo em que estivera.

Foi em casa, já na cama, que eu lhe falei da sensibilidade concupiscente dos simios, dos seus desvarios luxuriosos pela carne fresca e macia das mulheres brancas.

Ella ouviu tudo em silencio, sentada na cama, o queixo apoiado na perna direita e aquelles negros olhos de febre immensamente abertos. Ora vibrava em arripios por baixo da camisinha de cambraia rendada, ora arregalava as pupillas num espanto, mas sempre com uma attenção que nunca lhe vi, como se sorvesse avidamente as minhas palavras.

Só quando me calei foi que repousou a cabeça no travesseiro. Apaguei a luz. Ficamos silenciosos. Dez minutos depois Hortencia me perguntou, sem se mover:

Um macaco daquelle quando ama, ama como os homens?

— Como queres tu que saiba se não sou macaco? Por que perguntas?

Mas as minhas palavras estavam perdidas. Mal as concluiu pareceu-me que Hortencia dormia. Toquei-a. Dormiu e profundamente.

Fiquei velando, os nervos sacudidos ainda pela estúpida emoção do circo. E mesmo eu esperava que Hortencia, com as cordas sensitivas certamente abaladas pelo imprevisto da scena de horas antes, tivesse o somno tumultuoso que vinha tendo em outras noites.

Não. Não teve.

Foi um somno doce, harmonioso, angelico, de criancinha que mama bem.

Acordou muito cedo, cantando com a garrulice de uma garota feliz, abriu as janellas para que entrasse a alegria do sol e a frescura do ar e pulou na cama a despertar-me amorosamente, fazendo-me cegas:

— Levanta-te preguiçoso!

Cantou a manhã inteira, passarinhando pela casa com os seus passinhos subtis: ao almoço comeu bifes mais sangrentos do que nunca e, como por brincadeira eu lhe apertasse ligeiramente os braços, pediu-me com interesse:

— Aperta mais.

Apertei.

— Mais, mais!

— Assim eu te magôo.

— Não faz mal. Aperta, apertei.

Deixei-lhe o braço. Ficou amuada.

Foi ao jantar que ella me perguntou com a maior naturalidade desta vida.

— Já compraste as cadeiras?

— Que cadeiras?

— Para o circo. Hoje ha funcção.

— E nós vamos voltar aquillo?!

— Ora, eu gostei tanto da cachorrinha e do bóde, disse-me quasi numa supplica, fascinadamente.

— Mas depois do que se deu!

— Não tem importancia.

— E' o que pensas. O macaco póde repetir a graça.

— Nós nos sentaremos em outras cadeiras, mais atraz.

— Não! Nunca!

Ella ergueu-se num impeto, olhos fuzilantes, voz tremula, incendiada:

— Pois, se não fores commigo, irei sozinha!

Levantei-me scandalisado, as mãos apoiadas na borda da mesa:

— Que significa isto? Fala! Que historia é esta?

Ficou um instante silenciosa como que dominada pelo meu olhar e pelas minhas palavras.

E, depois, rompendo em pranto, atirou-se brutalmente na cadeira de balanço, banhada em lagrimas.

Foi um vendaval de asneiras magoantes. Era uma infeliz, uma desgraçada! Por que Deus não a matara no dia em que viéra ao mundo?! por que Deus não a fulminara no dia em que se casara?! Para que viver, para que? se penava naquelle degredo, abandonada, sem uma pessoa querida, sem uma pessoa que a quizesse bem?! Para que se casara? Para ter ao lado um carrasco que a martyrisava, um carrasco que a contrariava nos menores e nos mais innocentes desejos! Vivia naquelle deserto, entre quatro paredes, longe dos seus, do seu conforto, da sua casa, dos seus affectos e não podia sequer ir a um circo de cavallinhos, onde qualquer moleque entrava livremente! Fôra para aquillo, para aquelle martyrio, para tranformal-a em presidiaria, que eu fóra buscal-a em casa de sua mãe?! Ah! não tinha commettido crime nenhum para viver entre grades, como numa cadeia.

Delirei. Tive sempre o miseravel defeito de amollecere nas situações pungentes, tive sempre a fraqueza de annullar-me diante das lagrimas alheias.

Atirei-me ao seu seio, derrotado, beijando-a doudamente, acarinhando-a e reanimando-a com as minhas supplicas de perdão.

A' tarde eu lhe trazia duas cadeiras para a funcção do circo, á noite.

A alegria de Hortencia, ao vestir-se para o espectáculo, tinha qualquer cousa do estouvamento das moças solteiras que se vestem para os bailes onde irão encontrar o namorado.

De uma das vezes em que lhe fui prender o colchete da gargantilha, virou-se, beijando-me fortemente e, como eu perdesse o equilibrio e caisse sobre a cama, atirou-se a mim, num golpe de sensualidade, mordendo-me os labios.

Na pressa de sair esqueceu-se do agasalho.

Eu havia comprado cadeiras na ultima fila.

Ella propria me suggerira isso no momento em que mostrara desejos de ir de novo ao circo. E agora, já esquecida, queixava-se de que nada via no picadeiro, com um interesse infantil por tudo aquillo, como se aquillo fosse de facto interessante, como se aquella fosse a primeira vez a que assistisse a uma funcção de cavallinhos.

O espectáculo — mais ou menos o mesmo da vespera. A não ser dois ou tres números novos, não houve novidade nenhuma.

Mas Hortencia estava como embevecida. As mais idiotas graças do palhaço abria-lhe a boca em risos deliciados, os mais vulgares exercicios de equilibrio, no trapezio ou na corda bamba, accendiam-lhe os olhos em lampejos de susto.

Devia estar num desses dias em que os nervos nos vibram tão agradavelmente que tudo nos parece risonho na vida e sorrimos até ás cousas enfadonhas.

ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::

Foi, ao anunciar-se o ultimo numero da primeira parte do programma, que se deu o desastre.

Na pista, um homem e uma mulher, em altos trapezios, evoluçionavam. Ia ferir-se a parte a mais difficil e a mais dramatica dos vôos: a mulher, de cabeça para baixo, presa no seu trapezio apenas pelo peito dos pés, deveria voar fortemente, saltar nos arés para que o homem, em outro trapezio, a sustivesse tranquillamente pelos tornozellos.

Não se ouvia realmente um rumor.

A multidão inteira voltava os olhos para o alto, petrificada numa expectativa e numa inquietação.

Eu proprio parecia ter o coração parado.

Ouvi apenas um grito doloroso, uma agitação ao meu lado e todo o circo de pé.

Junto á Hortencia, com ella afogada no braços, o macaco, chimpanzé da vespera.

Quando dei por mim disparava o revolver no animal.

Foi um tiro só, certo, nas costellas direitas. O macaco teve um uivo humano, soltou a presa e caiu sobre os bancos, estrebuchando.

A confusão era infernal no circo.

Ataques, gritos, atropelamentos á sahida.

Puxei Hortencia para mim. A não ser um arranhão nos braços, a lividez do rosto, o cabello amarfanhado, nada mais soffrera.

E sorria até. Poderia parecer um sorriso nervoso, um sorriso de pavor, mas, o que é certo, é que sorria.

Ao chegar em casa desabafei-me. Bem eu previra! bem eu resistira para não ir ao espectáculo.

Ella me fizera calar com uma phrase apenas:

— Não augmentes a afflicção do afflicto.

Curei-lhe o arranhão, quiz lhe dar calmantes. Negou-se a bebelos. Não, não, aquillo não era nada, o susto passara!

A scena como que lhe acalmara os nervos.

E teve, na verdade, um somno tranquillissimo, desses somnos sorridentes como devem ser os das noivas na quadra côr de rosa.

Inquietei-me. Seria possivel que ella não tivesse comprehendido o risco que correra, o tragico perigo daquelles instantes horriveis em que esteve aconchegada ao peito de um chimpanzé allucinado pela luxuria?! Seria possivel que, o seu orgulho de sêr humano, o seu amor proprio de mulher, não se revoltassem contra a paixão extravagante de um simio?

— Ora, o que passou, passou, disse-me desprendidamente. Deixa lá o pobre animal que não sabe o que faz.

A scena provocou na cidade o abalo natural que os acontecimentos exóticos provocam nos logares pequenos.

A minha casa encheu-se de visitas. O delegado de policia quiz impedir que a companhia continuasse a funcionar: um grupo de rapazes tramou o lynchamento do macaco que, mal ferido, recebia, na jaula, os curativos do domador.

Nem se lynchou o chimpanzé nem a companhia se foi embora. Não quiz dar maior vulto ao caso que tanto me aborrecera.

Passou-se uma semana.

Um dia, o vigario, vindo á minha casa pedir-me clemencia para um criminoso que eu ia accusar na proxima reunião do jury, falou-me, com aquella sua doçura de falar no gesto piedoso, no "exemplarissimo gesto christão" de Hortencia.

Eu nada sabia. Foi elle quem me contou tudo. Contou-me que a minha mulher ia todos as manhãs ao circo, curar a ferida do macaco.

E, como eu abrisse os olhos surpreendido, elle, com aquella bondade de santo, estranhou a minha ignorancia.

Ah! o doutor não sabe? Mais valor tem o gesto de dona Hortencia. A verdadeira caridade, a caridade que agrada a Deus, é essa que se faz as escondidas.

E enlevado, a voz num grande tom de benção:

— Grande coração é o da sua senhora! Que ella fizesse isso por uma criatura humana, vá, já era um grande passo, mas por um animal, por um ser irracional, é ter a alma maior do que eu imaginava! Ha, na terra, maior numero de corações bondosos do que nós pensamos!

Fiquei emocionado com as palavras do velhinho. Senti por Hortencia uma ternura nova.

E mais tarde, ao almoço, quando, ao lhe falar no assumpto, via-a corar, tremer e negar, foi com verdadeiro transporte que a beijei.

— Só uma santa procede como tu, disse-lhe commovidamente.

V

Hortencia ultimamente despertava sempre mais cedo do que eu.

Mas, uma manhã, acordei primeiro. Ella dormia, a camisa tentadoramente desabotoada, o seio pequenino a florando entre rendas. Curvei-me para beijar-lhe as pomas. Mas estaquei. O seu seio esquerdo estava todo arranhado.

Com o meu movimento ella acordou.

— Que é isto? que arranhões são estes?

Não teve nenhum desnorreamento.

— Eu, de noite, com as unhas.

E com a maior naturalidade desta vida:

— Também ellas estão tão agudas.

De facto, as suas unhas pareciam verdadeiras lanças navalhantes.

Mas, por essa epoca, eu sentia que Hortencia estava emmagrecendo e que seus olhos, aquelles grandes olhos febris outr'ora, tomavam um tom sombrio de luto fechado.

Já não era a criatura festiva, o passaro garrulhante que me enchia a casa de travessuras aladas, a mulherzinha volátil, radiosa, que eu conheci na chacara da Gavea.

Parecia-me até que me evitava. O seu olhar vivia sempre baixo, a sua voz tomava um tom soturno, a sua graça de mulher diluía-se em attitudes deselegantes.

Por esse tempo tambem me ia sentindo mal. O meu somno era pesado e longo e, ao acordar, quasi sempre tarde, tinha na boca um travo amargo e um fardo de toneladas na cabeça.

Devia ser a saude alterada pela ancia de voltar ao Rio, por aquella monotonia enervante da vida roceira.

Uma manhã Hortencia levantou-se mais triste do que nunca. Enchi-me de preocupações. Que tinha? que não tinha?

— Nada, não sinto nada.

Mas os seus olhos se marejaram.

Abracei-a, beijei-a. Que queria? dissesse, dissesse!!

— Nada. Não quero nada.

— Queres voltar ao Rio?

— Quando chegar o nosso dia, voltaremos.

— Queres dar um passeio a cavallo?

— Não.

E, como eu nada mais tivesse para offerecer, disse-lhe, mais por brincadeira que por qualquer motivo:

— Queres ir ao circo de cavallinhos?

Ella me fitou surpreendida.

— Não.

— E o macaco? perguntei, já está bom?

Hortencia respondeu seccamente.

— Já.

— E essa companhia não se vae mais embora?

Ella não respondeu. Etava já, distraida, a passar as mãos no pelio do cachorro que o vigario lhe dera.

Uma noite, como eu lhe entrasse no quarto no momento em que ella vestia a camisa de dormir, notei-lhe, nos braços e nas espaduas, machucões violentos. Corri a examinar as echimoses. Quiz occultalas — mas, insisti.

— Como foi isto?

— Uma queda que levei hontem na escadinha do quintal.

— E não me disses-te!

— Não te quiz assustar.

Duas ou tres noites depois, como eu acordasse ás duas horas da madrugada, varado de dor de cabeça, não encontrei Hortencia na cama.

E, já me ia levantando para procurá-la, quando a porta se abriu e ella entrou.

— Por que te levantaste?

— O cachorrinho estava latindo tanto que fui ver o que era.

— Por que não me chamaste?

— Dormias tão profundamente.

VI

Foi, tres dias depois, que se deu a deflagração do drama.

As desgraças maiores são como as borrascas — deixam-se presentir vagamente no ar por uma mudança estranha de ambientes.

Presenti que me ia acontecer alguma cousa triste.

Naquelle dia acordei mais sombrio do que nunca. Havia em minha alma um peso, uma insatisfação, uma angustia, que até nem saí de casa para inquerir as testemunhas de um roubo que se dera semanas antes, numa fazenda proxima. Como que um medo do vacuo, do infinito...

Na rua parecia que, atraz de mim, caminhavam traições inconcebíveis, que, em cada esquina, me esperavam emboscadas inevitáveis.

Comi mal, falei pouco. Era um enjôo torturante da vida e um medo profundo de morrer. Mal terminei o jantar — uma fadiga, um somno...

Às oito da noite eu já dormia.

Até duas horas da madrugada não sei o que se passou em minha casa.

Foi exactamente ás duas horas da madrugada que acordei.

O quarto estava silencioso, tudo silencioso em derredor. Pelo vidro da janella entrava, largamente a claridade silenciosa do luar.

Acordei meio zozzo, com aquelle amargor de ultimamente na bocca.

Mas, percebi logo que Hortencia não estava ao meu lado, na cama. Devia ter saído não ha muito tempo: o travesseiro trescalava ainda o aroma de seus cabellos.

Esperei.

Esperei cinco minutos serenamente.

Depois fui me inquietando.

Quinze minutos apóz não me pude conter — levantei-me.

Chamei-a por toda a casa, andei por todos os quartos. Ninguém.

Assaltou-me uma desconfiança feroz. Tirei o revolver da gaveta da secretaria e desci para o quintal.

Era um silencio de constranger o coração. O luar estava tão branco, tão tristemente branco, que me dava a impressão de uma mortalha funebre cobrindo o arvoredor. O laranjal, em plena florescencia, cheirava tanto que entontecia como as flores de uma camara ardente.

Chamei por Hortencia. Nada. Nada.

Fui caminhando.

Depois do laranjal eram as grandes toças e as grandes arvores.

Caminhei, caminhei, de revolver em punho, o coração batendo como uma aza ferida.

Numa clareira de toças, divisei ao longe, um vulto branco, em pé.

Pareceu-me Hortencia — o mesmo tamanho, a mesma conformação.

Esguerei-me por traz das arvores. Era ella, devia ser, o cabelo pelos hombros, de *pegnoir*.

Caminhei. Caminhei.

Junto della um vulto, um vulto negro, a cingil-a.

Quando dei por mim o revolver disparou.

O vulto branco desapareceu encobrendo-se nas toças, mas o vulto negro ficou de pé, surpreendido.

Avancei. Distinguiu-me. E rompeu a correr pelo quintal a fundo, numa agilidade desnorreadora.

Disparei outro tiro.

A bala alcançou-o com certeza. Viu-o combaleiar, cair.

Corri-lhe doidamente ao encontro, mas, quando eu chegava a vinte passos, ergueu-se de subito, galgando a cerca.

Queimei outra bala, que o attingiu, de certo, no momento em que saltava a cerca para o outro lado.

Procurei Hortencia longamente, baldadamente, por todos aquelles mattos.

Voltei para casa.

Foi uma scena horrivel. Ella jurou que dalli não tinha saído desde que se recolhera para dormir.

— Mas quem foi que vi lá no quintal com um vulto negro?

— Não fui eu.

— Eras tu, sim, de cabelo solto.

— Eu não.

Estava calma, com a tranquillidade dos innocentes.

Tive medo de enlouquecer. Tive mesmo a sensação de que estava doído.

— Mas como podia ter sido isso?

— Foi algum sonho, insistiu ella, Quem sabe se não estás sofrendo de somnambulismo?

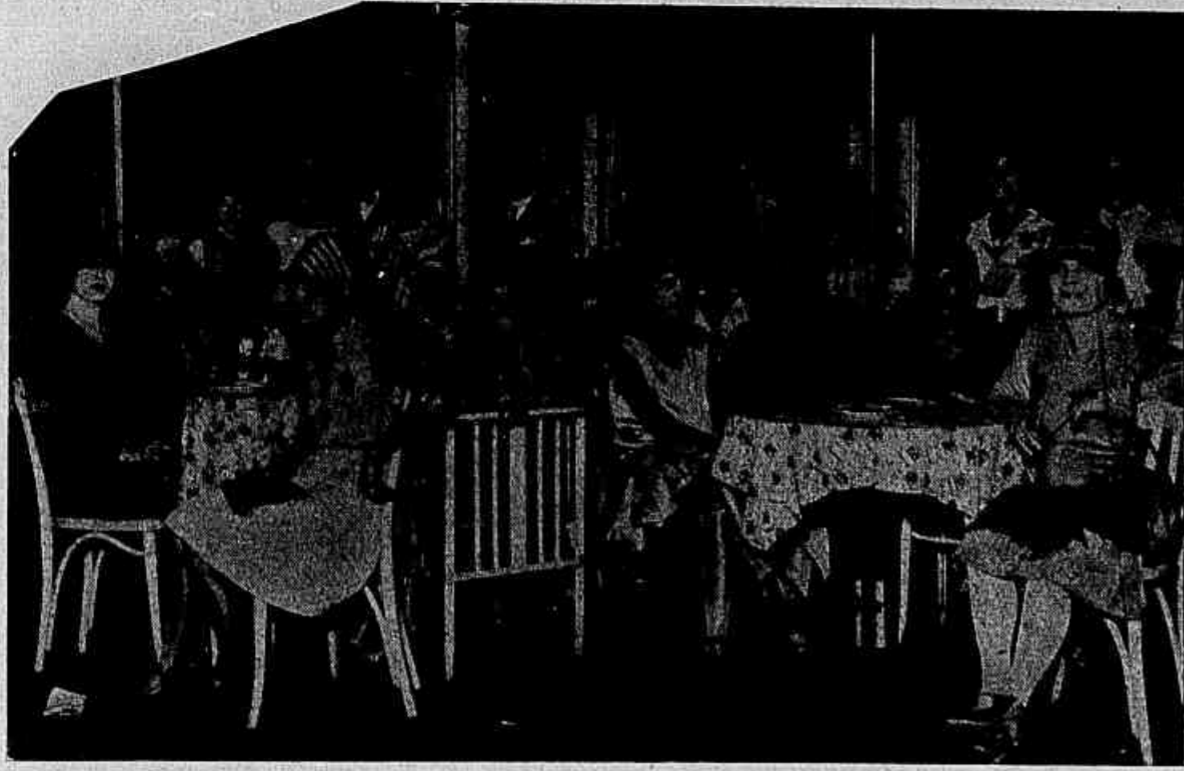
Voltei a deitar-me com a convicção dolorosa de que era um somnambulo.

Ao amanhecer (as grandes desgraças são como as tempestades — a gente as adivinha) ao amanhecer estava a cidade em plena agitação.

O macaco, o chimpanzé do circo de cavallinhos tinha sido encontrado morto, junto da minha cerca, com duas balas cravadas nas costas...



D A N S A D E N E G R O S  
( D e s e n h o d e A n d r é s G u e v a r a )



O  
DIA  
DO  
TREVO



EM  
BENEFICIO  
DOS  
CÉGOS



# Músicos Brasileiros

## Itiberê da Cunha

Se a natureza não estivesse cheia daquelles taes segredos cuja comprehensão só está ao alcance dos senhores sábios da escriptura, talvez não me fosse difficil explicar o caso paradoxal de Itiberê da Cunha, typo curioso de temperamento musical, dotado de todos os dons capazes de levar uma creatura á gloria artistica, mas a quem o destino incomprehensivelmente sempre timbrou em desviar do caminho que conduz a ella.

Effectivamente, o compositor que occupa a minha attenção; está collocado em uma situação absolutamente á parte, no numero dos autores brasileiros. Não pertence ao ról dos amadores, nem pertence ao dos profissionaes, porque o que lhe falta em tirocinio puramente theorico, para figurar entre os profissionaes, sobra-lhe em dons verdadeiramente preciosos de compositor, para que seja considerado entre os nossos amadores. Mercê desses predicados, elle poderia ter conquistado para o seu nome uma situação invejavel, não apenas dentro das fronteiras de nossa Patria, mas para além das linhas que a delimitam. Não a conquistou, porém. Deixou-se ficar entre o profissional e o amator, menosprezando o proprio talento e as aptidões artisticas de que é dotado.

Itiberê da Cunha — que, em musica se occulta sob o pseudonymo de Iwan d'Hunac, — vem de uma familia para a qual o amor á arte tem sido uma herança preciosa, que passa de paes para filhos. Nelle mesmo, o sentimento artistico se revelou muito cedo, pois, ainda não havia completado cinco annos, e já acompanhava, ao piano, seu pae, director geral da Instrucção Publica do Paraná, que era compositor e violinista.

Typo caracteristico da verdadeira creança prodigio, a arte pianistica de Itiberê da Cunha era toda intuitiva, espontanea, producto irresistivel do seu grande enthusiasmo pela musica.

A sua inclinação para a arte era evidentissima; mas como o destino de cada um de nós é inflexivel e tem de ser cumprido, Itiberê da Cunha, ao invés de ser mandado para um Conservatorio de Musica, foi mandado para uma Academia de Direito... E' que elle tinha, na Belgica, um irmão diplomata e a diplomacia deveria ser, naturalmente, a sua futura carreira.

Assim, menino ainda, frequentou o Instituto S. Luiz, em Bruxellas, para fazer o curso completo de humanidades. Por uma concessão muito especial, concordaram em que elle não abandonasse completamente a musica. Consentiram

que elle tivesse... meia hora de estudo de piano... por semana... Um tal favor é, realmente de pasmar, quando se pensa que ninguem póde fazer um curso sério de piano, se não tiver, pelo menos, quatro horas de estudo por dia, isto é, cento e vinte horas por mez. A Itiberê da Cunha permittiam meia hora por semana, ou sejam duas horas por mez...

Outro fosse Itiberê da Cunha e teria desistido de proseguir. Com meia hora de estudo de piano, por semana, só um caso de excepcional predisposição para o instrumento, poderá insistir na conquista dos predicados mecanicos, indispensaveis á execução de qualquer pagina de musica.

Elle, porém, era precisamente um desses casos de excepção, pois possuia uma facilidade verdadeiramente espantosa, com a qual venciam as maiores difficuldades.

Evidentemente, se se tivesse dedicado exclusivamente ao estudo do piano, Itiberê da Cunha teria dado um grande virtuose do teclado. A arte, porém, não lhe surgia como uma profissão possivel, e sim como um mero passatempo, que occupava logar muito secundario em suas cogitações, mesmo já quando universitario. Assim, aos vinte annos de idade, época em que poderia estar iniciando uma carreira artistica talvez triumphal, Itiberê da Cunha recebeu o grão de doutor em direito, pela Universidade de Bruxellas, depois de haver surgido nas letras, como poeta e como jornalista, na Belgica e na França, onde teve estréa muito auspiciosa, chegando a manter

relações, das mais affectuosas, com varios dos grandes nomes literarios da época.

Não tardou muito e eil-o que ingressa na diplomacia occupando o primeiro logar de addido de legação na Belgica e depois o de secretario no Paraguay.

Sete annos durou a doirada illusão da carreira seguida. Moço, cheio de talento e de real preparo, diplomata que era, ao mesmo tempo, um cavalheiro e um poeta, um homem de espirito e um artista, quando chegou o momento de se ver premiado numa promoção, a politica interveiu, com o seu notavel desprezo pelos que têm valor, para preteril-o e para mostrar-lhe que seria inutil proseguir, contando apenas com o seu merecimento pessoal.

Nessa hora assignalada de sua vida, elle sentiu toda a inutilidade do esforço até então dispendido para conquistar uma posição social definida, atravez de uma carreira tão bella, mas tão illusoria. E viu, com magua, que talvez melhor lhe fôra ter aproveitado o tempo e a primeira moci-



Itiberê da Cunha

ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::

dade, educando as aptidões artisticas, para tentar fortuna. Talvez, mesmo, se tivesse arrependido! Mas já era tarde! Seria preciso começar, e a necessidade de enfrentar a vida, não lhe permitia voltar atrás. E o diplomata, que não quiz ser artista, cortou a carreira, para se deixar ficar no Rio de Janeiro e iniciar aqui a vida espinhosa e quasi sempre obscura de jornalista, na qual se vem mantendo até agora.

Escriptor que tem abordado o theatro e a critica, poeta, autor de todos os versos, de todas as suas composições, com a curiosa originalidade de só escrever em francez, por se haver a isso habituado desde menino, Itiberê da Cunha ha mais de vinte annos milita na imprensa carioca; e, depois de occupar todos os logares possiveis dentro da redacção de um jornal, desempenha hoje as funções de critico musical do "Correio da Manhã", logar que, de qualquer fórma o integra na actividade do meio artistico, que toda a vida de-vera ter sido o seu meio.

Nesse posto, tem conseguido conquistar para o seu nome uma popularidade rapida, sendo hoje apontado como uma das nossas autoridades no assumpto.

O que nem todos sabem, porém, é que o critico musical do "Correio da Manhã" é tambem uma privilegiada organização de compositor, a quem o mesmo destino que contrariou o pianista, não permittiu nunca chegar á posição a que, fatalmente, poderia ter chegado, se tivesse querido.

Itiberê da Cunha, como compositor, estreou aos dez annos de idade, com uma serie de pequeninas paginas intituladas: "Esquisses". Producção absolutamente infantil, quem quer que as escute, ainda hoje, executadas pelo autor, comprehenderá a admiração que causaram no espirito dos diversos professores do Conservatorio de Bruxellas, inclusive ao seu famoso director, Gevaert, quando o compositor menino as executou para que ouvissem.

Nesses pequeninos esboços musicaes, longe de se revelar uma creança mais ou menos prodigiosa, revela-se, indiscutivelmente um autor capaz de interessar aos dez annos de idade. E esse autor confirma-se tempos depois, aos dezoito annos, quando surge, como um surpreendente precursor da musica de nossos dias, em 1892, portanto, numa época em que ainda não eram conhecidos nem os Debussy, nem os Ravel, nem os Strauss.

O que, já então predominava nos trabalhos de Itiberê da Cunha era essa audaciosa liberdade que caracteriza a musica moderna.

Forte temperamento romantico, Itiberê da Cunha, ao lado da linha finamente aristocratica da inspiração, possui uma verdadeira sciencia innata, perfeita e original da harmonização, um sentido polyphónico que impressiona immediatamente, mostrando sempre a mais absoluta repulsa pela banalidade, mesmo nas suas primeiras peças. Ao mesmo tempo que, como um verdadeiro harmonista innato, é capaz de realizar bellas e surprehendedentes combinações harmonicas, Itiberê da Cunha é um illuminado da inspiração, atravez de cuja obra se sente que palpita o sangue azul da melodia. Isso mesmo poderá ser apreciado nas diversas composições que constituem o seu repertorio, dentre as quaes quero destacar o prologo e as cinco scenas que constituem o poema symphonico "Magdala", no qual todos os seus caracteristicos de compositor podem ser apreciados fartamente.

São paginas que denunciam uma personalidade toda feita de emoção e de grande vibratilidade, atravez das quaes a imaginação de Itiberê da Cunha, a sua inquieta fantasia creadora, o seu astro descriptivo, a sua dramaticidade exuberante e o seu poder polyphónico se affirmam da fórma a mais bella, a mais profunda, a mais evidente possivel.

Entretanto, esse autor, que assim se apresenta, tão rico de idéas e de possibilidades, como o pianista, nada mais é do que o producto de si mesmo, isto é, a manifestação inevitavel de um artista innato, ainda uma vez contrariado nas suas propensões. Da mesma fórma que é um optimo pianista que nunca estudou piano, Itiberê da Cunha é um surprehendente compositor que nunca estudou a sério composição. Nelle, a arte de contrapontar e de harmonizar é tão intuitiva e tão espontanea, como a propria inspiração.

Em sua obra poderão faltar os elementos technicos que caracterizam os trabalhos de um profissional; mas não lhe faltam os elementos emotivos, que assignalam o seu excepcional temperamento de artista, cujo crime unico foi, para mim, o de não ter sabido ou não ter querido nunca seguir a carreira de suas francas inclinações, para cumprir a sua bella finalidade artistica.

T A P A J Ó S G O M E S



Depois da missa mandada rezar em acção de graças pelo salvamento de Nobile e seus companheiros do "Italia".

# Um titulo excepcional e bem merecido

Pontes de Miranda. Uma obra séria e solida. Um nome e um caracter solidos. E sérios. Na Sciencia, um investigador leal, sincero, profundo. Mas nunca deixou de ser o Artista. Sempre o foi. E' e será sempre. Nos melhores centros scientificos imprime o respeito que o trabalho sabio e a originalidade logo grangeiam nos meios cultos. Nos meios cultos de verdade. Um artigo seu para as melhores revistas estrangeiras da Sciencia é coisa que se insere em logar de destaque, porque deixaria mal outra distribuição. Coisa que se pede por cabogramma. E se paga a 360 dollares. Original, novo, em Sciencia, o que elle diz nas memorias e communições, seja no Congresso Internacional de Genova — na secção de Philosophia Mathematica, em o "Problem des Reumes" (Problema do Espaço), seja no Congresso de Americanistas, com a "Theoria do Totemismo", é assumpto que se lê, que espanta e que se approva unanimemente. Os seus livros de Direito são na America um caso singular. A sua obra de Sociologia, — a primeira que surge, systematica, no Brasil, — é "novissima" para os allemães, que por todos os meios o chamam a si, se apropriam, quanto pôdem, delle. Ha leis com o seu nome. E até microbios.

Ninguem, até hoje, conseguiu no Brasil, — a não ser, em Medicina, o prof. Rocha Lima, — esta situação de sabio de dois povos.

Agora, é a Universidade do Rio de Janeiro que lhe quiz dar a corôa mais limpida: foi buscal-o nos seus cuidados de investigador, para dar-lhe o titulo maximo, "professor honorario". E' uma reparação, disseram; e não uma consagração. E disseram bem. Elle já era o professor honorario da Sociologia e do Direito daqui e do Mundo. Mas não deixou de ser o Artista, o Estheta, e aquelle "gentleman" que encanta, nos salões das Embaixadas e Legações, como nos amigos humildes em que elle descobre "valores de alma", os grupos que o cercam...

Damos aqui uma nota biographica de Pontes de Miranda, — nome a que já não servem os titulos mundanos de doutor e de professor porque é menos um nome, que alguma coisa das aquisições, do Patrimonio do Paiz. E' incompleta, mas servirá, ainda assim, aos que pretendam approximar-se mais intimamente deste espirito profundo e disciplinado, que não deixou de beber os filtros da Emoção e ainda nos dá pensamentos como que hoje publicamos.

## OBRAS PRINCIPAES

### SOCIOLOGICAS

- 1 — Introducção á Sociologia Geral (1º Premio da Academia).
- 2 — Introducção á Politica Scientifica.
- 3 — Sociologia Esthetica (no prélo).

### JURIDICAS

- 4 — 5 — Systema de Sciencia Positiva do Direito, 2 vols.
- 6 — Historia e Pratica do Habeas-Corpus.
- 7 — Direito de Familia.
- 8 — Dos Titulos ao Portador.
- 9 — Da Promessa de Recompensa.
- 10 — 11 — Dos Actos Illicitos, 2 vols.
- 12 — A' Margem do Direito.

### LITERANICES

- 13 — A Sabedoria dos Instinctos (1º Premio da Academia).
- 14 — A Sabedoria da Intelligencia.
- 15 — O Sabio e o Artista.

### EM ALLEMÃO

- 16 — *Einbitung*, vol III da grande publicação allemã *Die Zivil-gesetze der Gegenwart*, dirigida pelo prof. Heinsheimer.
- 17 — *Brasilien*, no *Handwörterbuch für Vergleichend e Rechtswissenschaft*.



P o n t e s d e M i r a n d a

- 18 — *Rechtsgefühl und Begriff des Rechts*.
- 19 — *Subjektivismus und Voluntarismus im Recht*, no livro jubilar dos professores allemães em honra, do professor Ernst Zitelmann.
- 20 — *Begriff des Wertes und Soziale Anpassung*...

Além de muitas communições como as do Methodo de analyses socio-psychologica, das leis de symetria em Sociologia Geral, e sobre os phenomenos sociaes como dados susceptiveis de experiencia, em allemão, em hespanhol, em francez, em inglez e em portuguez, tomamos nota dos seguintes artigos:

*As Leis Sociologicas e o Ensino do Direito, no Estado de São Paulo*, conferencia feita em São Paulo a convite da Faculdade, por occasião do centenario dos cursos juridicos.

*Symmetrie und Liebespaar*.

*Rechtssicherheit und Inwerliche Ordnung*, nos *Blatter für Vergleichende Rechtswissenschaft und Volkswirtschaftslehre*.

Varios e longos artigos no *Archiv für Rechtsund Virtschaftsphilosophie*.

Alguns pensamentos publicados na revista austriaca de luxo *Moderne Welt*.

*Los Nuevos rumos del Derecho*, nos *Anales de la Univerisad de Chile*.

Para terminar, — o Director da Bibliotheca Scientifica Brasileira, onde o seu ideal de educação scientifica do paiz realiza uma das obras mais uteis do Brasil, qual a da sua renovação mental.

São annos de vida que transbordam de serviços e de realizações.

Tinha bem razão o Reitor da Universidade, no seu discurso de 1º de Junho: E' a Universidade que se honra em recebê-lo no seu seio.

Para "Ilustrações"

# "Sabiá"

Palavras de  
Toracy Camargo

musica de  
Hector Páez

*rit. Lento*

sa-bi-á cantando de madru-gada sa-bi-á o teu canto tem sa-

dade sauda-de da madru-gada quozol chegu pra epantá sabi-a canta barym

sabi-a não canta não quozol também qui tá

Preparado  
canta co madru gada vai sim bo-ra vai com narra de o ci sa-bi-á

Handwritten musical score for the song "Sabiá". The score is written on two systems of three staves each. The top system features a vocal line with the lyrics "vae com raiva de ocê sabiá", a piano accompaniment, and a bass line. The bottom system features a vocal line with the lyrics "sabiá não canta não sabiá", a piano accompaniment, and a bass line. The score includes various musical notations such as clefs, key signatures, time signatures, and dynamic markings like "Lento" and "p".

## “Sabiá”

Sabiá, cantando de madrugada Sabiá,  
O teu canto tem saudade,  
Saudade da madrugada  
Que o sol chega p'ra espantá

Sabiá, canta baixinho,  
Sabiá, não canta não,  
Que o sol tambem qué t'escutá,  
É a madrugada vae simbóra  
Vae com raiva de ocê, Sabiá,  
Vae com raiva de ocê, Sabiá

Sabiá, cantando de madrugada, Sabiá  
As arve chora de alegria  
É os orvaio cae das fôia  
Que pegaro a embalançá.

Sabia, etc.

# De Ruy Cirne Lima

## AS MÃOS

As tuas mãos parecem leques quebrados,  
e nellas, ha um mysterio como uma sombra  
[n'agua...

Eu adoro as tuas mãos, silenciosamente.

Adoro-as como reliquias, leques quebrados,  
sonhos que não se podem mais sonhar...

## A BOCCA

A tua bocca é sinuosa e fresca,  
e quando falas, eu sorrio, longe, longe...

Os meus olhos te ouvem, quando falas.

E eu sonho que sou uma praia sem mancha,  
onde a tua bocca pouisa e bate as azas rubrás.

## O CORPO

O teu corpo ondula como um junco docil  
e é debil, leve, como si voasse...

Os teus pés são inuteis como duas flores.

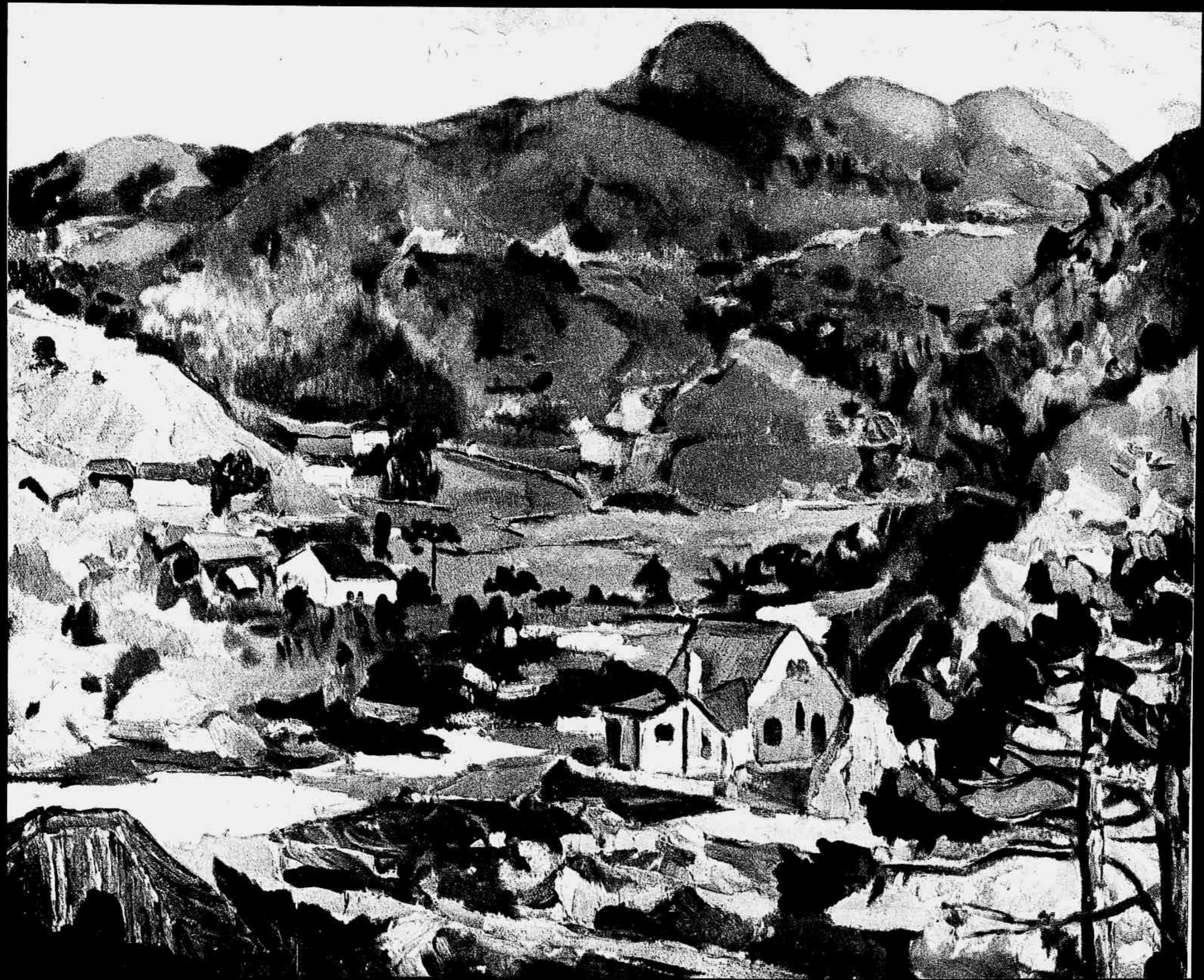
O teu corpo é um junco novo.

O meu desejo é o vento que o embala.

E os meus braços se abrem, sem tocal-o,  
como um circulo n'agua...



Na Quinta da Bôa Vista quando foi a "Festa da Bôa Vontade"



"PAYSAGEN"

*Raymundo Cella*

# O Estado e a Igreja, no Mexico

Pelo General Pascual Ortiz Rubio, Embaixador do Mexico no Brasil

Ha pouco mais de dois annos que o mal denominado "CONFLICTO RELIGIOSO DO MEXICO" tornou-se alvo da attenção mundial. No meio dos applausos entusiastas de uns e das des-temperadas invectivas de outros, convém, de vez em quando, apresentar ao publico estrangeiro uma relação historica dos acontecimentos mais salientes, para que se veja a attitude clara e firme do governo do senhor presidente Calles no tratado de tão delicada situação.

A calúnia e a maledicencia systematizadas acabam por desorientar os espiritos mais serenos, mais equilibrados, e para que isso não aconteça creio conveniente expôr as seguintes considerações:

Ninguém lamenta as tristes consequencias da fracassada agitação sediciosa provocada pelo mal denominado "CONFLICTO RELIGIOSO DO MEXICO", com mais sincero e profundo sentimento de pesar que nós os mexicanos, todos os mexicanos, sem distincção de credo nem de partido, sobretudo quando fomos, como o que subscreve, educados em um ambiente de tradicional catholicismo.

## NÃO EXISTE PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

Com excepção dos dois e meio seculos, em que funcionou o tristemente celebre Tribunal do Santo Officio inquisitorial, pode-se dizer que jámais existiu no Mexico "CONFLICTO RELIGIOSO" algum, nem muito menos uma "PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA" que, além de torpe, impolitica, e perigosa, seria hoje repellida por todos como um positivo attentado contra os direitos fundamentaes do cidadão. Trata-se no debatido caso actual de um dos muitos conflictos de assignalado caracter politico-clerical, provocado este ultimo pela attitude do Episcopado Catholico que publicamente e por obvias razões que não me compete discutir, decidiu que o "Episcopado, Clero e Catholicos não reconhecem e combaterão os artigos 3.º, 5.º, 27.º e 130.º da Constituição de 1917" (declaração do Arcebispo do Mexico senhor Mora y del Rio, fornecidas á imprensa no dia 3 de fevereiro de 1926). O mesmo Episcopado em documento historico da mais alta importancia, assignado por todos os arcebispos e bispos da Republica, declarou seis mezes depois que "com a graça de Deus e com a vossa ajuda trabalharemos para que estes artigos da Constituição sejam reformados e não esmoreceremos até vel-o conseguido", decretando logo a suspensão do culto em toda a Republica nos termos seguintes: "Ordenamos que desde o dia 31 de Julho do presente anno, ATE' QUE DISPONHAMOS OUTRA COISA, suspenda-se em todos os templos da Republica o Culto publico que exija a intervenção do sacerdote" (Carta Pastoral Collectiva dos Bispos mexicanos publicada na imprensa no dia 25 de junho de 1926).

E recordemos por fim aquellas palavras terminantes do Sr. Cardeal Gasparri, secretario de Estado do Vaticano "A SANTA SE' CONDEMNA A LEI E CONDEMNA IGUALMENTE QUALQUER ACTO QUE POSSA SER INTERPRETADO PELO POVO FIEL COMO ACATAMENTO OU ACCEITAÇÃO DA MESMA LEI".

## A CELEBRAÇÃO DOS SERVIÇOS RELIGIOSOS

Evidentemente até a data de hoje a igreja "não dispoz outra cousa" e é devido sómente a essa sua determinação que depois de dois annos de uma luta cadã dia mais inutil e desigual, continúa a Republica mexicana privada dos serviços religiosos nos templos catholicos romanos abertos até hoje sob a vigilancia do governo é a responsabilidade das "Juntas de Parochianos" aos quaes foram entregues de accordo com o artigo 130.º da Constituição. O que de facto prohibe a mesma Constituição do Mexico é a celebração de ceremonias do culto publico EM OUTRO LOCAL QUE NÃO SEJA O PROPRIO EDIFICIO DOS TEMPLOS. (Artigo 24).

Essa prohibição legal explica a attitude da policia quando intervem em residencias particulares, geralmente das familias mais abonadas e aristocraticas, onde sacerdotes "grevistas" pretendem celebrar missas contra o estipulado nestas disposições.

## OS PRECEITOS DA CONSTITUIÇÃO CONDEMNADOS PELA IGREJA

Para maior illustração do caso é necessario conhecer quaes são os preceitos constitucionaes que, na opinião da Igreja Catholica bastaram para provocar o movimento sedicioso contra o governo do senhor presidente Calles, sendo curioso notar que a mesma Constituição de 1917 tão combatida pelos elementos reaccionarios estabelece no seu artigo 135 os tramites LEGAES necessarios para posteriores reformas.

Eis aqui em concreto os principios condemnados pela Igreja. "... NENHUMA CORPORAÇÃO RELIGIOSA NEM MINISTRO DE CULTO ALGUM PODERÁ ESTABELECEER OU DIRIGIR ESCOLAS DE INSTRUÇÃO PRIMARIA..." (Artigo 3.º da Constituição).

"O Estado não póde permitir que se leve a effeito nenhum contrato que tenha por objecto o menoscabo, a perda ou o irrevogavel sacrificio da liberdade do homem já seja por causa do trabalho de educação ou de voto religioso. EM CONSEQUENCIA A LEI NÃO PERMITTE O ESTABELECIMENTO DE ORDENS MONASTICAS..."

"As Associações religiosas denominadas igrejas, seja qual for o seu credo, não poderão em nenhum caso ter capacidade para adquirir, possuir ou administrar bens de raiz nem capitaes, impostos sobre elles... Os TEMPLOS DESTINADOS AO CULTO PUBLICO SÃO DE PROPRIEDADE DA NAÇÃO..." (Paragrapho II do artigo 27 ID).

"Corresponde aos Poderes Federaes exercer em materia de culto religioso e disciplina externa a intervenção que designem as leis... O CONGRESSO NÃO PODE DICTAR LEIS, ESTABELECENDO OU PROHIBINDO QUALQUER RELIGIÃO... O matrimonio é um contracto civil... — Os ministros dos cultos serão considerados como pessoas que exercem uma profissão E ESTARÃO DIRECTAMENTE SUJEITOS AS LEIS QUE SOBRE A MATERIA SE DICTEM... As legislaturas dos Estados terão faculdade de determinar o numero de ministros dos Cultos..."

"PARA EXERCER NOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS O MINISTERIO DE QUALQUER CULTO E' NECESARIO SER MEXICANO DE NASCIMENTO".

"OS MINISTROS DOS CULTOS NUNCA PODERÃO em reunião publica ou privada, nem em actos do Culto ou de propaganda religiosa FAZER CRITICAS DAS LEIS FUNDAMENTAES DO PAIZ, DAS AUTORIDADES EM PARTICULAR OU EM GERAL DO GOVERNO, nem terão voto activo ou passivo nem direito de associar-se com fins politicos..."

"FICA RIGOROSAMENTE PROHIBIDA A FORMAÇÃO DE TODA CLASSE DE SOCIEDADES POLITICAS CUJO TITULO TENHA ALGUMA PALAVRA OU INDICAÇÃO QUALQUER QUE A RELACIONE COM ALGUMA CONFISSÃO RELIGIOSA"...

"NÃO PODERÃO CELEBRAR-SE NOS TEMPLOS REUNIÕES DE CARACTER POLITICO..."

"Os ministros dos cultos têm incapacidade legal para ser herdeiros por testamento, dos ministros de mesmo culto ou de um particular COM QUEM NÃO TENHAM PARENTESCO DENTRO DO QUARTO GRAO..." (Artigo 130 ID).

## A CONSTANTE PERSEGUIÇÃO DO CLERO CONTRA O LIBERALISMO

Nota-se pois que os pontos de discordia foram simples detalhes do culto externo, disposições administrativas, dictadas pelas dolorosas experiencias politicas do passado, mas nunca manifestações de "PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA" nem actos de hostilidade contra a "FE' RELIGIOSA", que todos os espiritos liberaes sempre respeitamos e consideramos como a mais pura expressão das maiores aspirações humanas.

Proclamar pois, com precipitação por ignorancia dos acontecimentos ou com fins tendenciosos de propaganda, que "o Sr. presidente Calles PERSEGUE A RELIGIÃO no Mexico" é proclamar uma completa inexactidão, tanto mais deploravel quanto que no Mexico, muito ao contrario, o que se tem registrado desde a nossa guerra de Independencia (1810) até a data presente é uma constante e positiva PERSEGUIÇÃO DO ALTO CLERO, SOB O AMPARO DA RELIGIÃO", contra todos os regimens liberaes da nossa historia e até contra as aspirações populares de Independencia Nacional.

O proprio Cura Hidalgo, Pae da Independencia do Mexico, foi excommungado e degredado antes de ser fusilado e no mesmo edital fulminante contra o nosso maior heroe nacional fazia-se incorrer na mesma pena de excommunhão a todos os que ajudaram da qualquer forma o movimento libertador iniciado pelo patriota insigne.

Igual combate mantiveram o clero e a reacção aliados contra os principios constitucionaes e legaes de caracter liberal que as

## ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA::

successivas administrações, sempre mais progressistas, iam adoptando e impondo apesar destes obstaculos.

Estes são factos historicos, indiscutíveis, cuja relação detalhada não me corresponde expor aqui. De nenhuma forma se trata de accusações inventadas ou de deducções lyricas do meu criterio pessoal.

### A PROPAGANDA CLERICAL

Desde um principio a propaganda clerical contra o Mexico e contra o actual governo do senhor presidente Calles, adulterando factos e forjando horripilantes lendas, esforçou-se com inauíta tenacidade em apresentar ante o mundo este conflicto politico-clerical do Mexico, como sendo uma cruel e selvagem "PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA", que não seria tolerada hoje por nenhum povo do mundo e muito menos por um povo varonil e combativo como o mexicano.

Para manter este ambiente de ignorante hostilidade entre o publico estrangeiro, procura-se em vez de discutir com intelligencia e serenidade o fundo politico e philosophico deste conflicto, irritar a sensibilidade das pessoas religiosas, com narrativas novellescas de scenas impossiveis, verdadeiramente notaveis sob um ponto de vista literario ou como trabalhos de imaginação, mas escriptos todos "ex-professos", com o visivel desejo de commover aos mais duros de coração e de rebellal-os contra a fantastica personalidade de um Plutarcho Elias Calles que jámais existiu. Escriptores de renome dentro dos circulos clericales consomem todo o seu talento em pintar o Primeiro Mandatario Mexicano, como um ser extranho e sobrenatural, que rodeado de uns quantos demonios, impõe cruelmente os seus caprichos contra a vontade de todas as forças catholicas da Republica levantadas em armas! Qualquer "canard" qualquer noticia por absurda que seja, serve para insultar grosseiramente a figura do Sr. general Calles e distrahir assim a mente do observador imparcial cuja intelligencia poderia, de outro modo, descobrir a verdade dos acontecimentos. A miude, ditas fantasias de propaganda até resultam comicas, a força de querer ser tragicas. É a maior parte das vezes facilmente se descobre o seu disfarce que não pode resistir ao exame serio do leitor equanime.

### O CRITERIO DO PRESIDENTE CALLES

Para terminar esta nota desejo, entretanto, seleccionar no meio de todas as declarações do Sr. presidente Calles algumas phrases que na minha opinião, são as mais expressivas e as que melhor focalizam o seu criterio no caso presente.

Respondendo ao questionario apresentado pelo Sr. John Page, representante dos jornaes do Consortium Herast o presidente Calles dizia no dia 26 de julho de 1926: "QUE PO'DE E QUE DEVE FAZER O GOVERNO DE UM PAIZ, no qual um grupo social qualquer de tendencia religiosa ou não religiosa, desconhece pu-

blicamente a Constituição da Republica, annuncia o seu proposito de combatel-a e incita o povo a que a desconheça?... — Que poderia ou que deveria fazer o meu governo neste caso senão fixar a sua atenção nos artigos da Constituição que, por confissão propria, estavam sendo desobedecidos, e exigir então o extricto cumprimento da Lei Fundamental?"

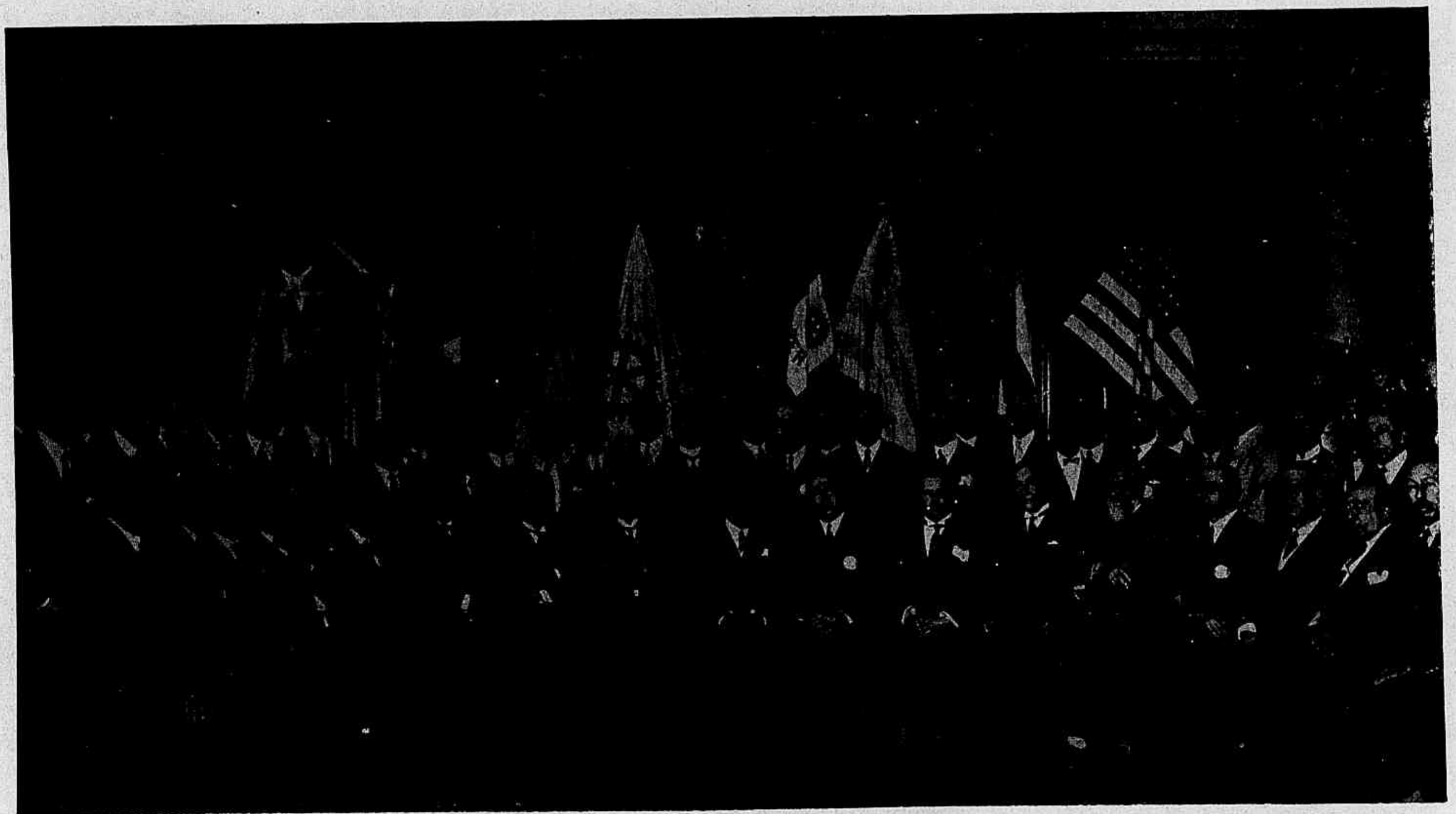
Um pouco mais adeante, nas suas mesmas declarações ao citado jornalista americano, o Sr. presidente emittia estes conceitos que bem podem ser considerados como um elogio para o clero, verdadeiramente religioso, dos povos mais civilizados: "Eu bem comprehendo que para povos como o dos Estados Unidos resulta difficil de comprehender QUE EXISTEM MALVADOS QUE PRETENDEM ENCOBRIR OS SEUS PROPOSITOS POLITICOS COM MANTOS DE RELIGIOSIDADES porque lá, todas as igrejas distinguem a attitude e a conducta politica, ao passo que no nosso paiz, desde a Independencia até os nossos dias, tem sido problema historico constante com aspectos varios, esta intromissão da Igreja Catholica nos assumptos de ordem temporal e politica, até o extremo de que hoje, com as excepções a que me tenho referido, todos os demais catholicos do Mexico, que são bons mexicanos, fazem uma perfeita e clara distincção entre os seus deveres religiosos e a sua obediencia ás manobras politicas dos seus maus pastores..."

É no dia 1º de setembro de 1926, falando dos mesmos successos, o presidente da Republica terminava assim a sua Mensagem Annual ao Congresso da União:

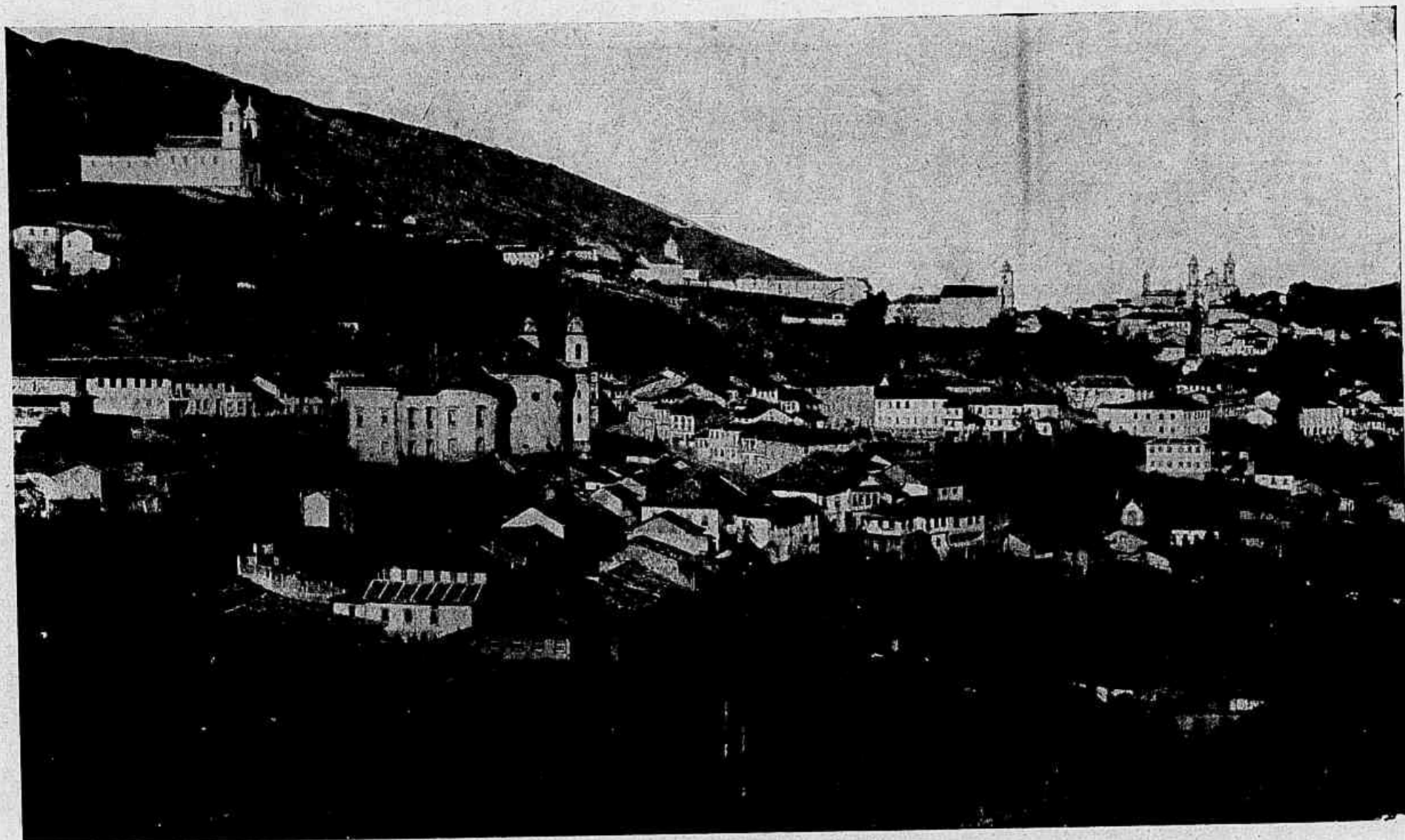
"A tarefa que emprehendeu o Executivo Federal, talvez não seja agora bem comprehendida nem devidamente apreciada, porém quem tem a honra de falar-vos entende que o governante consciante de seu dever não póde deter-se ante essa consideração, e estima que ante os interesses espirituales do futuro, não importa sacrificar alguns dos interesses materiaes do presente.

"Talvez as Leis de medidas, ditadas nos ultimos tempos, magoem sentimentos arraigados e á primeira vista respeitaveis; porém, essas Leis e medidas dictaram-se tendo em vista uma dolorosa experiencia historica, e assim como a historia actual justificou as que se dictaram ha quarenta annos, e que então também produziram geral impressão de desagrado, assim, também, o Executivo o espera confiante, a historia no futuro justificará o que hoje estamos fazendo, e as gerações vindouras, que receberão seguramente o proveito, hão de saber estimar e comprehender o nosso labor".

Afortunadamente as publicas manifestações de adhesão dos representantes mais illustres do pensamento livre do mundo, que applaudiram esta actuação politica do Sr. presidente Calles, são indícios evidentes de que a verdade continua imperturbavelmente o seu caminho.



Antes do almoço que o Rotary Club offereceu ao senhor Ministro do Exterior e á Delegação Brasileira na Conferencia Pan-Americana de Havana.



*A velha cidade de Ouro Preto em Minas Geraes.*

# O u r o P r e t o

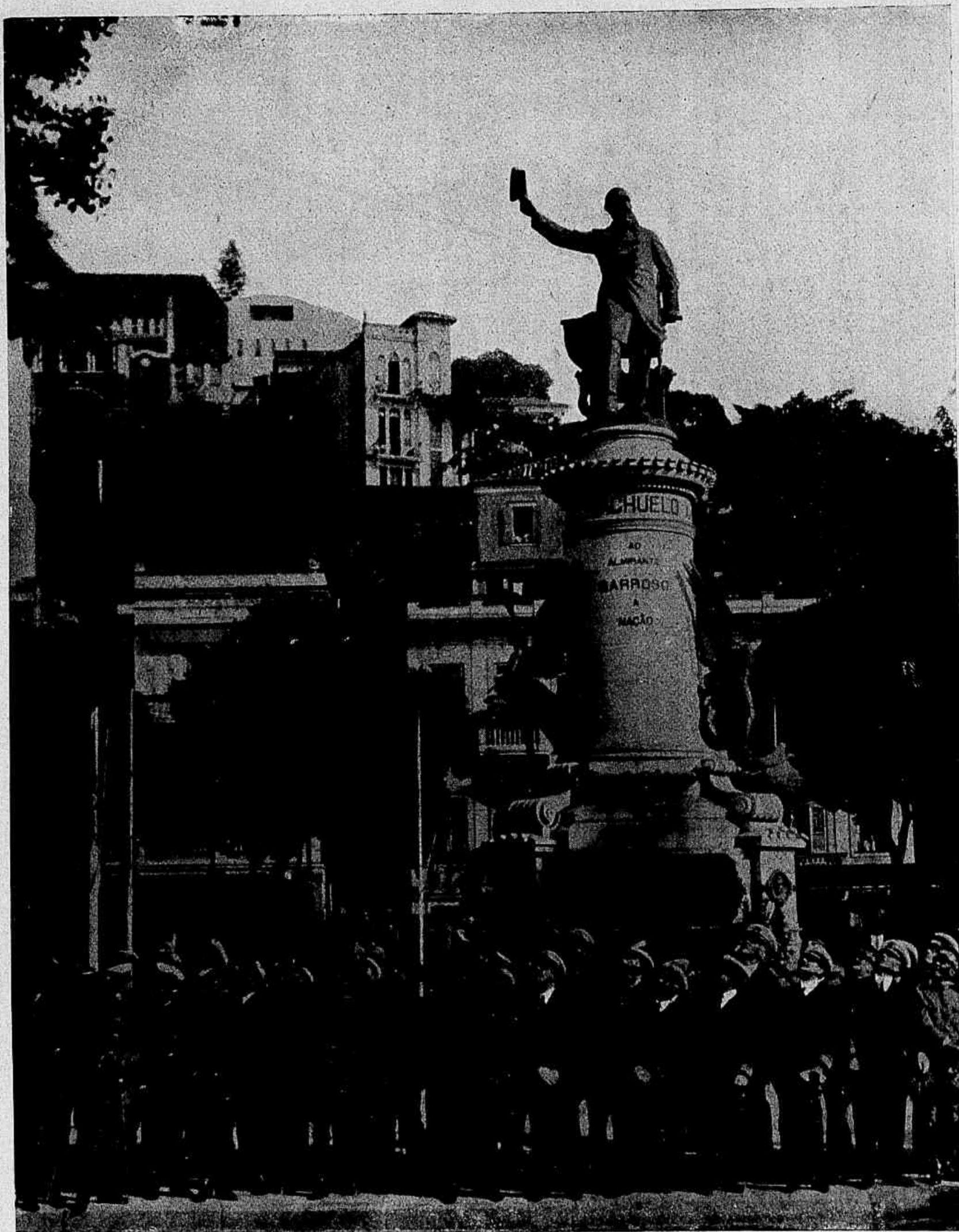
Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada  
Ribeirão trepidante e de cada recôsto  
De montanha o metal rolou na cascallhada  
Para o fausto del-Rei, para a gloria do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quasi nada:  
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto...  
Esta agencia postal era a Casa de Entrada...  
Este escombro foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu: é funcionario.  
Ultimo sabedor da cronica estupenda,  
Chico Diogo escarnece o ultimo visionario.

È avulta apenas, quando a noite de mansinho  
Vem, na pedra sabão lavrada como renda,  
Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho.

M A N U E L  
B A N D E I R A



11 DE JUNHO

Junto do monu-  
mento do Almi-  
rante Barroso.

COMMEMORAÇÃO

DA BATALHA

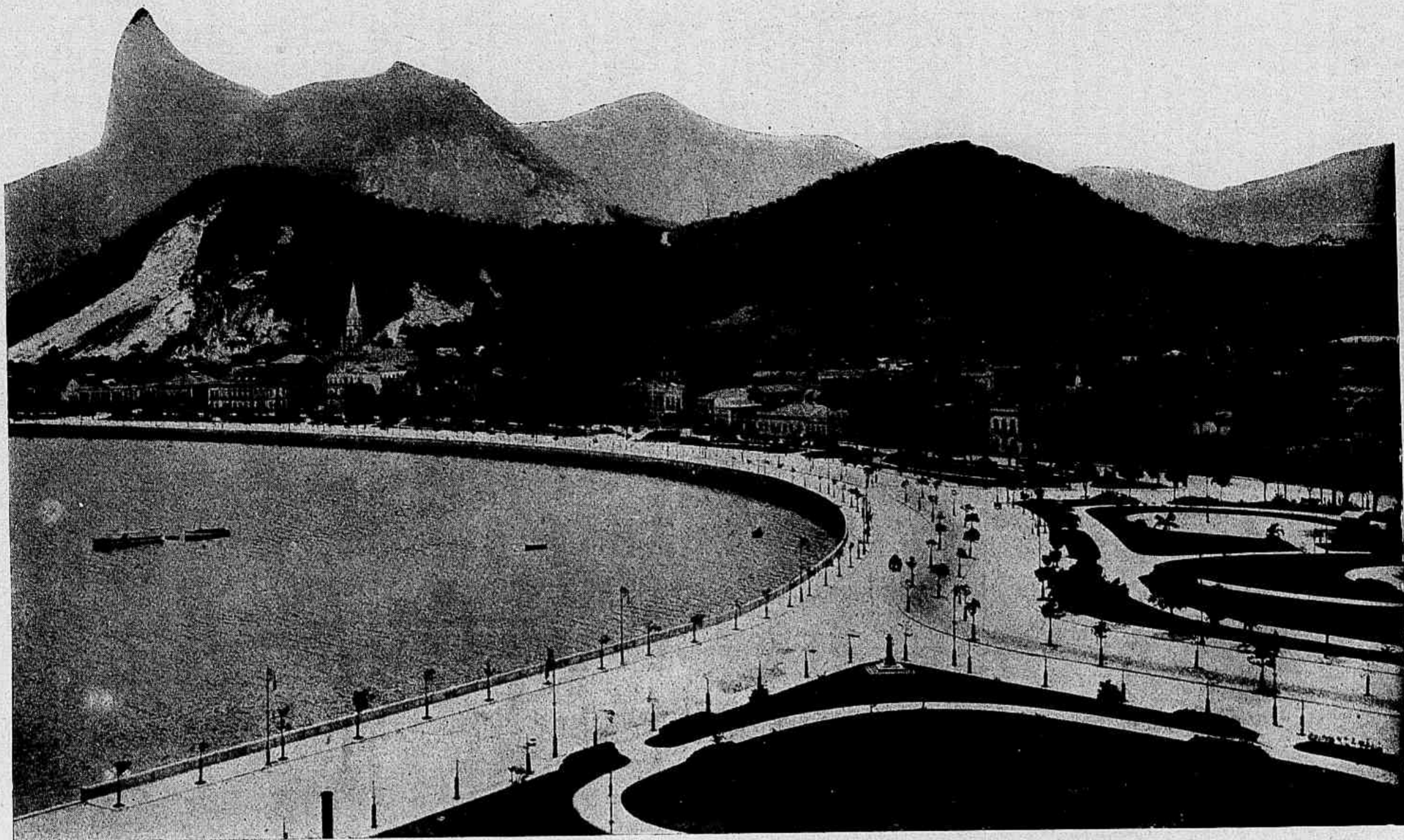
DO RIACHUELO

Altas autori-  
dades do Exerci-  
to e da Marinha.

# De Fontes de Miranda

É o Artista disse: — Passa de vagar, ó transeunte! Detém-te um instante deante de Mim. Não te espantes se te falo e não me vês. Este vaso que pegas, este verso da estela que tu lês, este longinquo acórde que tu escutas, esta columna gracil que se enrosca deante de ti, isto sou *Eu fóra de Mim*. Dá-me um olhar, dá-me um recanto do teu ouvido, da tua pupilla, da tua alma. Paga-me, com a tua attenção, a caricia, o ardor, a Vida, que eu te levo. Tu chamas a esta amphora, a esta ogiva, a este trecho de musica, a esta renda de tempo que é a dança, a este canto de pedra que é o castello, tu chamas a isto obra de arte. Crês acaso, ó infiel, que com isto me apagas, que em só veres o objecto consegues negar a Mim? Tu não sentes que eu me arranquei do meu proprio cerebro, que eu me metti na argila desta taça, na pedra desta arcada, nos rythmos destas notas, no mysterio palpavel destes versos? Vêm, paga com o teu beijo o beijo que eu te levei, tóca com os teus olhos, com os teus dedos, com os teus ouvidos, com o teu espirito, as estruturas do meu Eu, o que deixei de Mim fóra de mim, os filêtes dos meus nervos, as gotas do meu sangue, os recórtes do meu sêr, que eu empurrei até os teus nervos, que eu arrastei, saído de mim, até o teu sêr. Nelles eu vivo, nelles me tens no incerto amanhã, nelles — com o teu halito, e a tua Vida — venço a Morte ignara e consigo, do Nada, rever e possuir, na transitoriedade rotativa da Terra, a minha amante triumphal: a Eternidade.

Passa de vagar, ó transeunte!  
Detém-te um instante  
deante d e M i m !



BOTAFOGO — O lindo bairro do Rio

# OS ARRABALDES DA CIDADE

## POR CARLOS EMYGDIÓ

Ha dois seculos, no tempo do governador Luiz Vahia Monteiro, cogitou-se em limitar a cidade, construindo-se uma grande muralha, bastante resistente, do morro da Conceição ao Campo de Santo Antonio, situado nas proximidades do actual largo da Carioca.

Essa providencia 'tinha por fim evitar que a cidade do Rio de Janeiro fosse novamente invadida pelo lado do sertão, como havia acontecido alguns annos antes, quando as forças francezas, encontrando resistencia á entrada da barra, foram desembarcar em Guaratiba, marchando dahi por caminhos rudes e pela estrada Real de Santa Cruz, aberta pelos padres da Companhia de Jesus, até alcançarem o ponto desejado.

Deu-se inicio ás obras da muralha, mas as difficuldades financeiras não permittiram a continuação.

A idéa de cercar a cidade foi abandonada quando os alicerces do muro, construidos ao lado da valla, que corria pelo leito da actual rua Uruguayana, haviam alcançado a igreja do Rosario.

A cidade crescia lentamente.

Muitos proprietarios desejavam construir casas no campo, parte da cidade que se estendia além da valla, em direcção ao sertão, onde os jesuitas desenvolviam grande actividade na criação de gado e na cultura de canna de asucar.

A Camara porém declarou que havendo ainda dentro da cidade muitos lotes de terras devolutas, não podia conceder as licenças solicitadas.

Isso foi em 1730.

Tres annos depois novas petições foram apresentadas á Camara.

A população crescia.

A idéa de se construir "casas no chão do campo da cidade, da muralha para fóra", como diziam os peticionarios, cada vez tomava maiores proporções.

Em 1748 chegaram a pedir autorisação para demolir o muro, afim de se ampliar a cidade, que então contava com uma população avultada.

Afinal, entre os annos de 1763 e 1767, no tempo do vice-rei D. Antonio Alvares da Cunha, a valla da cidade foi coberta de lagedos, dando então origem á rua da Valla, denominação que conservou até 14 de Novembro de 1865, passando então a ter o nome de rua Uruguayana.

Depois da demolição do muro o campo cobriu-se de casas e nas margens dos pantanos, além do actual jardim da Praça da Republica, começavam a ser levantadas algumas construcções toscas, dando origem á Cidade Nova.

### S. CHRISTOVÃO

Ao mesmo tempo em que a Cidade Nova crescia, a Fazenda de S. Christovão, sequestrada aos jesuitas em 1759, por ordem de D. José, inspirado pelo Marquez de Pombal, era retalhada e vendida em hasta publica, a varios proprietarios.

Nasceu então o bairro de S. Christovão.

E' o mais velho e o maior da cidade.

Nos tempos coloniaes era ainda passagem das tropas e cavalleiros que se dirigiam ou vinham das capitancias do Rio de Janeiro, Minas Geraes e S. Paulo, todas ligadas á cidade de S. Sebastião por estradas de rodagem.

Até 1837 o campo de S. Christovão, actualmente um dos mais lindos logarejos publicos, caprichosamente ajardinado, foi pastagem realenga, a unica que então existia nas proximidades do centro urbano.

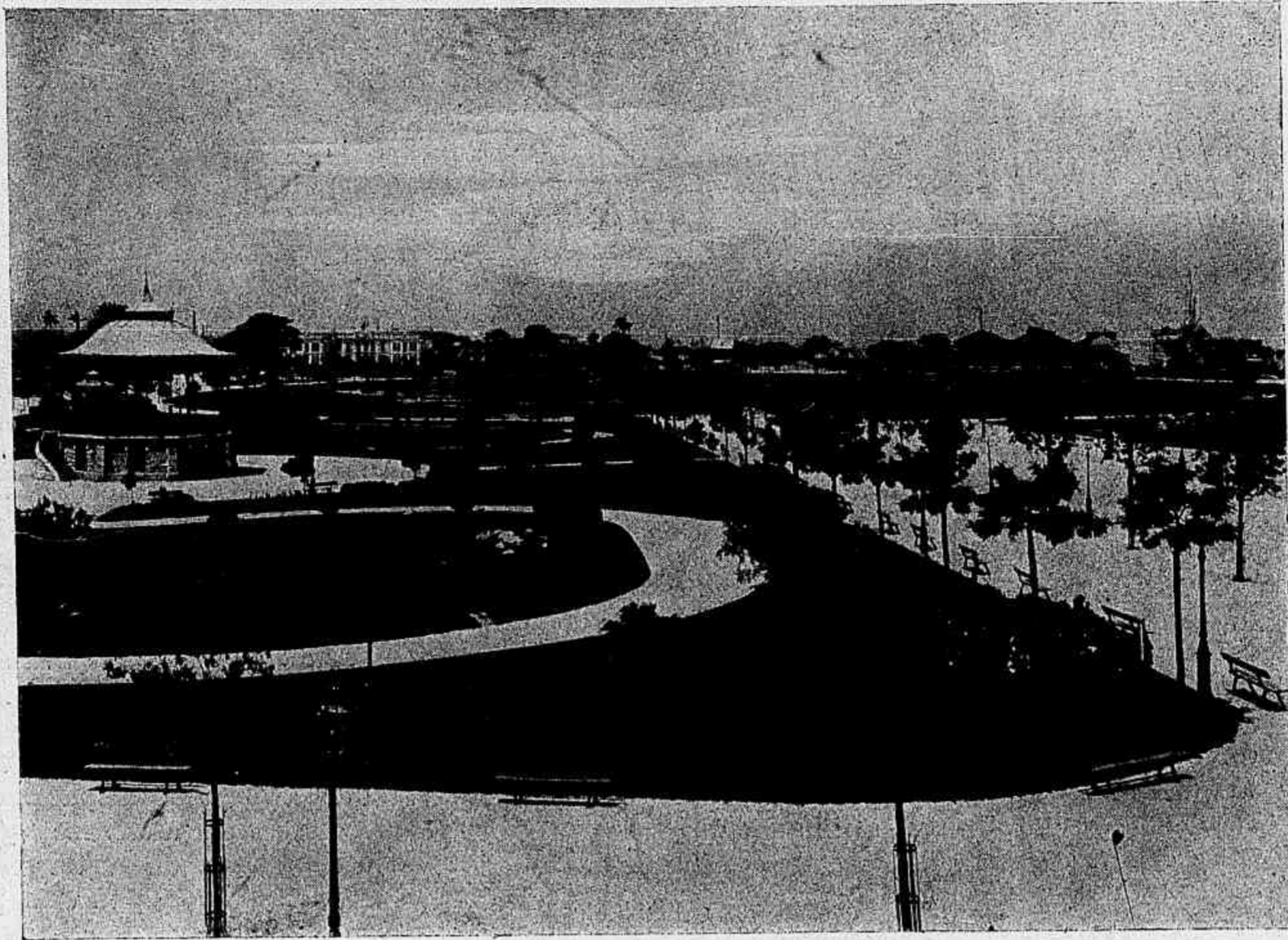
No fim da Regencia teve barcas a vapor que conduzia passageiros do Pharoux á ponta da Egrejinha.

As ruas sem calçamento de especie alguma, passaram a ser animadas com as diligencias, que desciam até o largo do Rocio, correndo pela rua de S. Pedro do Aterrado, por

onde via-se constantemente o pessoal da Côrte, a caminho do palacio da Quinta da Boa Vista ou do Paço da Cidade.

Os bondes começaram a rodar pelas ruas do florescente arrabalde em 1870, poucos mezes depois de terminar a guerra do Paraguay, tornando-o um dos mais movimentados da cidade, tendo industria e commercio bastante desenvolvidos.

No bairro de S. Christovão, situado no littoral, existem o Observatorio Nacional do Rio de Janeiro, o Arsenal de Guerra, a caixa d'agua do Pedregulho, que é a maior da cidade, varios quartéis do Exercito, o Museu Nacional, o Hospital dos Lazaros, o Hospital de N. S. do Socorro, diversos asylos, innumeros collegios, os cemiterios de S. Francisco Xavier, o do Carmo e o de S. Francisco da Penitencia, innumeras fabricas de tecidos e outros estabelecimentos industriaes.



CAMPO DE S. CHRISTOVÃO — Ajardinado a capricho.

#### LARANJEIRAS

Cresceu ás margens do curso do Carioca, que desce do Corcovado.

Esse rio, que era sagrado pelos Tamoyos, está actualmente canalizado.

E' inteiramente desconhecida a época em que o pittoresco bairro das Laranjeiras começou a se desenvolver, mas é provavel que tenha sido depois do de S. Christovão.

Foi formado dos terrenos desmembrados de varias chacaras.

#### BOTAFOGO

A Quinta de S. Clemente, occupando o extenso valle entre o littoral de Botafogo e a lagôa Rodrigo de Freitas, confinando, de um lado, com as terras das Laranjeiras, e de outro, com diversos morros e terrenos de Copacabana, pertenceu até 1702 ao Padre Dr. Clemente Martins de Mattos, fundador da capella de S. Clemente.

Ao lado esquerdo da referida Quinta ficava a Fazenda da Olaria, que se communicava com o mar pelo rio Berquó, por onde navegavam barcos de materiaes.

Actualmente o rio está coberto, canalizado e reduzido a uma simples valla de esgotos.

Beirando o mar, desde os ultimos annos do seculo XVI, a praia tem a denominação de Botafogo, por ter se estabelecido nella João de Souza Botafogo.

A sinuosa rua General Polydoro era apenas um caminho de servidão publica com a denominação de rua Berquó.

Nos primeiros annos do seculo passado o caminho particular de carros que atravessava a grande Quinta, já então pertencente a varios proprietarios, por herança que se vinham succedendo, ha mais de cem annos, foi transformado em via publica recebendo o nome de rua S. Clemente, a qual ainda hoje conserva.

A Fazenda pagava ao Senado da Camara 2\$500 annuaes de fôro.

Foi precisamente com o seculo passado que o bairro de Botafogo, que gozou durante muitos annos a fama de arra-

balde aristocratico, surgiu.

Nos ultimos tempos do Conde de Rezende foi aberto, atravez de uma chacara particular, o caminho da Ponte do Cattete a Praia de Botafogo, que ia da actual Praça Jose de Alencar ao palacete que mais tarde pertenceu á rainha D. Carlota.

Esse caminho — Caminho Novo de Botafogo — deu origem á rua Marquez de Abrantes, titular que adquiriu dos herdeiros de D. Pedro I, pela importancia de 47:000\$000, o alludido palacete.

O Caminho

Velho de Botafogo era a rua Senador Vergueiro. Muito tempo depois da Independencia do Brasil foram abertas no bairro de Botafogo, atravez de chacaras e propriedades agricolas, varias ruas, inclusive a dos Voluntarios da Patria, baptisada então com o nome de S. Joaquim, a qual ficou prompta em 1846.

Em 1837 as barcas a vapor da Companhia Inhomirim, atravessando a Guanabara, levavam para Botafogo passageiros de Nictheroy, de S. Christovão e da cidade.

Os bondes chegavam ao bairro em 1870, facilitando assim a sua communicação com a cidade.

Botafogo é actualmente um dos mais lindos arrabaldes, quer pela sua situação topographica, quer pela sua imponente perspectiva.

#### GAVEA

E' o menor arrabalde.

Teve a sua origem na fundação de uma fabrica de polvora, nas proximidades da lagôa Rodrigo de Freitas, e na criação do Jardim Botânico.

Isso foi depois de 1808, no tempo de D. João VI.

Mas devido a distancia e a falta de meios de communicação, durante mais de 60 annos o seu desenvolvimento foi quasi insensivel.

Os bondes da Companhia Jardim Botânico, uns dez annos antes da proclamação da Republica, chegaram ao fim da rua Marquez de S. Vicente, onde começa a estrada que vae ter á barra da Tijuca.

As fabricas de tecidos Carioca e Corcovado, fizeram com que a Gavea fosse cerca de 30 annos, apenas, um bairro operario, mas nestes ultimos tempos tem passado por grande transformação, tornando-se elegante.

#### TIJUCA

A Tijuca é o arrabalde do Rio de Janeiro falado em todas as partes do mundo.

E' Petropolis dos pobres.

Tem perspectivas empolgantes na parte alta e lindos palacetes, ajardinados a capricho, na parte baixa.

Nasceu ao acaso e ninguem marcou a data do seu anniversario, mas dizem que tem approximadamente cem annos.

#### VILLA ISABEL

Entre as serras do Engenho Novo e Andarahy, confinada num valle ameno, a trecho saltado de colinas, ficava á fazenda do Macaco, do dominio de Sua Majestade Imperial a serenissima Duqueza de Bragança.

Emparedado ao norte e ao oeste pelas serras, limitava-se ao sul pela rua Andarahy Grande, onde estava a sua entrada principal, o velho e pesado portão de 30 palmos, rasgado em frente a rua do Macaco, no começo da deveza que atravéz do valle se dirigia á collina em cujo alto demorava a casa principal da Fazenda, branca, simples, rustica; dominando suave paysagem.

Foi esse rorioso sitio que pelo anno de 1873 recebeu o nome de Villa Isabel, origem do bairro que se desenvolveu em condições de franca prosperidade.

Feita a aquisição da fazenda por João Baptista Vianna Drummond, depois Barão de Drummond, em 3 de Janeiro de 1872, foram realisadas, em 25 de Setembro do mesmo anno, as primeiras transacções constantes da venda de lotes de terra a Zeferino de Oliveira e Silva e 150 braças á Companhia Villa Isabel, então creada.

Pouco depois, creando-se a Companhia Architectonica, tornou-se ella proprietaria dos terrenos de Zeferino e Drummond, deliberando, ao mesmo tempo, mandar executar o levantamento da planta de Villa Isabel, em cujo plano se incluía a abertura de um boulevard, largo e recto, serviço esse confiado ao Dr. Francisco Bettencourt da Silva.

Concluidos os trabalhos de levantamento e rasgado o boulevard a principio até á rua Rufino de Almeida e mais tarde até á rua São Francisco Xavier, foram alinhadas as novas ruas.

O arrabalde actualmente tem vida intensa. Grande numero de estabelecimentos industriaes animam as suas ruas.

#### ANDARAHY

Nasceu em condições bem modestas, ao mesmo tempo do de Villa Isabel, mas como todos os outros bairros da cidade, modernisou-se, tornou-se elegante.

Em épocas remotas fez parte ás propriedades dos jesuitas.

#### CATUMBY

Ignora-se a data de seu nascimento. E' um bairro modesto, encravado entre morros, bem perto do centro urbano.

#### RIO COMPRIDO

E' muito pittoresco. Foi reconhecido officialmente em 1875, quando os bondes da Companhia de S. Christovão alcançaram o logar denominado Cova da Onça, actual ruá Barão de Petropolis, que se communica ás Laranjeiras por um tunnel de 200 metros de extensão, aberto num ponto elevado do morro de Santa Thereza.

#### COPACABANA

E' o arrabalde mais moço da cidade. Nasceu e cresceu nas terras de varias propriedades ruraes e da antiga fazenda de Copacabana, que até 1845 pertenceu a Carlos Leblon, gerente de uma empresa de vehiculos para transporte de passageiros e cargas. Quando se proclamou a Republica, Copacabana, namorando o mar, não era mais do que um immenso areal coberto de pitangueiras e cajueiros, entre os quaes se destacavam algumas choupanas.

Até o fim do seculo XVIII alcançava-se a fazenda de Copacabana, por um caminho tortuoso que beirava a Quinta de S. Clemente e a chacara do Mathias, subia o morro do Pasmado e descia de outro lado, avistando-se dahi a tradicional egrejinha de Nossa Senhora de Copacabana, sobre um rochedo que entrava pelo mar a dentro, a qual ha annos foi demolida para a construcção do forte.

Copacabana era a Sacopenapau dos primitivos habitantes da cidade e Copacabana dos tempos coloniaes.

O primeiro cabo submarino ligando telegraphicamente o Rio de Janeiro á Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, foi lançado ao mar em Copacabana, em 1873.

Depois da proclamação da Republica a Companhia Jardim Botânico abriu o tunnel da rua Real Grandeza, fazendo chegar os seus bondes, naquella época puxados por animaes, ao grande areal coberto de pitangueiras.

Assim nasceu o mais lindo arrabalde, coberto de maravilhosos palacetes e graciosas vivendas, que enlevadas olham para o Atlantico, grandioso e empolgante.

**VILLA ISABEL** — A antiga fazenda do Macaco, que é hoje um dos encantadores arrabaldes da cidade.





ESTUDO DE COR DE TIMOTHÉO DA COSTA  
(Galeria Dr. Paulo Boneschi)

O  
DIA  
DE  
CAMÕES



NO  
GABINETE  
PORTUGUEZ  
DE LEITURA

Senhoras Anna Amelia de Queiróz Carneiro de Mendonça,  
Yveta Ribeiro e Zélia Moelmann e senhorinhas Ma-  
rina de Padua e Edith Lorena que tomaram parte  
:: nas homenagens a memoria do grande epico. ::

O atelier do urbanista M. Agache onde estão sendo feitos os estudos para o remodelamento da capital brasileira.





Enlace  
RUTHRA DE CASTRO-FERNANDO BULHOSA  
(Photo Zenobio)

# Condenados



junta de hygiene interdita a casa. Acaçapada, feia, com as vidraças partidas, tem o aspecto de carrancuda miseria ou solitária dor...

Vae ruindo aos poucos... Racham-se, de cima a baixo, as paredes, dentro de sempapeladas e fóra bolor...

rentas, verdes de placas de limo e musgo. O assoalho cede e esburaca-se; está a mostra o vigamento de suporte numa nudez ridicula de esqueleto.

Sempre fechada a casa em ruinas parece uma ameaça, um protesto ou uma meditação de velho cansado, triste, a morrer lentamente...

A vista de uma velha casa vazia infunde um certo respeito... E' que, tanta vida humana já se agitou dentro das suas paredes que a casa como que guarda um eco de risadas e soluços. E' um cofre, um tumulto de sentimentos...

Quando habitada, a casa *identifica-se* com os donos. Exhibe ao mundo o character destes na excentricidade ou elegancia do jardim, pinturas, adornos. Ouve-lhes as confidencias e interessa-se ecoando-lhes as palavras mais fortes...

Mas vazia, a casa é uma recordação imprecisa... E, vazia e velha, é um mysterio tristonho. No seu cheiro de bolor sentimos-lhe a *alma* em abandono... O eco dos seus salões é um soluço de saudade... Pingam lagrimas das suas parede humidas... Sim, as velhas casas vazias parecem soffrer...

Certa manhã, porém, o pardieiro arruinado entre-abre para a rua curiosa o olho de uma janella, escancara-o e emmoldura nelle, risonhamente, um rostinho magro de creança — raio de sol naquella morte...

Este signal de vida na casa moribunda intriga os vizinhos. "Quem é?" — indagam e descobrem que se alojou alli, como lagartixa humana, uma familia de mendigos. Afinidade de ruinas...

— A Hygiene prohibiu! Vou prevenil-a, para que os enxote! declara um deses ferrenhos guardiães da autoridade.

Outras pessoas se apiedam:

— Coitados! Só assim teem casa... Para elles, esta velharia é um palacio...

Com effeito! A pobre familia vinha da rua, dos desvãos de porta, dos cubiculos lobregos sem ar nem luz, das tócas immundas.

Arrumam alegremente a casa.

Uma esteira esfiapada no commodo de mais abrigo é a cama dos gemeos. E o homem apesar

de pernetta, compõe com taboas velhas, o catre onde dormirá com a mulher e o filhinho de dois mezes.

Como vão bem aquelles trapos naquellas paredes descalfadas! Pobreza aconchegada á outra pobreza... E a casa velha parece sorrir carinhosa, affavel, agasalhadora, feliz...

De manhã, mal a luz se cõa pelas frestas da porta, sae o homem, abordoado a um páo. Vae esmolar.

Preferia o trabalho digno e remunerador, mas, em toda a parte onde se offerece recusam-no porque é aleijado.

Quanta gente sem trabalho e quanto trabalho por fazer! O Brasil precisa tanto de braços e não aproveita os que tem!

Deviamos crear uma agencia que cuidasse de pôr energias em actividade. Mas agencia intelligente que collocasse cada pessoa no emprego que lhe fosse adequado. Por exemplo: serviços de tacto que o cego executa melhor do que as pessoas de boa vista, só seriam dados aos cegos. Todos o signaleiros e vigias seriam os estropiados. Os perfeitos e robustos teriam as regalias que teem os immigrants, isto é, receberiam terras para cultivar.

Mas ninguem pensa em fazer tão grande beneficio. Os mãos só cuidam de si e os bons dão esmola. A esmola engrandece a quem a dá e rebaixa a quem a recebe. Quem dá sente-se maior á consciencia da sua generosidade e altruismo. Quem recebe, sente-se ainda mais mesquinho, ainda mais pobre, já que perdeu toda a sua dignidade de homem.

Trabalho é o que se deve dar ao pobre. Só o trabalho é beneficio!

A miseria tem crises de alta e de baixa. Naquella surge a fome, nesta um fluxo de esperança. E para produzir dessas marés boas basta um acaso qualquer: o capenga que vae passando e uma voz o detem:

— Toma!

E' uma trouxa de roupas, enorme, que uns ricaços lhe atiram. Esplendido presente! Esplendido? é roupa de uma tuberculosa fallecida na vespera... Em vez de a queimar como manda o medico, dão-na ao pobre. Esperdiçar objectos caros é um desgosto para a sovynice de alguns ricos. No entender de tal gente "no pobre nada péga!"

Que alegria vae pela casa velha! Nunca viram roupa assim fina, tão gostosa de vestir! E riem-se radiantes, com mil exclamações pasmadas.

Trocam a esteira rota pelo colchão fofa da finada e a colcha de rendas que durante horas envolveu o seu cadaver, passa a agasalhar a creancinha de peito.

Uma tarde, o homem volta mais cedo, fugido á ameaça de temporal.

Que poeirada o vento levanta pelas ruas! E, de repente, o aguaceiro desaba estalando nas pedras das calçadas. A agua jorra em cordas, ronca nas sargetas, grulha, gorgoleja, escachôa. E não cessa.

— Parece fim de mundo! murmura a mulher, aterrada, aconchega mais do peito o filhinho. Os gemeos dormem pesadamente no extremo do quarto, abraçados, como de costume. O marido cachimba, pachorrento.

— Estas paredes velhas... considera ella, apprehensiva.

Mas o homem a acalma com fatalismo:

— Qual! Por que havia de ser logo hoje? Só se morre quando chega a hora...

A tempestade recrudesce. Um clarão de relampago e logo o estrondo soturno, apavorante. O vento assobia pelas frinchas jogando macabramente as folhas de zinco mal pregadas.

— Mãe do céu! reza a mulher.

O homem sorri:

— Medrosa!

A casa velha toda se abala á ventania. Resiste-lhe, entretanto, o mais que pode! Agoniante, e ainda se aguenta em pé!

Geme, avisa, implora e como que pede

socorro no ranger das venezianas e no tilintar dos ultimos vidros quebrados...

A chuva amaina, por fim, e o casal se accommoda na cama macia e adormece sorrindo.

Ai! pela madrugada o aleijado desperta de sobresalto a um fragor de muro que rue. E sente o rosto salpicado de terra. Assumpta, estremunhado: é uma parede que desabou... Ouve um estrondo maior, qual um gemido rouco, um extertor — e outro panno de muro desaba, um pedaço de tecto vem abaixo...

A casa decompõe-se, como um cadaver...

Atordado, o homem apalpa-se. Está preso. Uma taboa o imprensa e uma telha lhe gela o rosto, uma ripa o fere. Estorce-se, sacode a cabeça, saca um braço... Consegue desentulhar-se e, ás cegas, arrasta-se sobre a montoeira de destroços em procura da mulher e dos filhos. Grita por elles, afflicto. Um gemido responde de baixo dos entulhos. Orienta-se, inquire, remove páos, telhas, sarrafos e dá com a pobre soterrada com o filhinho malferido no braço.

— Os outros... lembra ella em voz sumida.

O homem atira-se á procura dos filhos.

— Por aqui... Neste canto... Perto da janella... Meu Deus! Ai! Que horror!

Embrulhados na colcha da tuberculosa, estão ainda quentes, abraçadinhos — mortos!

M U R I L L A T O R R E S



Salto do Avanhadava

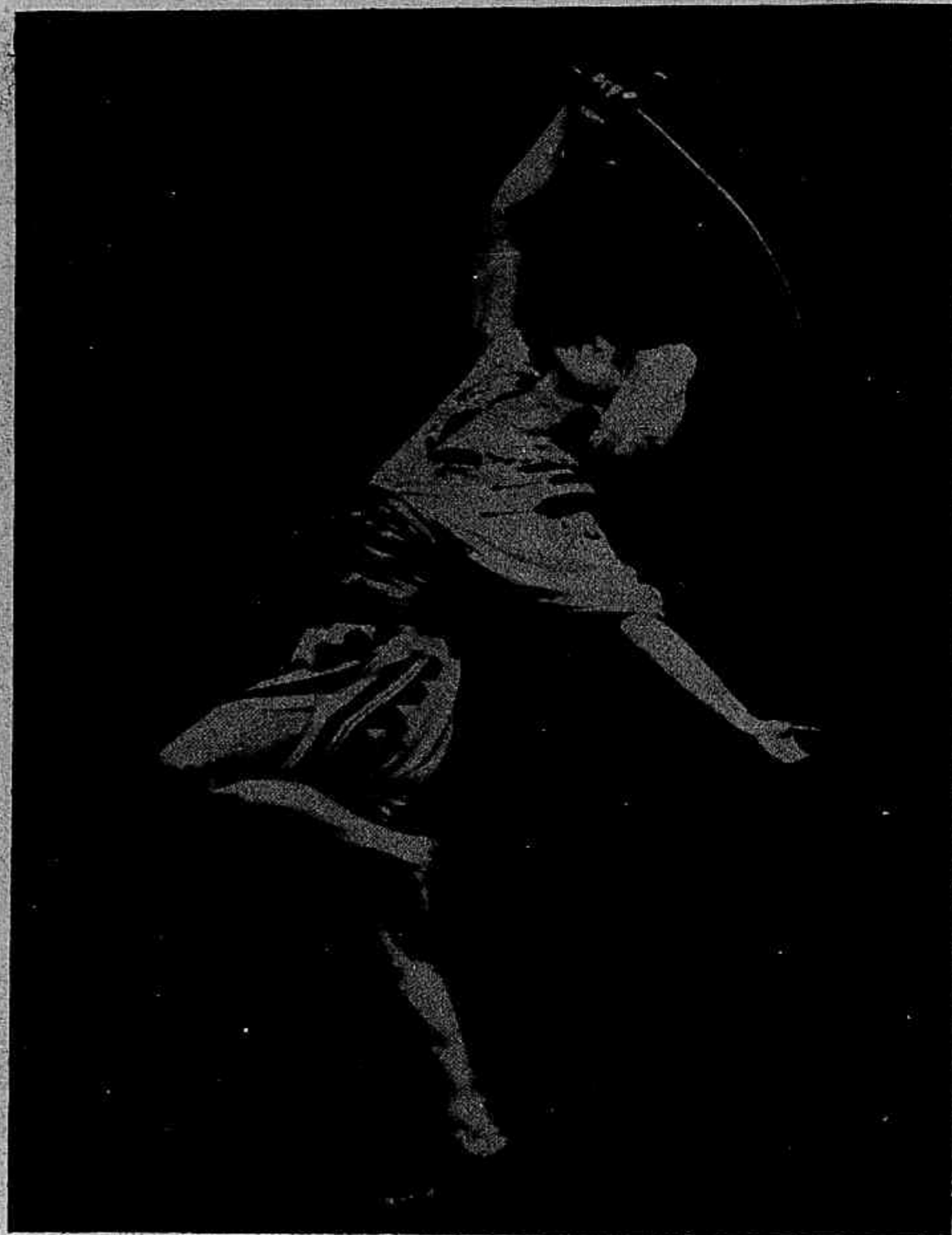
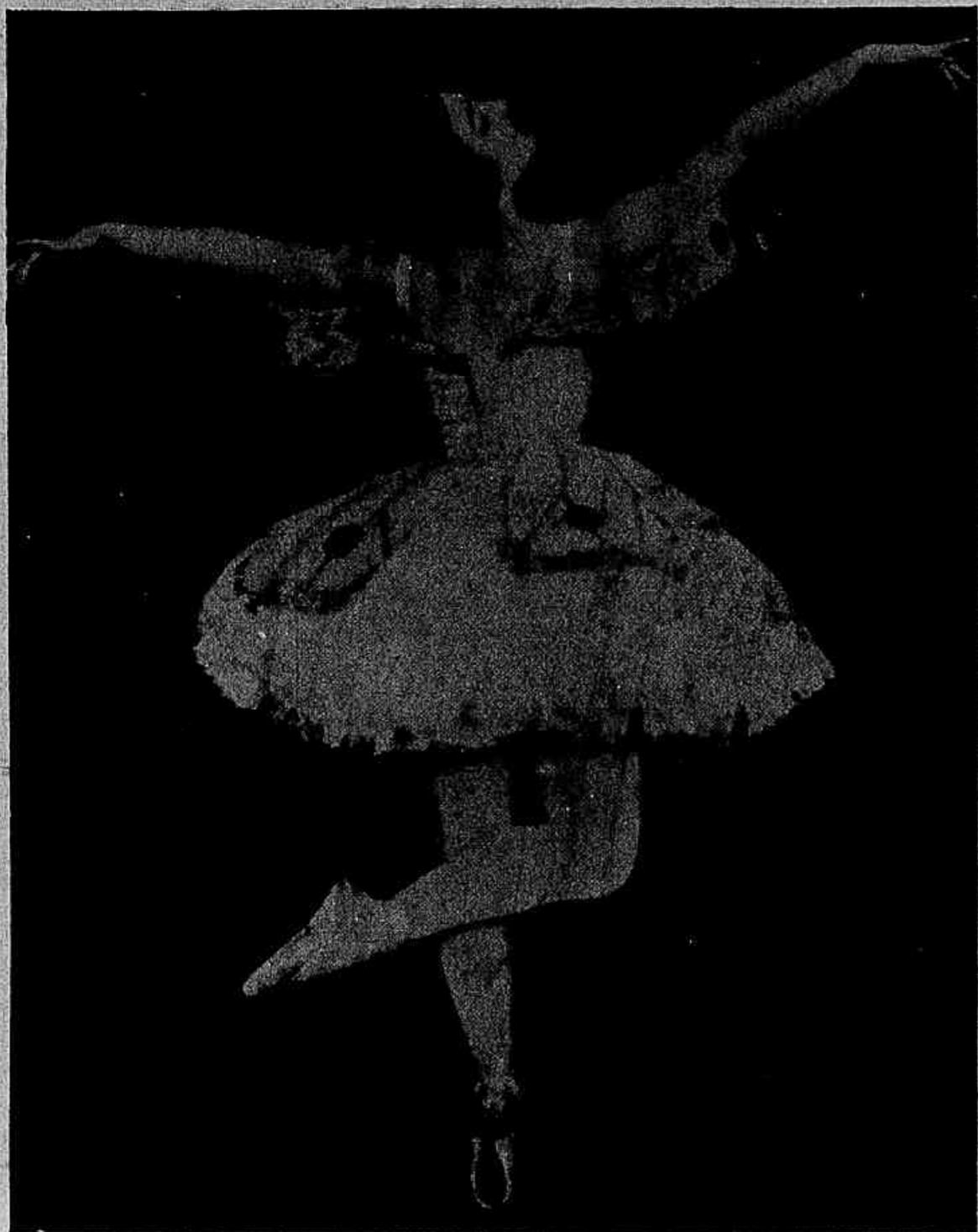


Salto  
no rio  
Tieté

S A O  
P A U L O

Salte  
no rio  
Jacaré

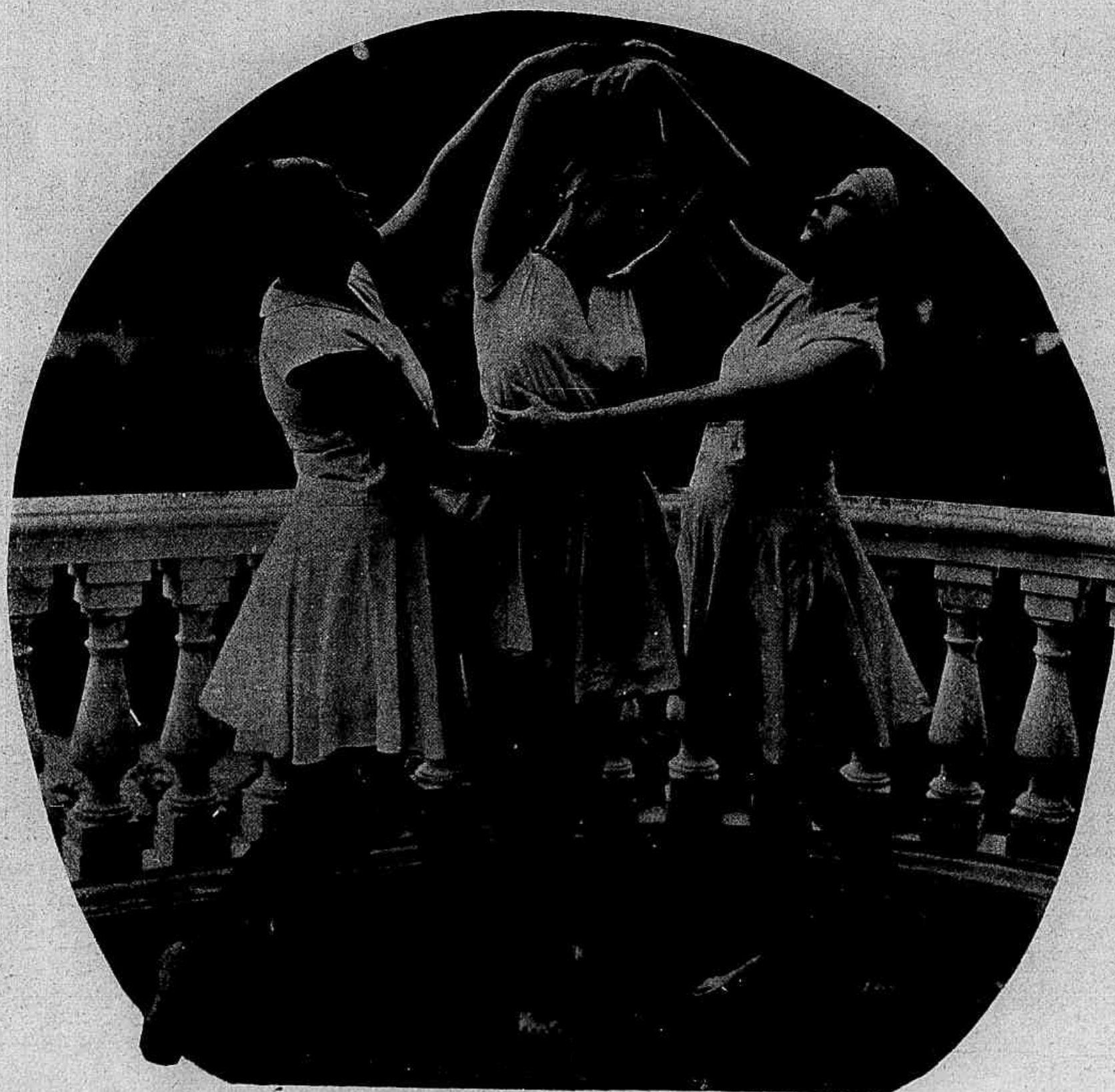




Os mestres choreographos Véra Grabinska e Pierre  
Michailowsky

e

tres das suas discipulas na Escola de Dansa do  
Fluminense F. C.

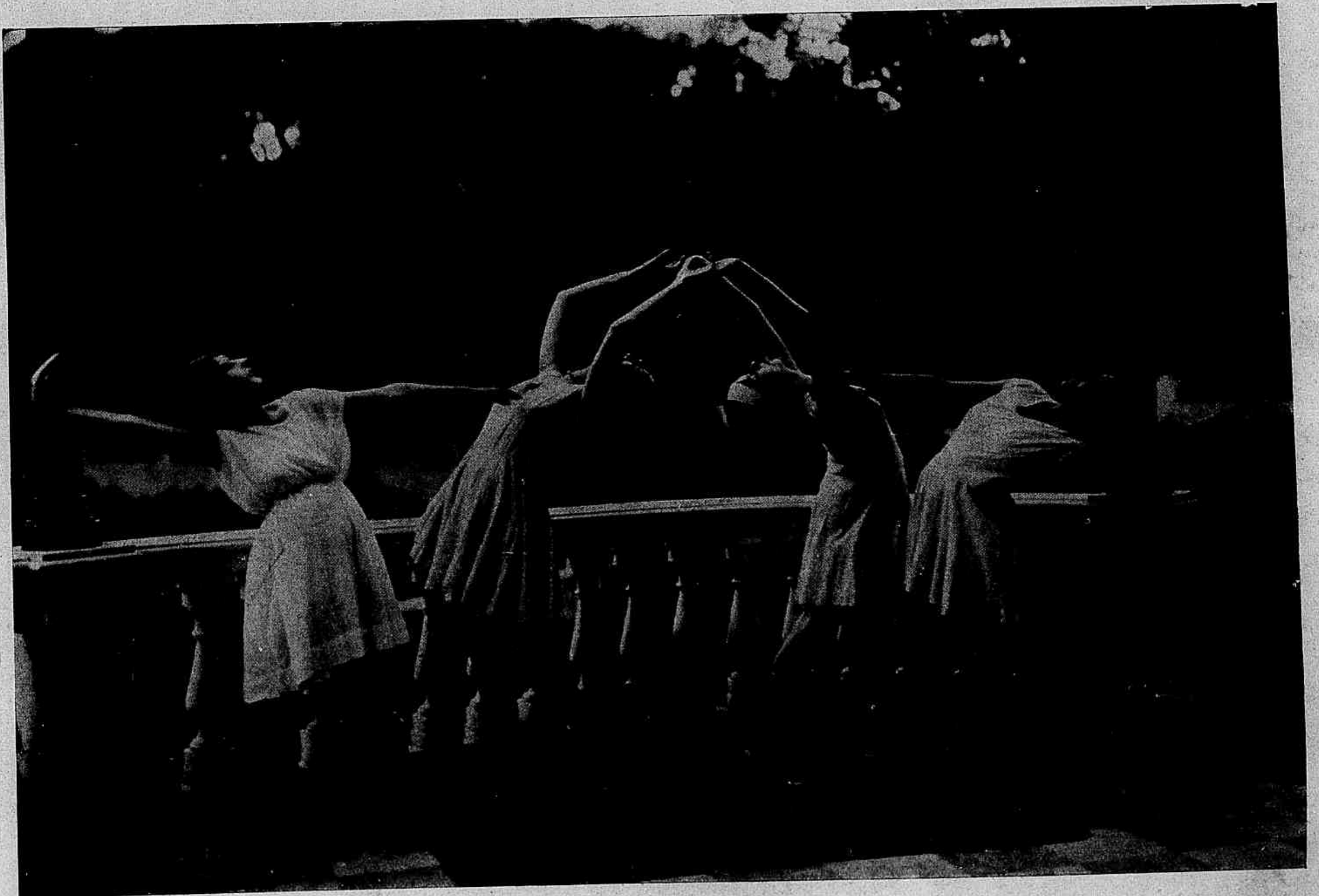




Em cima: senhorinhas  
Beatriz e Magdalena  
Bomilcar e Alma  
Breedweldt.

N A E S C O L A  
D E D A N S A  
D O F L U M I -  
N E N S E F . C .

Em baixo: as mes-  
mas e mais a se-  
nhorinha Isa de  
Abreu.



# CARMEN CINIRA

Por Lobão Filho

A belleza feminina é, por si só, uma garantia para o triumpho, em qualquer manifestação de intelligencia. Disse Emerson que bastava um rosto illuminado para revelar um grande talento. Quando a Sra. Carmen Cinira appareceu em a nossa literatura, com o seu physico encantador, eu tive a impressão de que a poetisa vinha reaffirmar o conceito do ensaista norte-americano.

Estava diante de mim o retrato de uma creatura muito joven, de rosto ovalado, olhos grandes, fronte larga e um sorriso gracioso á flôr dos labios. Ultimamente, lendo o seu livro de versos, intitulado "Primeiros vôos", cheguei á conclusão de que a sua Musa é rival da Mulher.

Lembrei-me da passagem de uma lenda em que certa rainha quando se mirava á face polida de um espelho, indagava com orgulho:

"Spieglein, Spieglein and der Wand,  
Wer ist die Schönste im ganzen Land?"

E o espelho respondia madrigalêsco:

"Frau Königin, Ihr seid die Schönste  
[im Land]".

Mas, chegou o dia em que o pequeno oraculo das suas vaidades não pôde mais repetir o galanteio, porque naquela região existia outra creatura que rivalizava em belleza com a rainha.

A Sra. Carmen Cinira fez-me pensar naquelle episodio de Sneewittchen.

Depois que surgiu a sua Musa, não é facil opinar pela Mulher.

Anatole France, escrevendo sobre Mme. Ackermann, lamentava a sua feiura capaz de espantar os demonios... E' que o fino analysta de "La vie litte-

raire" não podia comprehender como uma mulher de physico abominavel, escrevia cousas tão interessantes...

A Sra. Carmen Cinira ao lêr estas letras deve sorrir do caso da poetisa francêsa, porque sabe que não incorre na ironia do commentario.

A poesia da Sra. Carmen Cinira retrata a sua organização ardentemente amorosa. Quando li o seu livro pensei nos versos de Renée Vivien, Raquel Saenz e da nossa fascinante Gilka Machado. Ha mesmo uma profunda affinidade entre as duas poetisas brasileiras. O sensualismo de uma, é tão abraçado quanto o da outra. No livro da Sra. Gilka Machado, denominado "Estados de Alma", existe um soneto em que a notavel poetisa nos dá a idéa perfeita do amor sexual. Recordo-me do momento em que ella se põe "toda nua, completamente exposta á Volupia do Vento!"

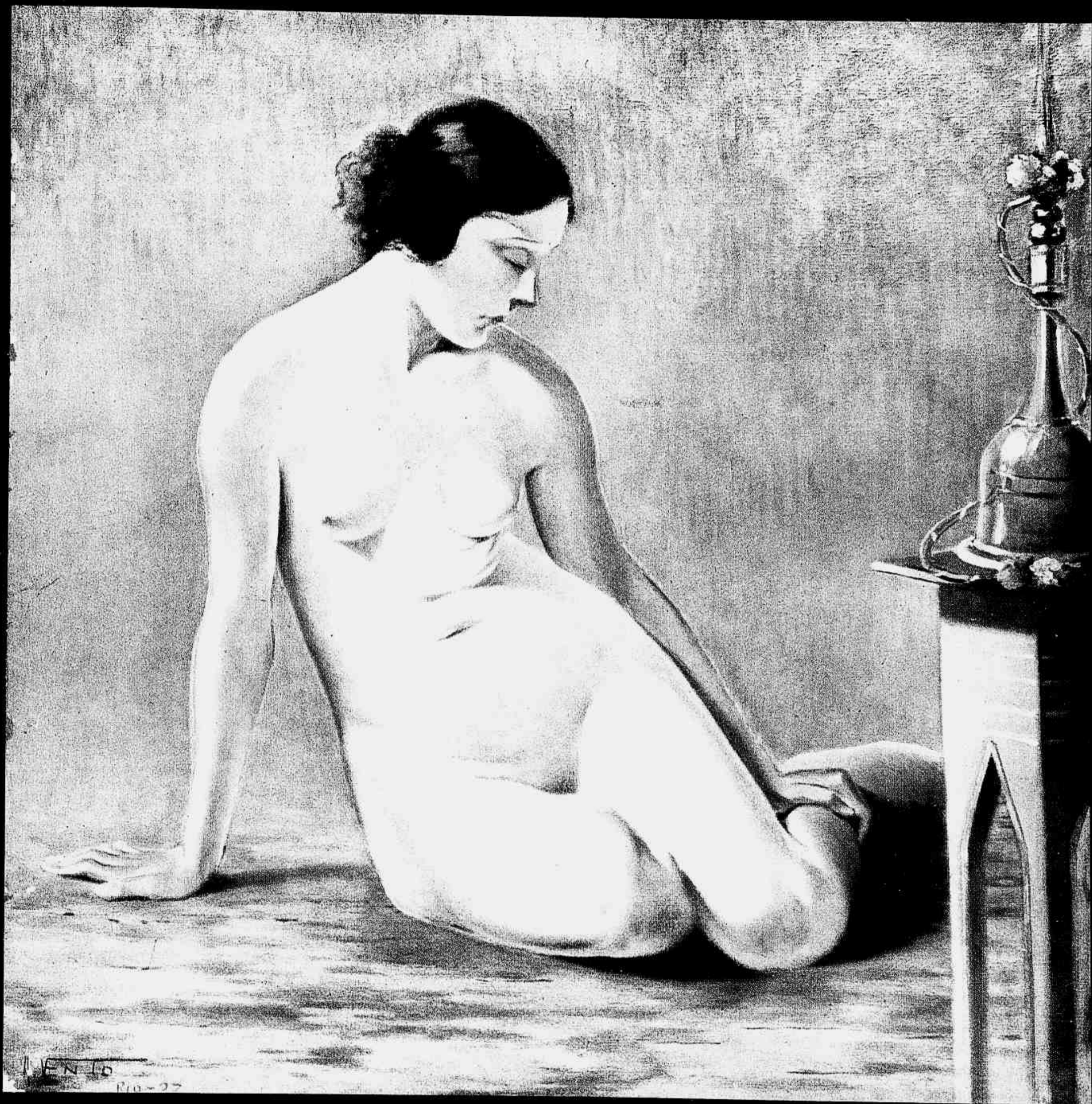
E' realmente uma scena maravilhosa, que só deverá ser cantada por uma creatura que traga, como ella, a scintilla do genio. Um poeta mediocre não seria capaz de escrever estas cousas sem descambar para a obscenidade.

Walt Whitman, o cantor cósmico de "Leaves of Grass", aconselha ao leitor a despir-se diante do mar, para sentir no corpo o contacto do vento. São cousas de poeta...

A imagem da Sra. Gilka Machado é mais audaciosa e mais bella. Creio que pelo facto de applaudir o gesto altamente poetico da cantora de "Mulher nua", não irei ruborizar as faces de alguma donzella que por ventura leia estas breves notas de leitura...

A Sra. Carmen Cinira é tambem uma poetisa arrebatada e não pensa em

(Termina no fim do numero)



# As tendências revigoradoras da literatura portugêsa

Quem seguir de perto o movimento literario portugêso, dos mais consideraveis, principalmente nos ultimos dois ou três annos — só em 1927 se publicaram para cima de 160 obras, — notará facilmente as tendencias renovadoras que sobresaem do ambiente derrotista creado por certas individualidades, realistas tão sedutoras quanto perniciosas, e que tão nefasta influencia exerceram durante os ultimos trinta annos.

Uma aspiração mais alta se manifesta, um ideal mais elevado se impõe de molde a atenuar grandemente não só os efeitos daninhos dessa escola iconoclasta, como a anular os das manifestações isoladas, teimosas e renitentes, ainda envenenadas por essas teorias que originaram, pode perfeitamente afirmar-se, o estado doentio de que só agora, depois de uma reacção heroica de alguns annos, começam a sentir-se os maravilhosos efeitos que, felizmente, hão-de, por contagio, crear novas energias revigoradoras.

Os mais energicos paladinos, os mais esforçados batalhadores foram, sem duvida alguma, os integralistas, essa magnifica e denodada *Ala dos Namorados*, que inspirada pelas doutrinas de Maurras, espirito sadio, intensões puras, idéas nobilissimas, foi afoutamente ao inves das correntes demolidoras, e sofreram-lhe o embate com o dique forte das suas admiraveis teorias assentes num racionalismo bem compreendido, em que palpitava a fé dos seculos mais afastados, de quando a espada pesada de Afonso Henriques traçou os limites de uma nova nacionalidade, que as exigencias imperiosas de Raça impunham, e que foi o cadinho em que se temperaram os mais destemidos e patrioticos lutadores.

Essa ala de fortes, seguros numa cultura indestructivel, alimentados por um patriotismo consciante, afervorados num tradicionalismo intellectual, que *estudou Portugal amoravelmente*, constitua a flor da Mentalidade lusa e faz lembrar a heroica mocidade que acompanhou D. Sebastião, essa singular figura de iluminado, aos tragicos campos de Alcaçer Quebir.

Perdeu-se esse grande Espirito que foi Antonio Sardinha mas ficou o seu exemplo, ficou a sua obra, que já é tão grande que bem pode representar uma vida.

Deixou, felismente, discipulos.

O senhor doutor Afonso Lopes Vieira, que o Brasil agora conhece pessoalmente, e que é um dos grandes e abnegados apóstolos de tradicionalismo, cuja obra de artista nos integra na Patria de que tão arredados andávamos, sonambulos pela mágia do filtro que bruxos extranhos nos ofereciam, disse em 1915 na Associação Academica de Coimbra:

“Portugal nunca foi tão bem-amado como nos ultimos annos — quão independentemente dos factos de ordem incidental que têm perturbado a vida portugêsa! — porque nunca Portugal foi tão amoravelmente estudado pelos seus artistas e sabios, que traballiam no silencio onde a multidão os ignora e da qual êles dispensam os ruidosos aplausos, e têm erguido o monumento das nossas Tradições, dando-nos o orgulho da razão de ser da nossa existencia nacional, demonstrando a magnifica realidade do nosso esforço consciante e do nosso heroismo no passado, desde a obra dos Descobrimientos e navegações, hoje vista a uma luz nova que lhe duplica o valor historico, — para a visão da qual concorreram ultimamente os estudos do illustre professor desta Universidade, Sr. Dr. Luciano Pereira da Silva, que prolongaram para o infinito dos céos a acção dos Portugêses e da nossa Epopeia, — e que Luis de Camões cantou no Poema em que scismara já quando era escolar de Artes e Humanidades em Coimbra.”

A gente portugêsa andava então arredada do verdadeiro sentido patriotico, entregue a um desalento acalbrunhador e os seus

escritores desviavam-nos, singrando para portos tentadores, á inércia da sua fantasia desvairada, cada vez mais do verdadeiro espirito da Patria, cuja figura a sua imaginação via alquebrada e sonolenta.

Essa gente moça escutou a voz magica da Tradição, descobriu-lhe as inexgotaveis energias, viu que não estava gasto o velho Portugal das conquistas, banhou-se na agua lustral do heroismo antigo e sahiu á liça, como arautos da grande nova, que fez a uns sorrir incredulos e a outros brotar uma esperanza de bom presagio.

E a obra vae-se realisando, lenta porque terá que ser tão forte como as ameias dos castellos da meia Idade, que o nosso heroismo tornou inexpugnaveis.

O movimento causa pasmo, cria adeptos e a Ala nobilissima fortalece-se.

Ao alcance do publico estas obras sadias para se tonificar, o misterio de certos factos da Historia vae lhe sendo desvendado a razão de ser de determinados acontecimentos tomam agora, ante a sua intelligencia, a justificação que o fatalismo, a que obedeceram, impõe.

E assim se vae combatendo a obra dos derrotistas.

Ha decididas boas vontades que ensaiam um vôo de libertação, que procuram soltar a intelligencia dos ergastulos das erradas teorias libertárias, que a luz do bom senso, faz ofuscar ao despontar do sol irradiante da Verdade.

E' então que surge Manoel Ribeiro, a dar o exemplo magnifico da sinceridade, quasi a soltar o gemido do *mea culpa*, convencido do errado caminho para que a boa fé impelira o seu puro Idealismo.

As doutrinas socialistas prégadas pelos homens não são a expressão da verdade, encobrem o seu egoismo feroz. Acorda-o na realidade a cegueira criminosa daquelles a quem ele proprio quiz contaminar da sua Fé.

A “*Catedral*” causa surpresa. Não é, todavia, ainda o passo decisivo; a evolução faz-se lenta e surge depois o *Deserto*, em que o autor para *melhor crêr*, vê na cartuxa de miraflores a obra de construcção dos abnegados avelãs e exalta a Beleza commovente da sua vida espiritual. E por fim a *Resurreição*, tão temida, pois que nela se esperava o passo decisivo; o *Credo* aimejado e que a luta revelada nas obras anteriores já fazia prevêr, a menos que uma reacção demoniaca o impedisse.

Mas não, a evolução espiritual de Manoel Ribeiro, obedecendo á sua intelligencia que vê claro na estrada ampla e luminosa da Perfeição, aproxima-o cada vez mais da Verdade surpreendente.

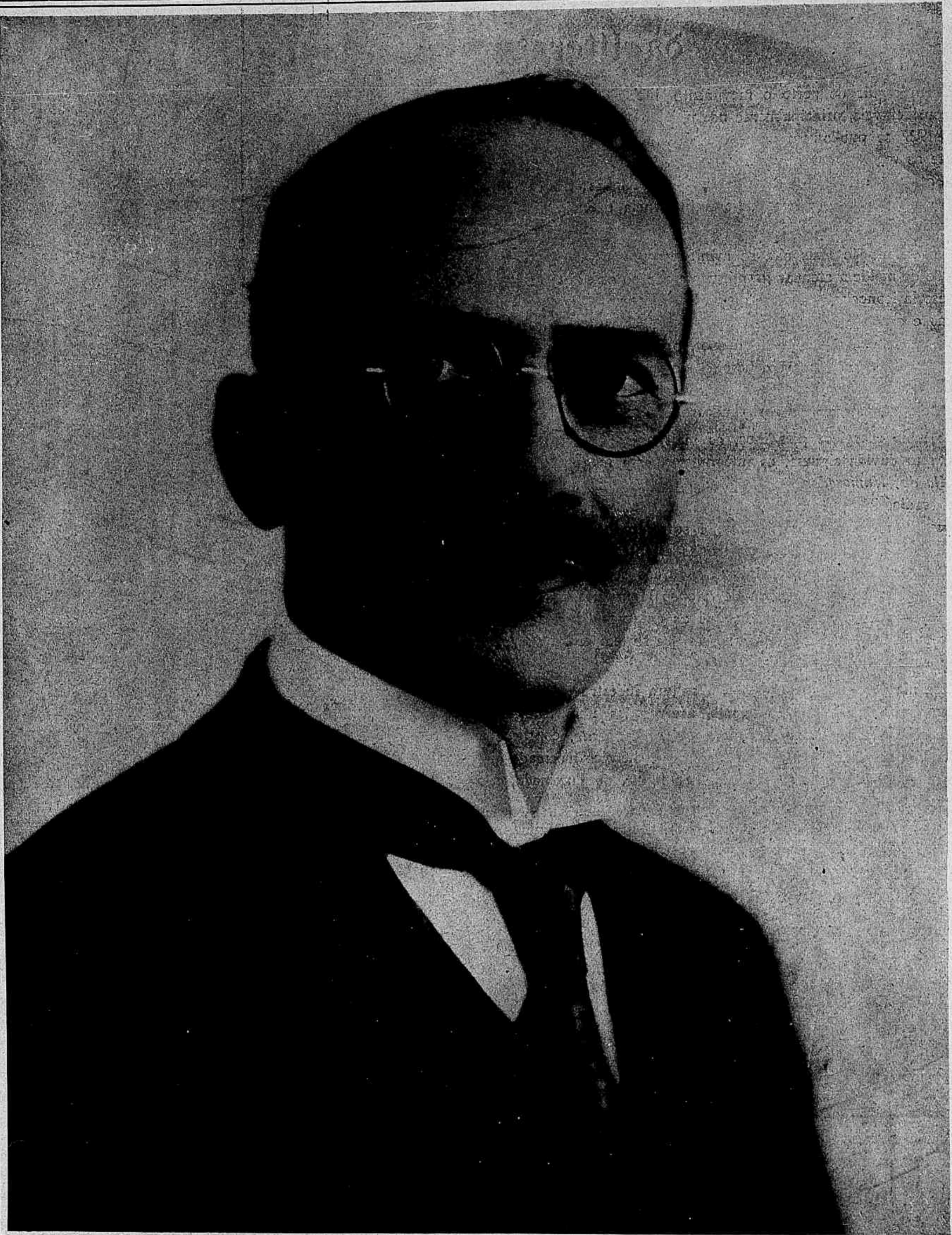
Converte-se por fim.

A sua trilogia seguinte, composta da “*Revoada dos Anjos*” em louvor do ascéta de Assis, “*Colina Sagrada*” e “*Planicie Heroica*”, seguindo ainda a mesma orientação espiritual, a mesma recta magnifica, trajectoria resplandecente da sua intelligencia, é cheia de vigor, reconfortante e sadia.

Mas não é só Manoel Ribeiro que nos dá este confortador exemplo, outros e, dentre êles, o vigoroso dramaturgo Dr. Alfredo Cortez, com o drama “*Londres*”, apontam o caminho magnifico a muitas outras claras intelligencias, que andem ainda entontecidas pela feérica, estonteadora luz das teorias perversoras.

Muito se conseguiu já, entretanto e os exemplos que se ofereceram são de molde á fortalecer os muitos outros que surgem meio hesitantes ainda. E', pois, dos mais auspiciosos, o momento intellectual e artistico portugêso, que caminha decididamente para um resurgimento.

ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::



**DR. FLORENTINO  
AVIDOS**

**Presidente do Estado  
do Espírito Santo**

# O maravilhoso surto do progresso do Espírito Santo

O rythmo seguro e bem orientado a que tem obedecido a administração do Espírito Santo, no governo cujo mandato está prestes a findar-se, fará passar á historia o nome do Sr. Dr. Florentino Avidos como um dos mais previdentes, tolerantes e operosos chefes de Estado que tem tido a terra capichaba.

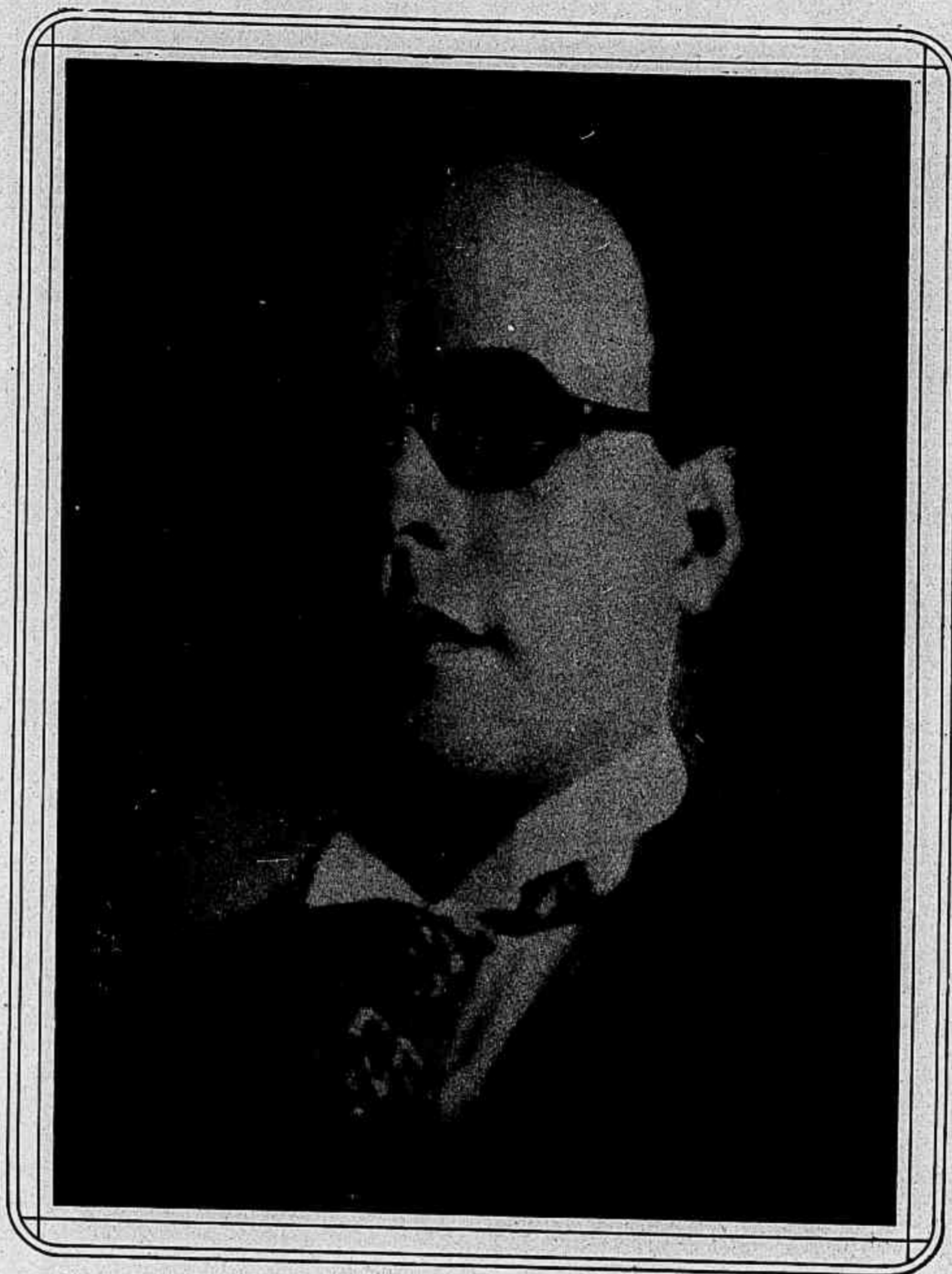
A actividade do actual governo espiritosantense, revelada em empreendimentos multiplos, é testemunho eloquente de que não sobrou tempo para ser gasto com questiunculas facciosas e crestadoras da sreservas admiraveis de um povo que vem impulsionando a sua terra para a vanguarda das unidades federativas. Política de concordia e de trabalho, ao respeito á vida, á propriedade e aos direitos individuaes, correspondeu, nestes quatro annos de incentivo ás principaes forças vivas do Estado, uma actividade por bem dizer collectiva, porque o exemplo da operosidade governamental encontrou éco e apoio decidido na massa do povo.

O Estado do Espírito Santo vive actualmente dias febris e fecundos, seja no arroteamento do solo para o incremento da agricultura, na penetração por vias largas e bem calçadas, no desenvolvimento das industrias, seja na expansão commercial — no florescimento geral, emfim.

Uma synthese mesmo do que têm sido as realizações do governo Florentino Avidos, avultaria na necessidade de espaço para arrolar os beneficios publicos por elle feitos.

Victoria, a linda capital cujo pittoresco maritimo tanto é admirado de nacionaes e estrangeiros, guarda bem viva ainda a lembrança de ruas estreitas, mal calçadas e pouco limpas, agora transformadas como por um passe de magia. Longas e bellas avenidas cortam a cidade, atravez de ruas desafogadas e por entre praças ajardinadas com maestria e gosto. A physionomia urbana é outra, tão outra que dá a impressão de ter sido arrazada a velha Victoria e no mesmo local construida uma nova séde da vida multipla do Estado, bem ventilada, arborisada e cheia de primores architectonicos. Nesta obra de completa remodelação de Victoria, é de justiça nomear-se o prefeito Dr. Octavio Peixoto, dedicado collaborador do governo estadual e executante fiel do pensamento dynamico do presidente Florentino Avidos, na capital.

Serviço da mais significativa projecção é a construcção da ponte, em vespuras de ser concluida, ligando a pequena ilha em que assenta a capital ao continente. Neste particular teve o Sr. Dr. Florentino Avidos a feliz compreensão de uma necessidade não mais possivel de ser adiada, deante da aspiração que ella representava não apenas para a população da encantadora capital como para todos os espiritos: ntenses ciosos da grandeza do seu Estado.



D R. A R I S T E U A G U I A R

PRESIDENTE ELEITO DO ESPIRITO SANTO

O vulto dos gastos feitos com tão nobre empreendimento, será generosamente compensado com os beneficios que delle advirão. Era um complemento necessario, a um só tempo o alicerce e a cupula das obras do porto executadas pelo operoso governo do Espírito Santo.

A' frente destes serviços, na capital como em varios municipios, tem estado sempre a mocidade intelligente, empreendedora e incansavel do Dr. Moacyr Avidos. Identificado com as aspirações justas e com as necessidades mais urgentes dos seus coastdoanos; espirito moderno e arrojado, sem os vicios do profissionalismo politico, e surdo ás imprecações dos contrariados nas pretensões descabidas como ás lisonjas interesseiras, Moacyr Avidos tem podido desempenhar na administração do seu digno progenitor um papel tão honroso para si proprio quanto capaz de fazer o orgulho paterno.

A perfeita distribuição da justiça, a disseminação de escolas por todo o Estado, no que é de louvor a acção do Dr. Ramallete Maia, e as finanças publicas, tão bem amparadas sob a direcção do coronel Alziro Vianna, mostram o Espírito Santo, claramente, na

phase de resurgimento geral que elle está vivendo.

O maravilhoso surto de progresso que tem agitado o Estado inteiro nestes ultimos quatro annos, melhor póde ser analysado deante de algarismos officiaes que demonstram o desenvolvimento economico do Espírito Santo, conferindo-lhe invejavel situação financeira.

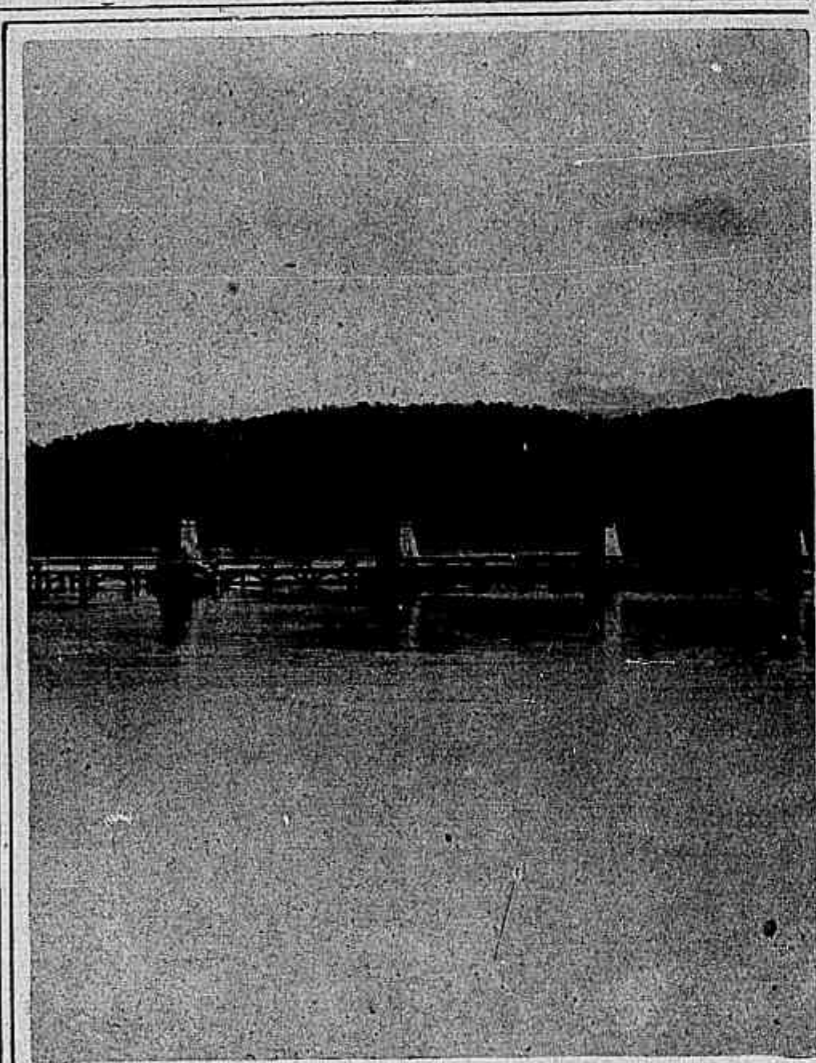
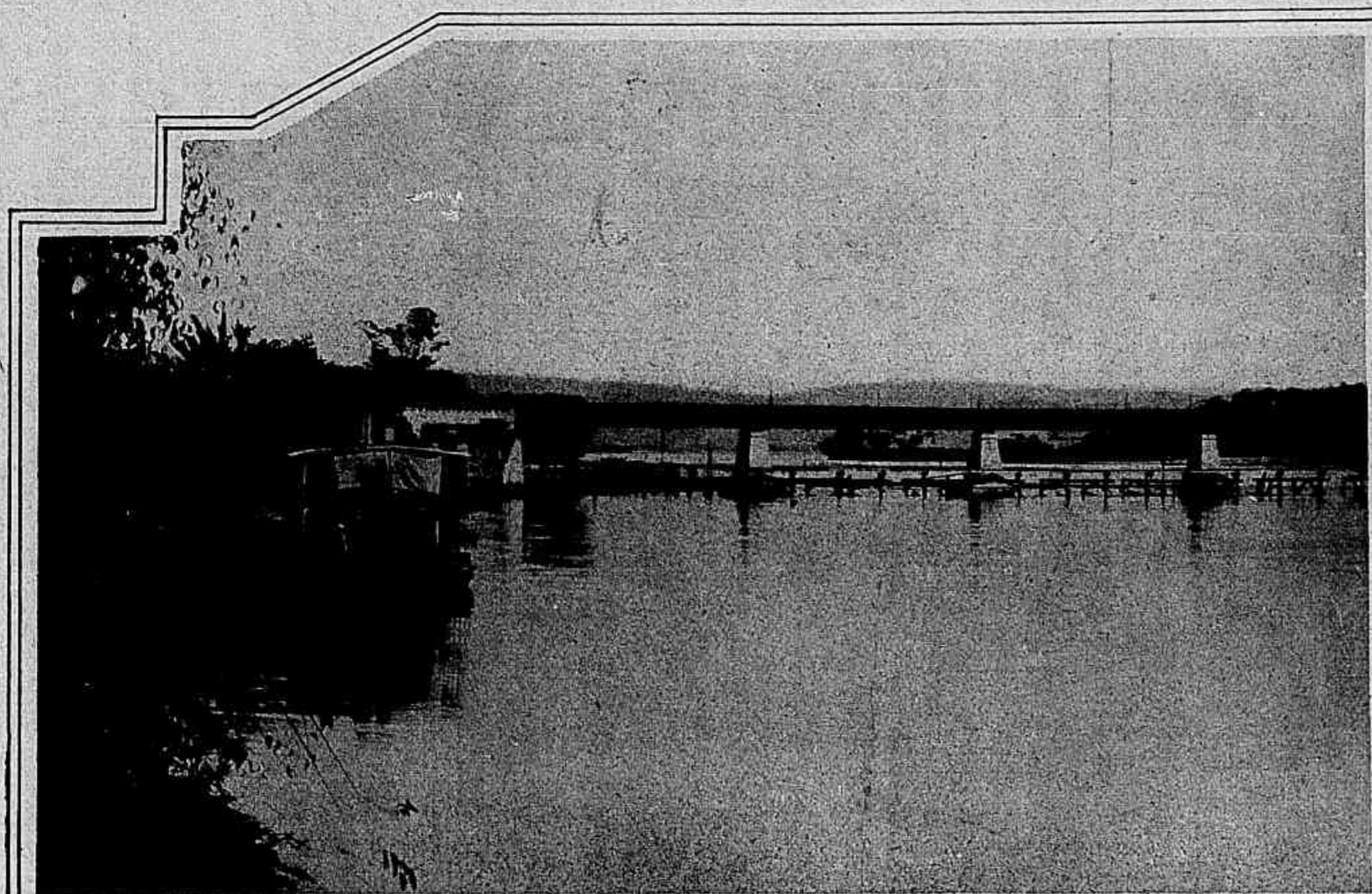
O quadro que reproduzimos no fim desta apreciação faz parte, como annexo, do relatorio ultimo apresentado ao presidente do Estado pelo seu secretario da Fazenda.

Ahi vemos, em alguns exercicios, o vulto da receita arrecadada a mais da previsão orçamentaria, como uma prova de zelo administrativo. E vemos, tambem, na eloquencia de numeros por extenso, a progressão admiravel da receita orçada, do exercicio de 1924-1925 para a do exercicio de 1927-1928.

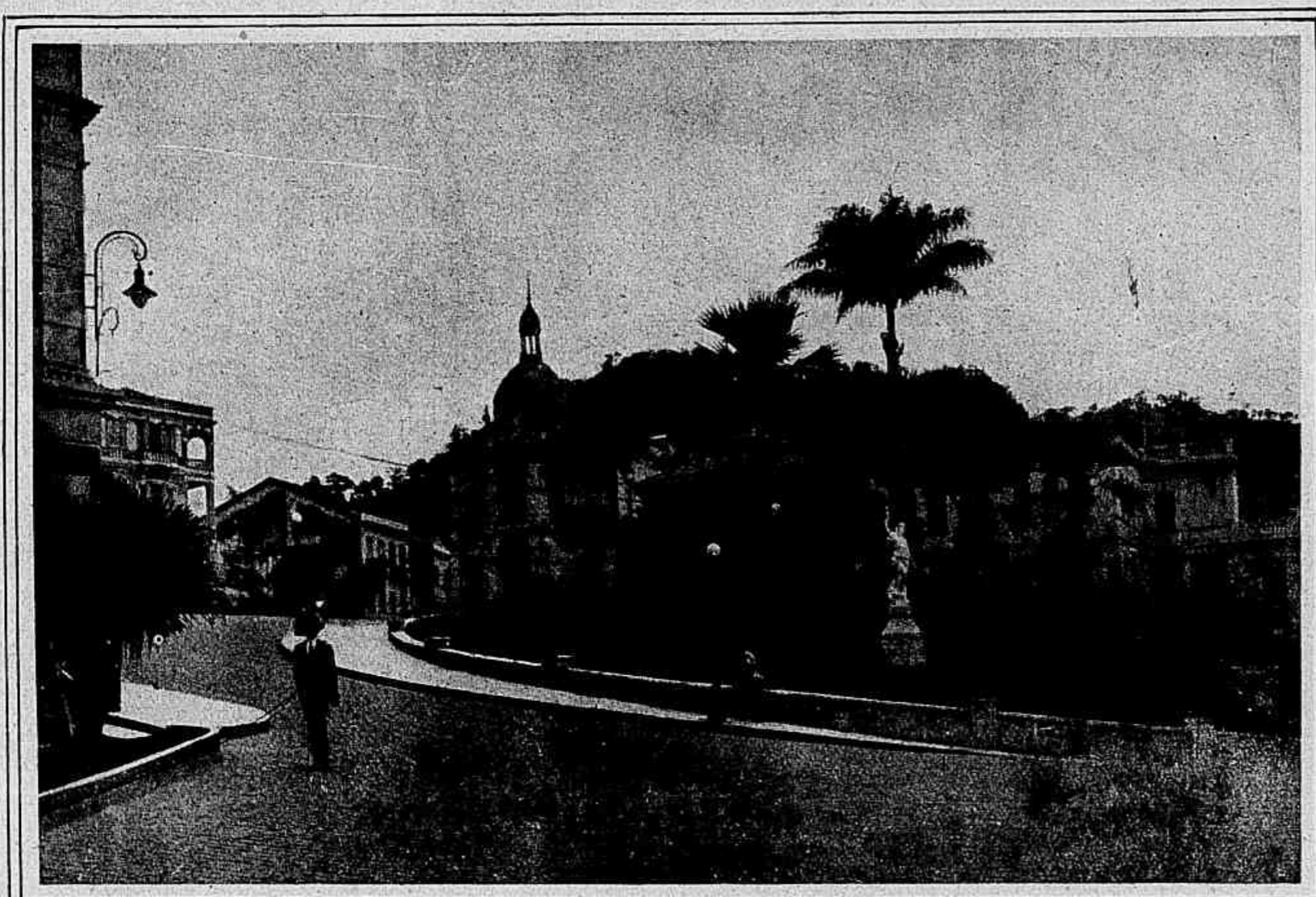
Transcrevemos ainda, na integra, a parte daquelle relatorio no que se refere elle á ordem da escripta do Thesouro. São estas as palavras documentadas do coronel Alziro Vianna:

"A arrecadação ultrapassou em rs. 1.305:483\$052 a previsão orçamentaria da receita, sendo essa importancia levada a — Exercicios Futuros — segundo as nossas disposições regulamentares.

A despeza excedeu em rs. 6.526:202\$144 a dotação da lei de meios, sendo que a importancia de rs. 500:726\$344 foi dispendida de acordo com as diversas leis relacionadas no annexo n. 1, a de rs. 4.405:300\$000 autorizada pela lei n. 1.615, de 5 de julho de 1927, e a de rs. 1.620:175\$800 levada a — Exercicios Futuros — em virtude da lei n. 1.529.



*Vista panorâmica da ponte sobre o*

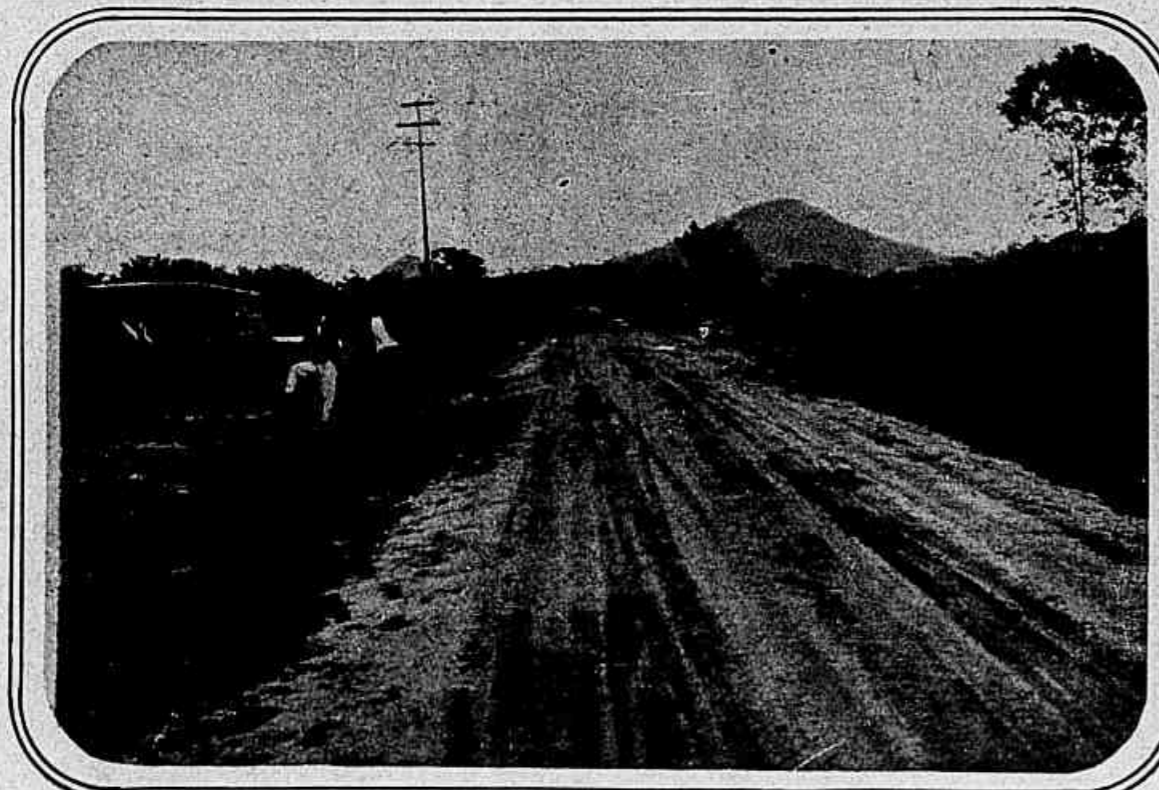


*Jardim da Praça João Climaco. — Ao fundo o majestoso prédio do Congresso Legislativo.*

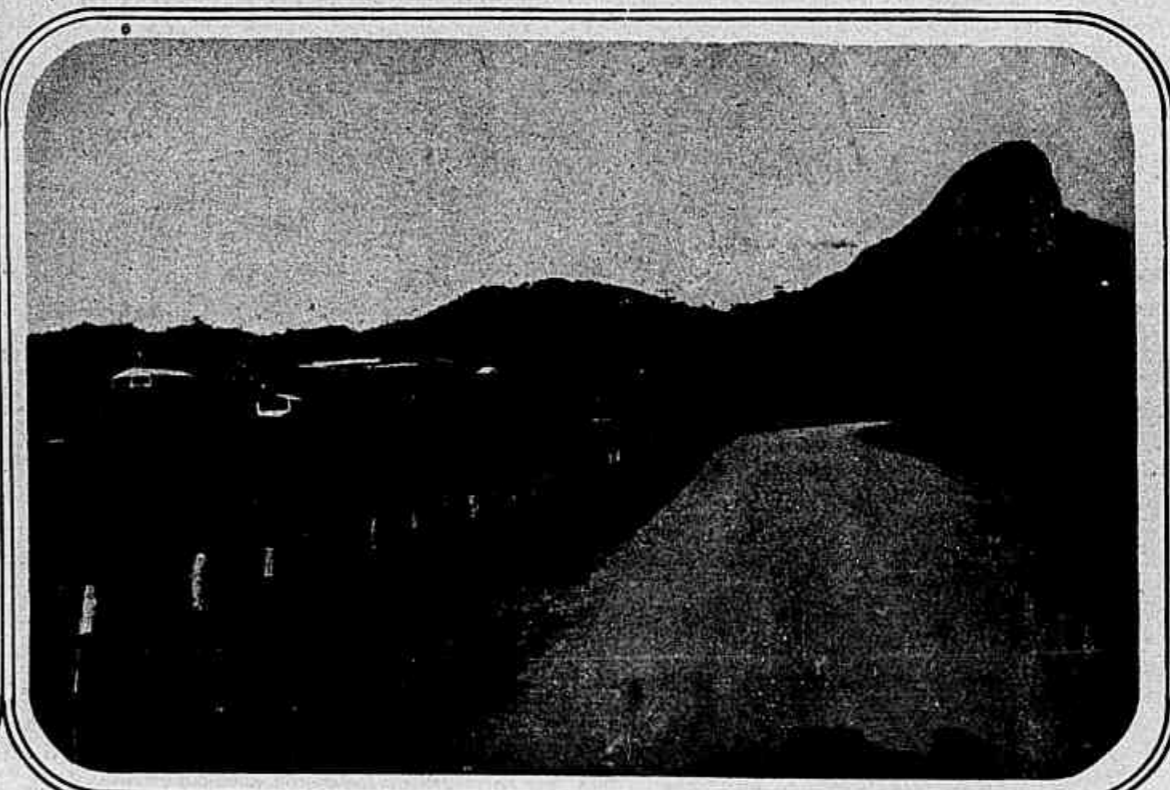
Para completar a descrição do movimento no anno financeiro de 1926-1927, transcrevo adiante, no proprio texto do Relatório, o balanço geral da escripta do Thesouro, encerrado em 30 de setembro do anno findo, referente ao mesmo exercicio.

**BALANÇO GERAL DA ESCRITA DO THESOIRO DO ESTADO**

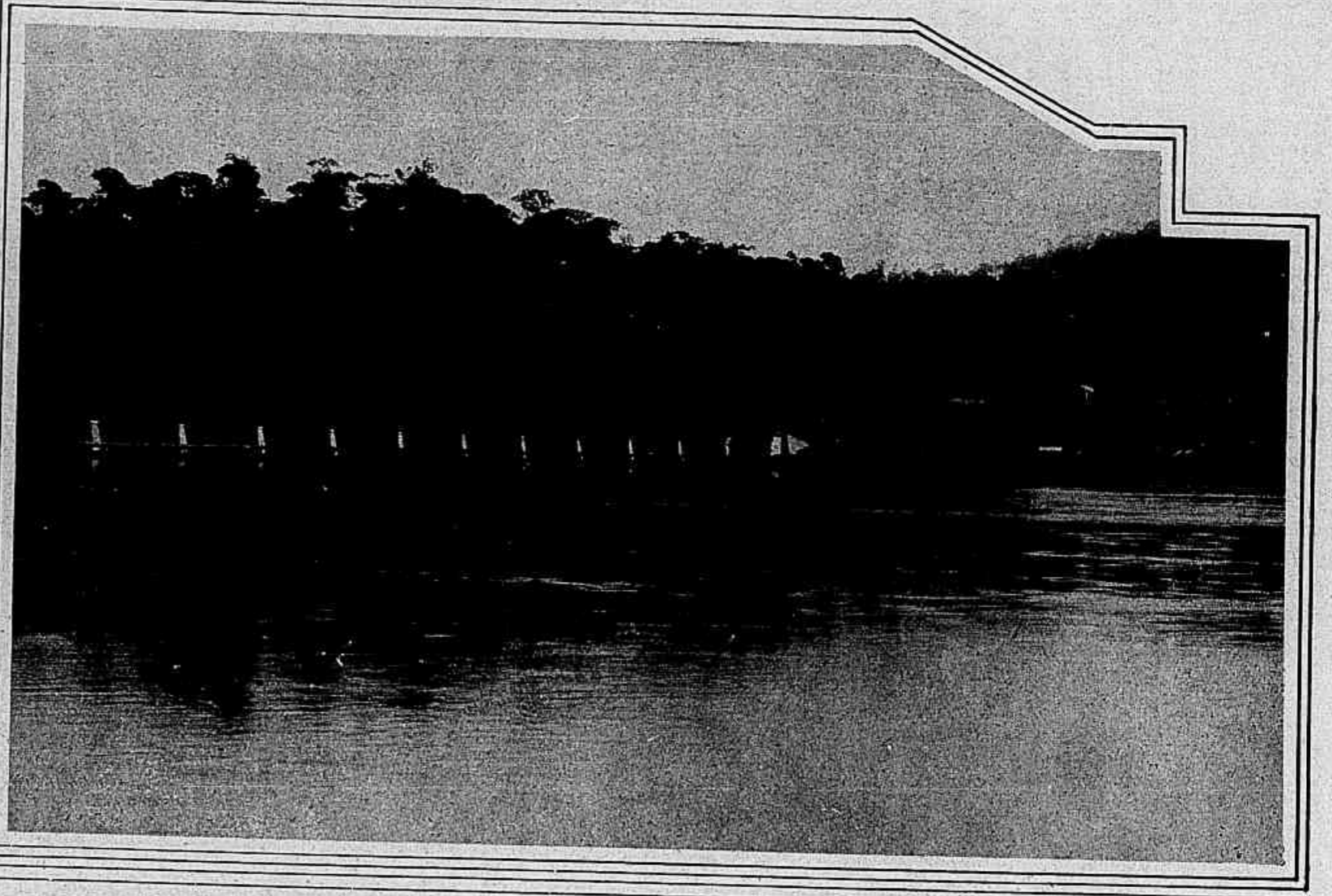
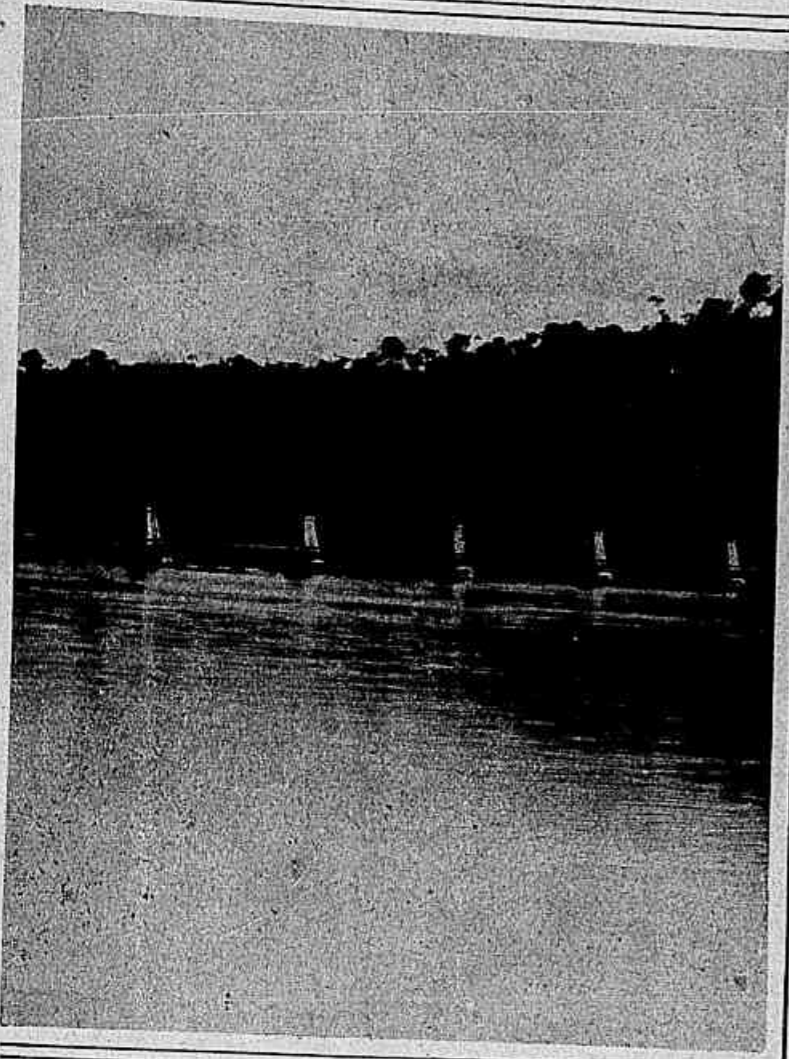
*Activo* — Caixa, 4:290\$993; Cambiaes em frs. francezes, 3.338:524\$700; Collectorias do Estado — C/de seitos, 109:162\$800; Collectorias, 94:797\$371; Contas Correntes, 15.579:354\$748; Divida activa, 143:101\$359; Depositos e cauções p/garantias diversas, ..... 344:081\$624; Hypothecas p/garantias diversas, 223:000\$000; Devedores em c/de habitação para funcionarios, ..... 1.822:464\$589; Empréstimos aos municipios, 156:944\$000; Obrigações a receber, 1.203:627\$320; Patrimonio do Es-



*Estrada de rodagem de Victoria á Serra.*



*Estrada de Victoria á Serra, passando pela Fazenda Maruhye.*



*R i o D o c e , v e n d o - s e 9 v ã o s m o n t a d o s*

tado, 41.459:602\$930; Responsabilidades, 21:943\$981; Sello adhesivo, ..... 1.450:422\$600.

*Titulos e valores:*

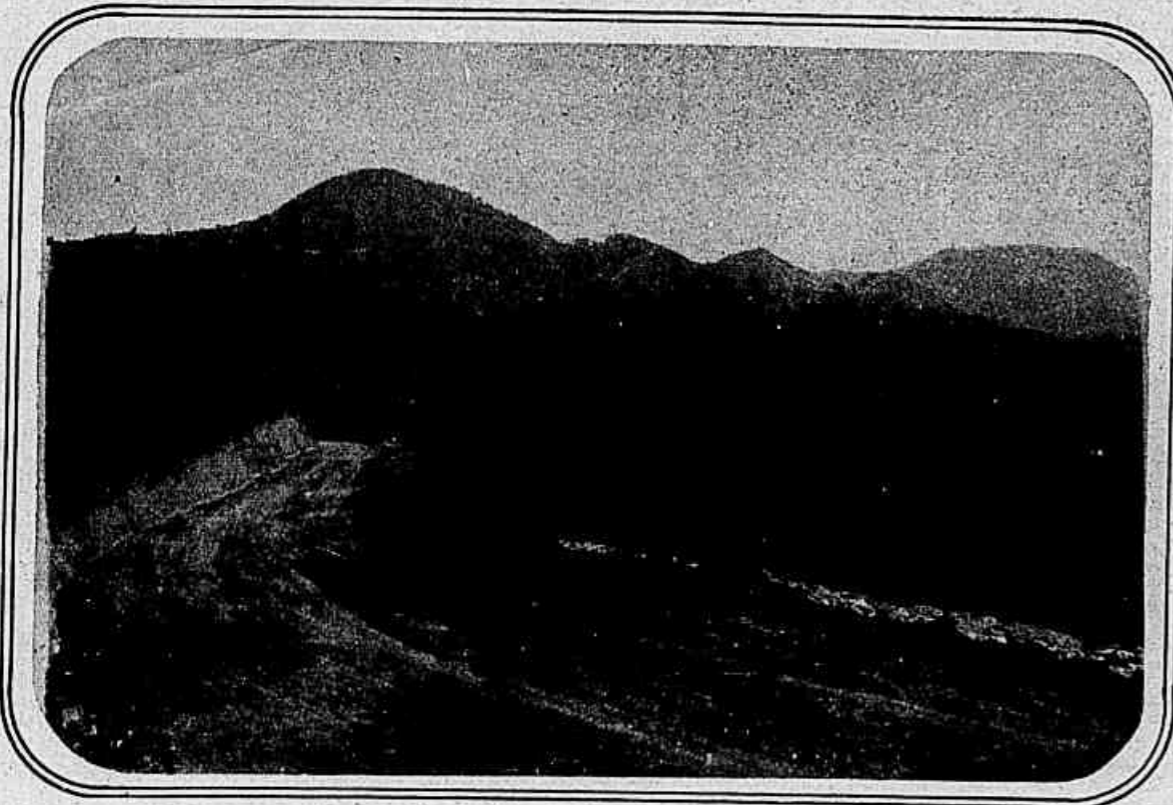
Apolices Federaes, 7:000\$000; Apolices Estaduaes, 6:000\$; Apolices Municipaes, 83:000\$; Acções do Banco do Espirito Santo, 1.994:000\$; Acções da Companhia Territorial, 3.398:400\$000; Cauções, 5.776:700\$; Titulos em cobrança, 414:083\$878; Total, 77.530:502\$893.

*Passivo — Titulos caucionados.....*

5.776:700\$; Caixa Beneficente da Força Publica, 32:779\$788; Caixa Beneficente "Jeronymo Monteiro", 373:645\$292; Contas correntes, 10.808:914\$048; Deposito em dinheiro, 558:646\$252; Empréstimo externo de 1908, 4.830:667\$450; Empréstimo externo de 1919, ..... 11.696:489\$875; Empréstimo interno, 6.764:800\$000; Exercicios futuros ..... 24.050:666\$948; Garantias diversas, 567:081\$624; Medições de terras a pa-



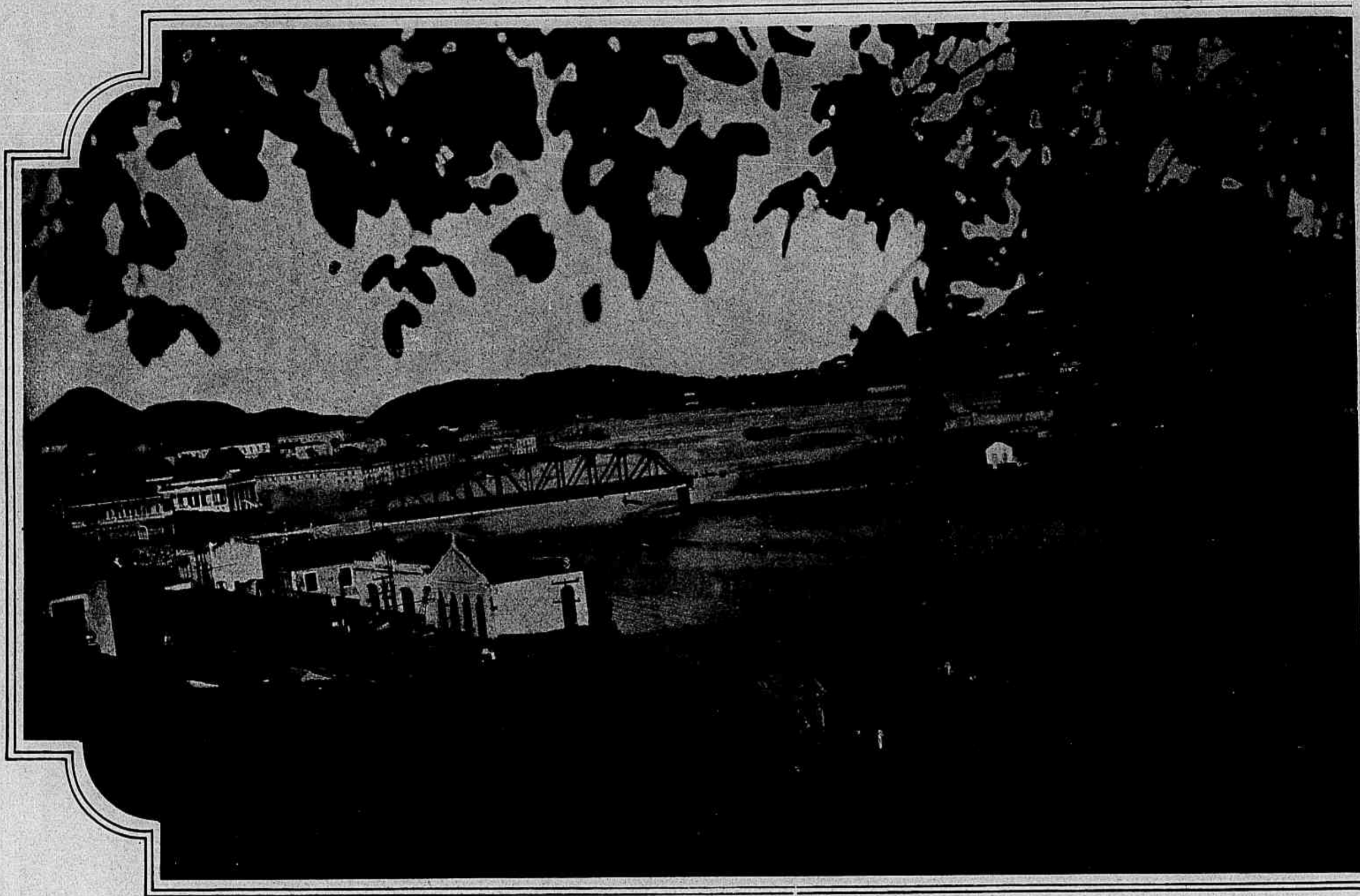
*Rua Cel. Nestor Gomes, aberta no actual Governo*



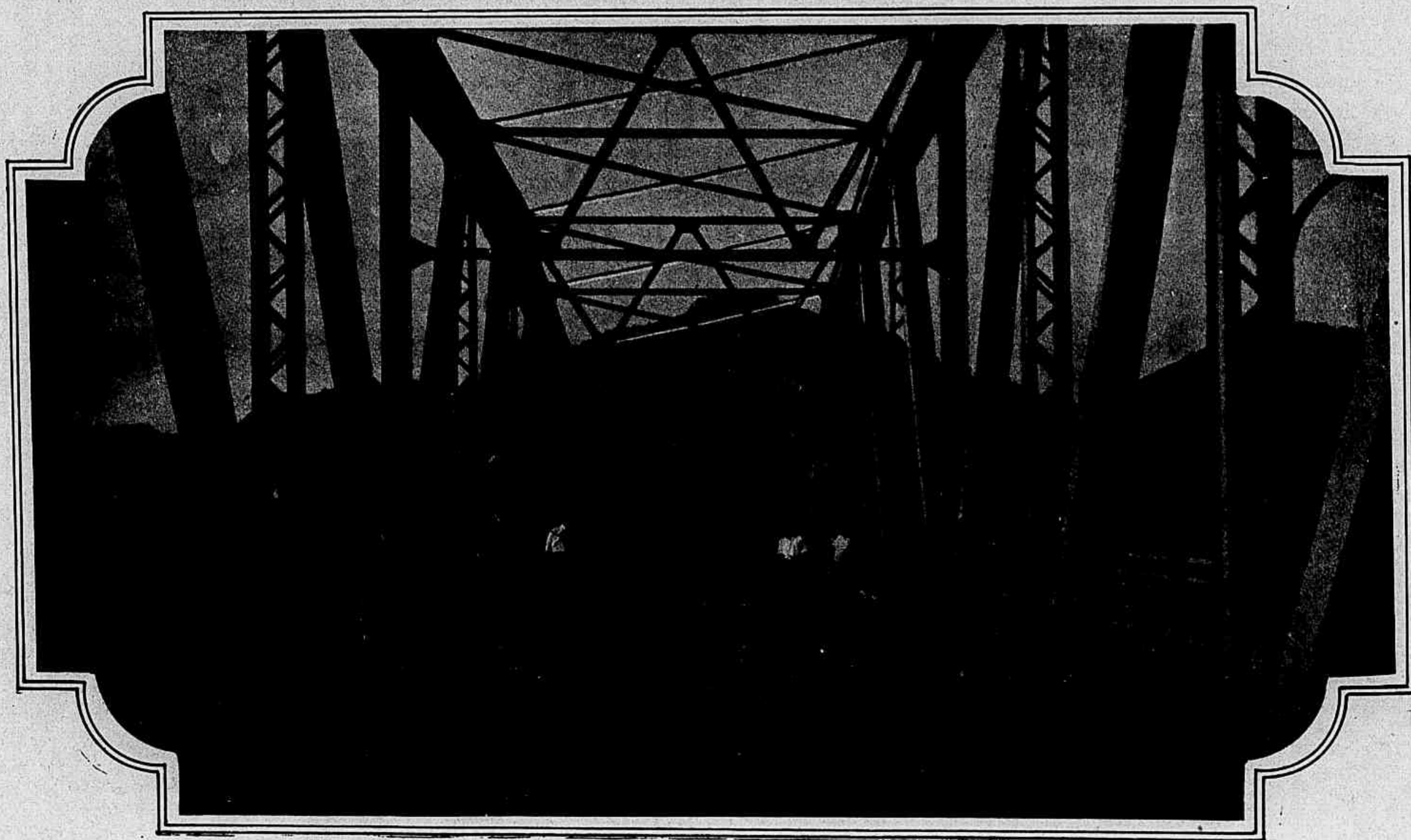
*Estrada Villa Velha*



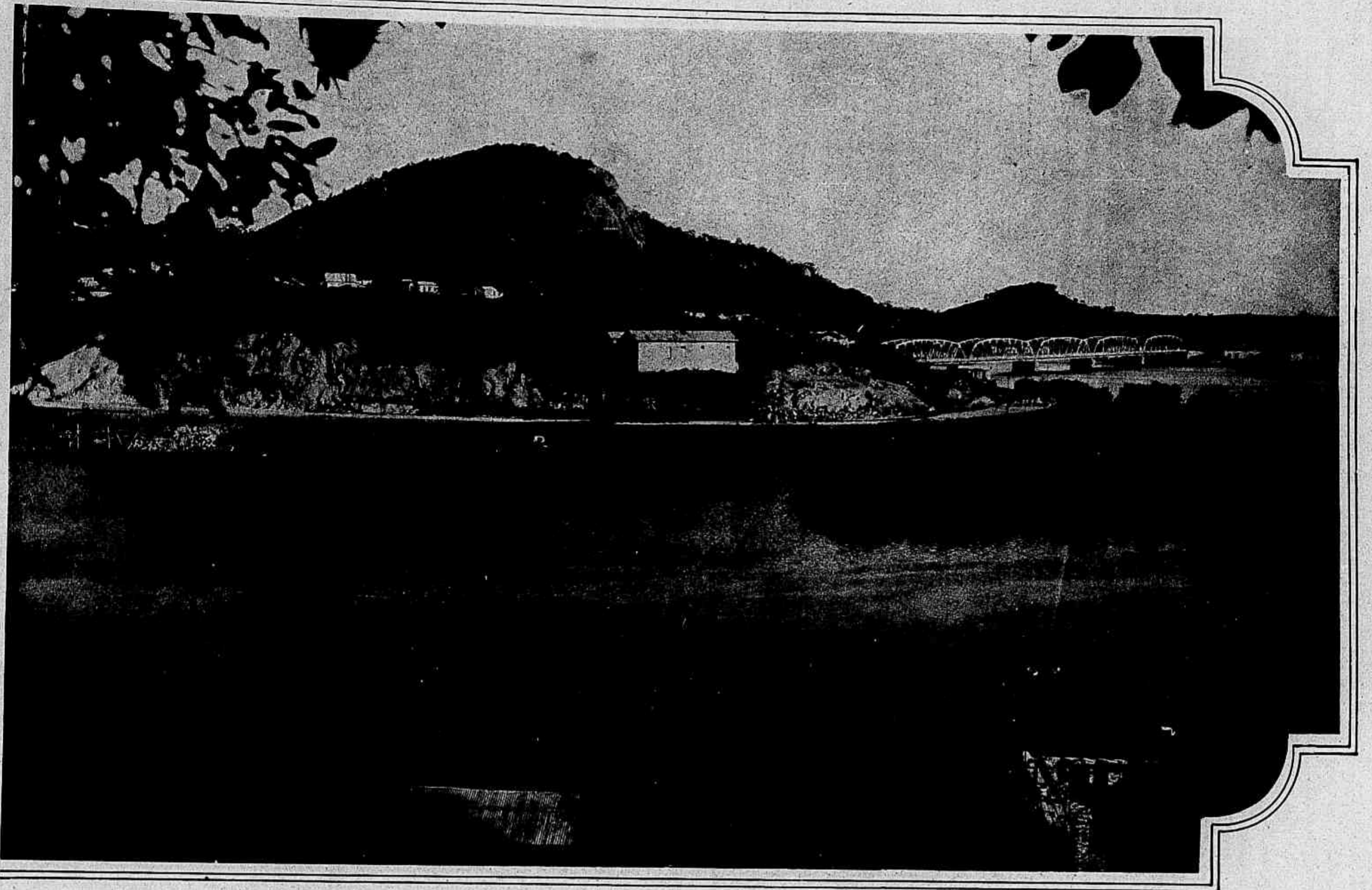
*Bifurcação da Estrada da Fazenda Maruhypc.*



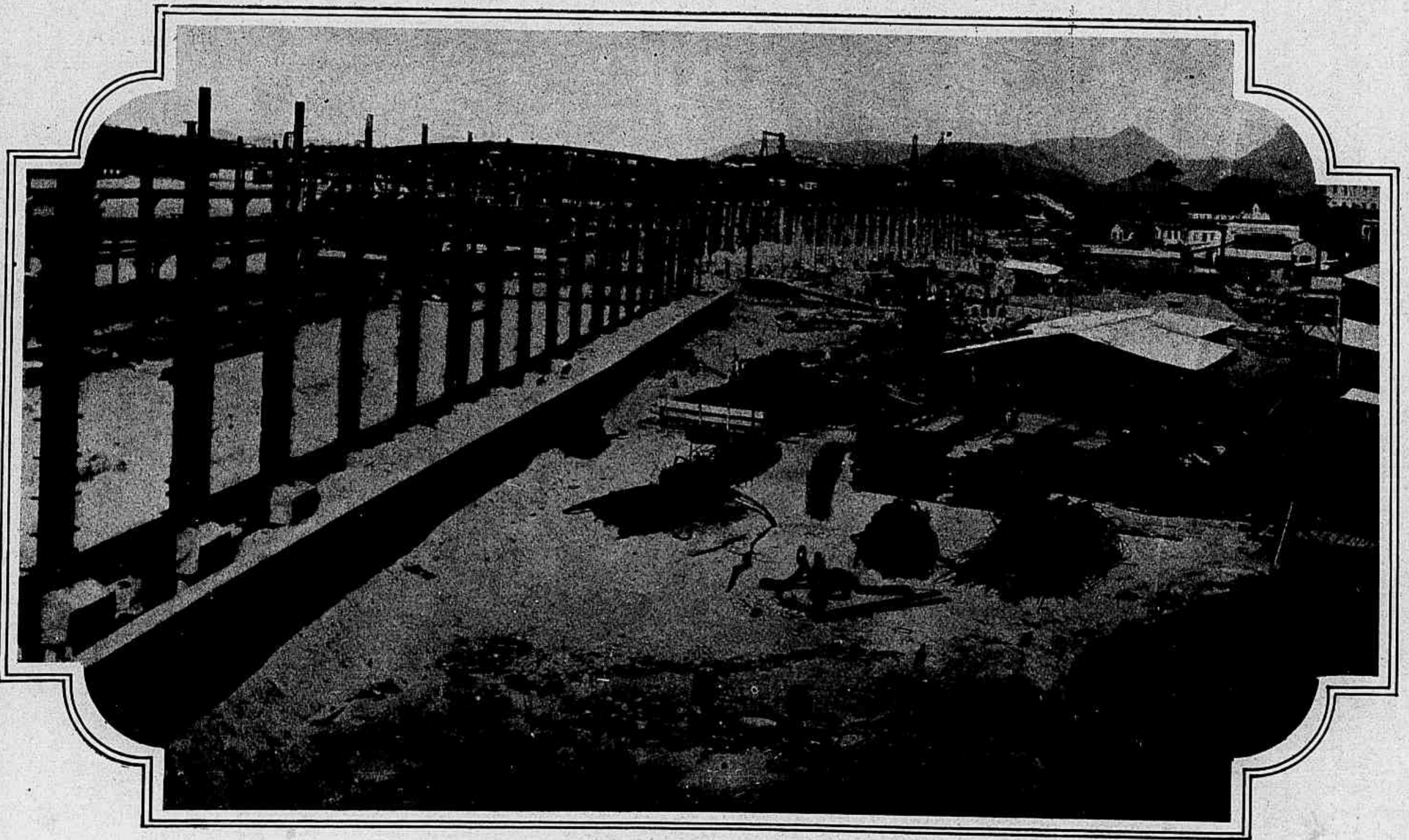
*Vista panorâmica das pontes*



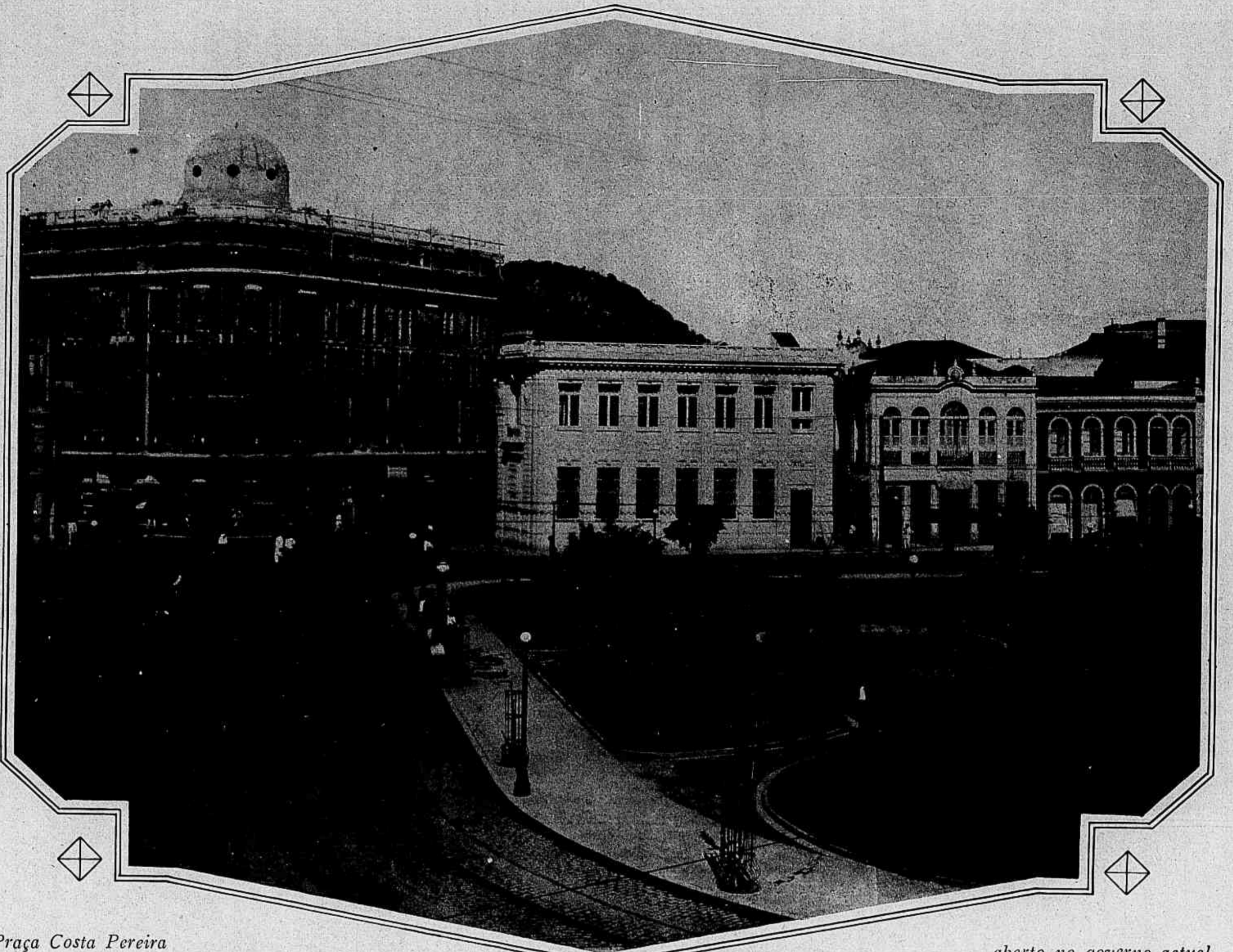
*Vista interior da ponte de Victoria ao continente*



*ligando Victoria ao Continente*



*Vista dos armazens do porto de Victoria em construcção*



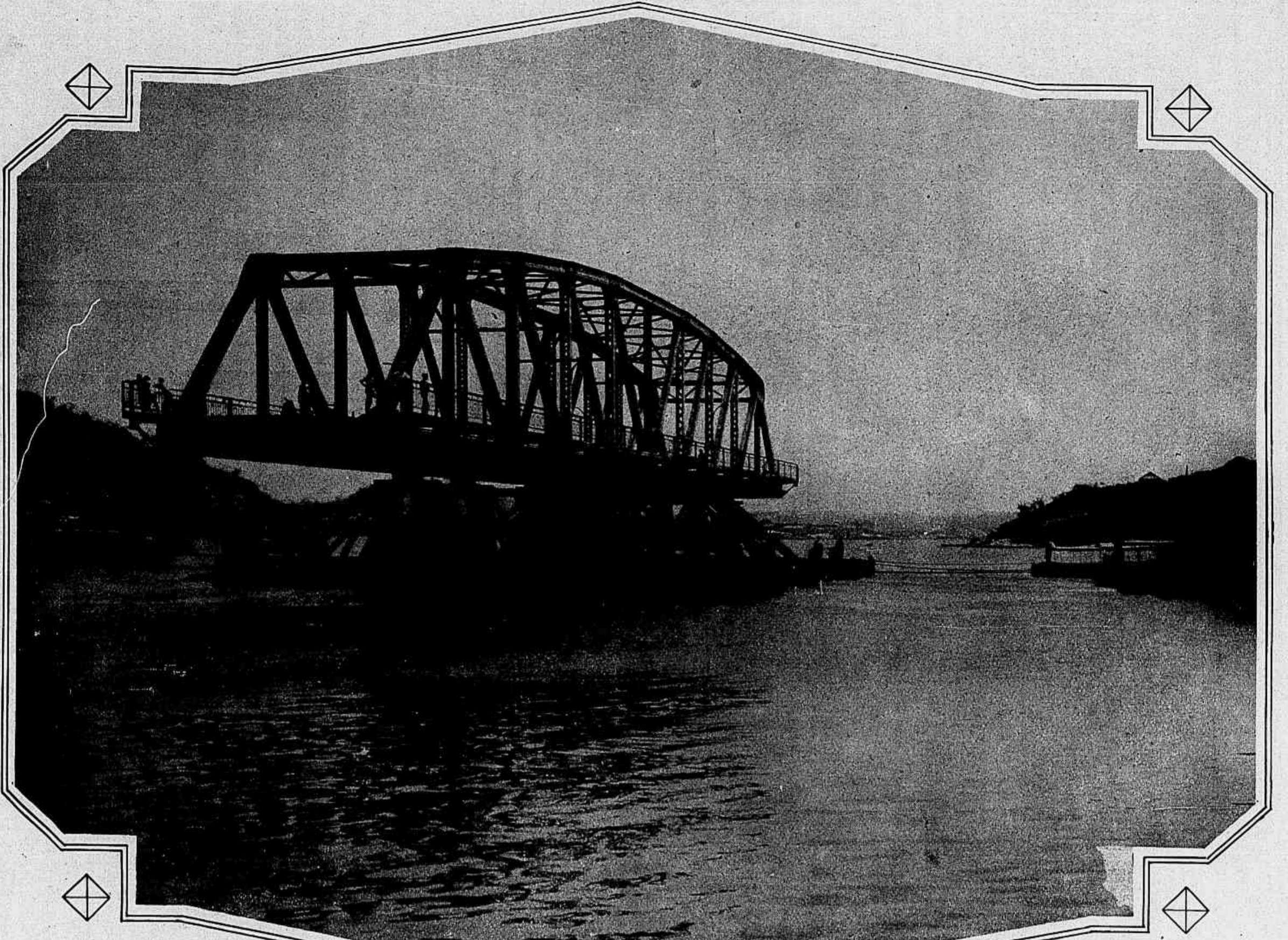
*Praça Costa Pereira*

*aberto no governo actual*

*E. R. Figueira*

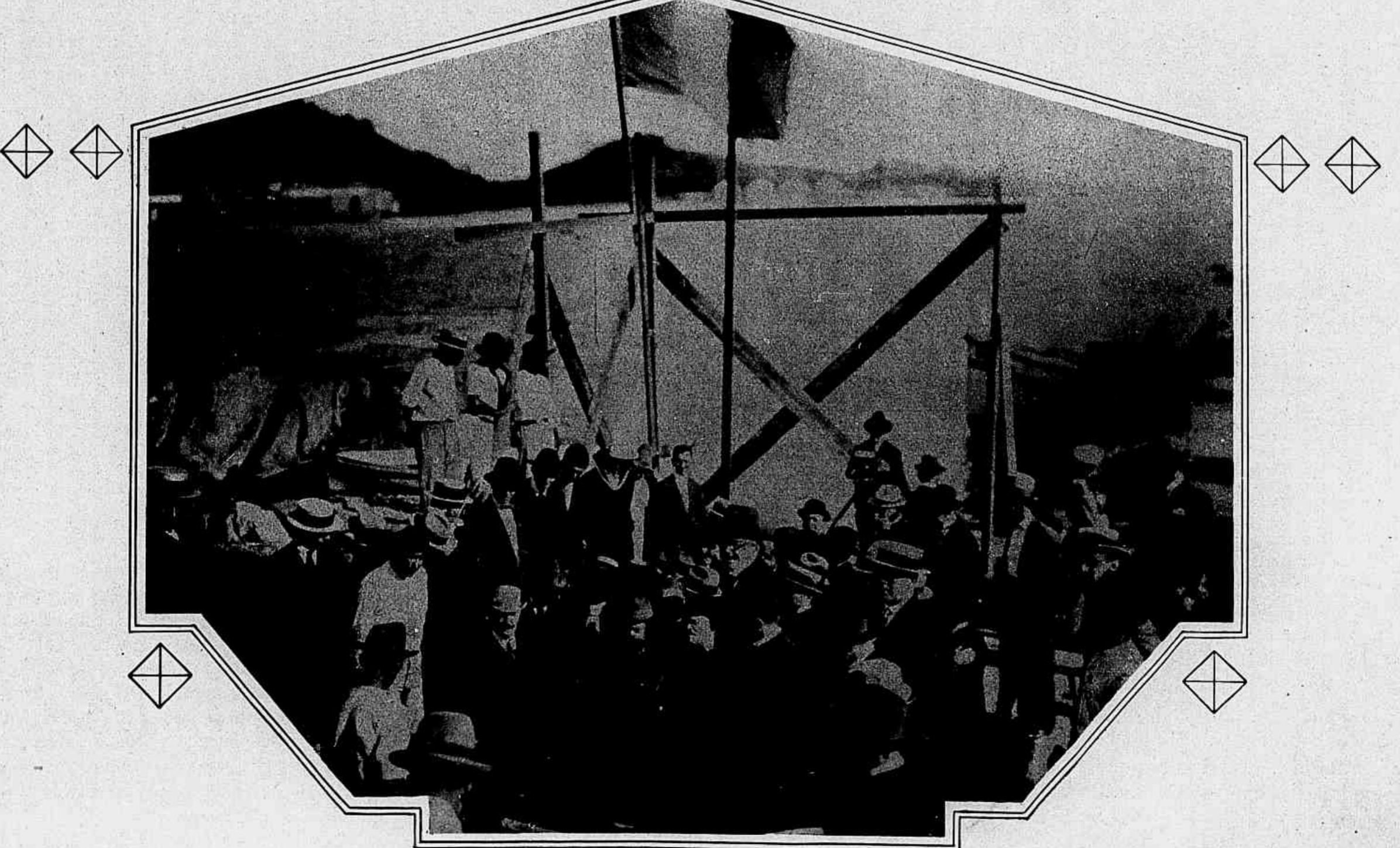
*Aff. Claudio*

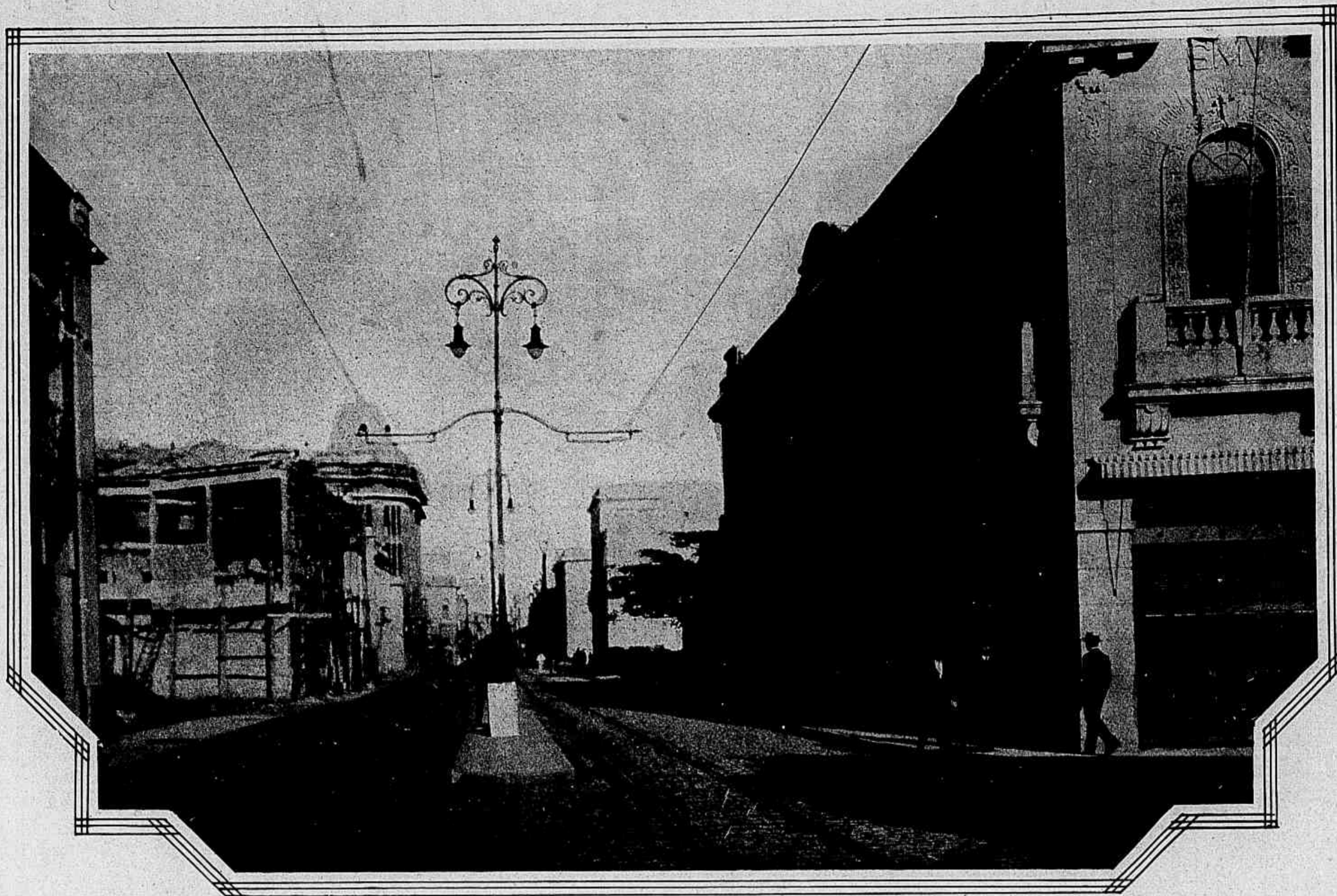




*Transporte de um dos vãos*

*da ponte de Victoria ao continente*





*Avenida Capichaba*



*Avenida 15 de Novembro em Jucutuquara, com o prolongamento da linha de bondes*

gar, 11:191\$670; Orphãos e ausentes, 96:025\$326; Obrigações a pagar, ..... 11.962:894\$610. Total, .... 77.530:502\$893.”

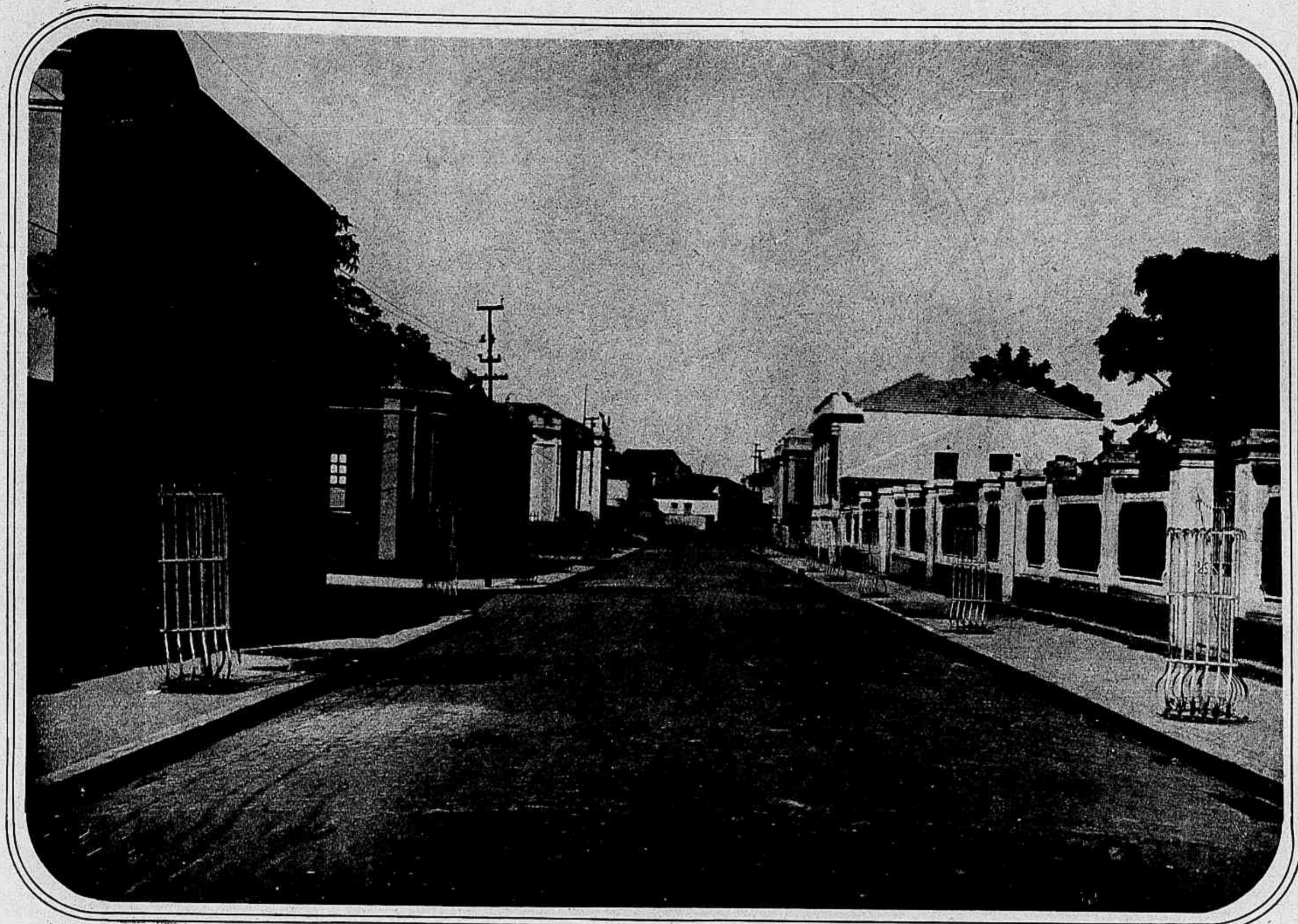
Do que acima fica, só se pode concluir pela benemerencia do quatriennio que expira confiante na continuidade administrativa que pro-



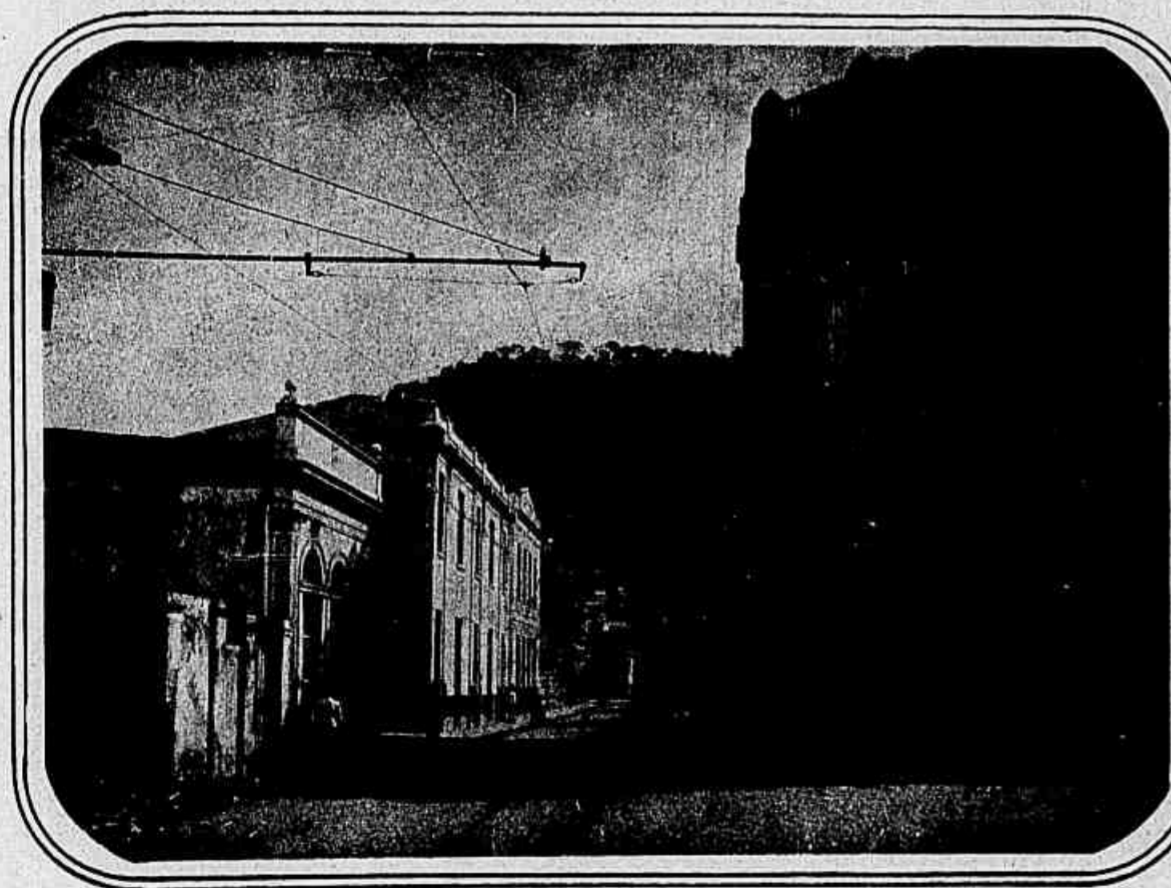
*Novo bairro da Chacara Muniz*

*Avenida Sto. Antonio no arrabalde do mesmo nome*

mette o successor do Sr. Dr. Florentino Avidos, o Sr. Dr. Aristeu Aguiar, que sóbe a curul presidencial do scu grande Estado numa phase felicissima, sem competições partidarias ostensivas e quando cada espiritosantense procura gozar o melhor possivel as doçuras da harmonia e do trabalho.



*Rua Nova paralela á rua Sete aberta pelo Governo actual.*



*Vista da rua Sete de Setembro alargada e calçada pelo actual Governo.*



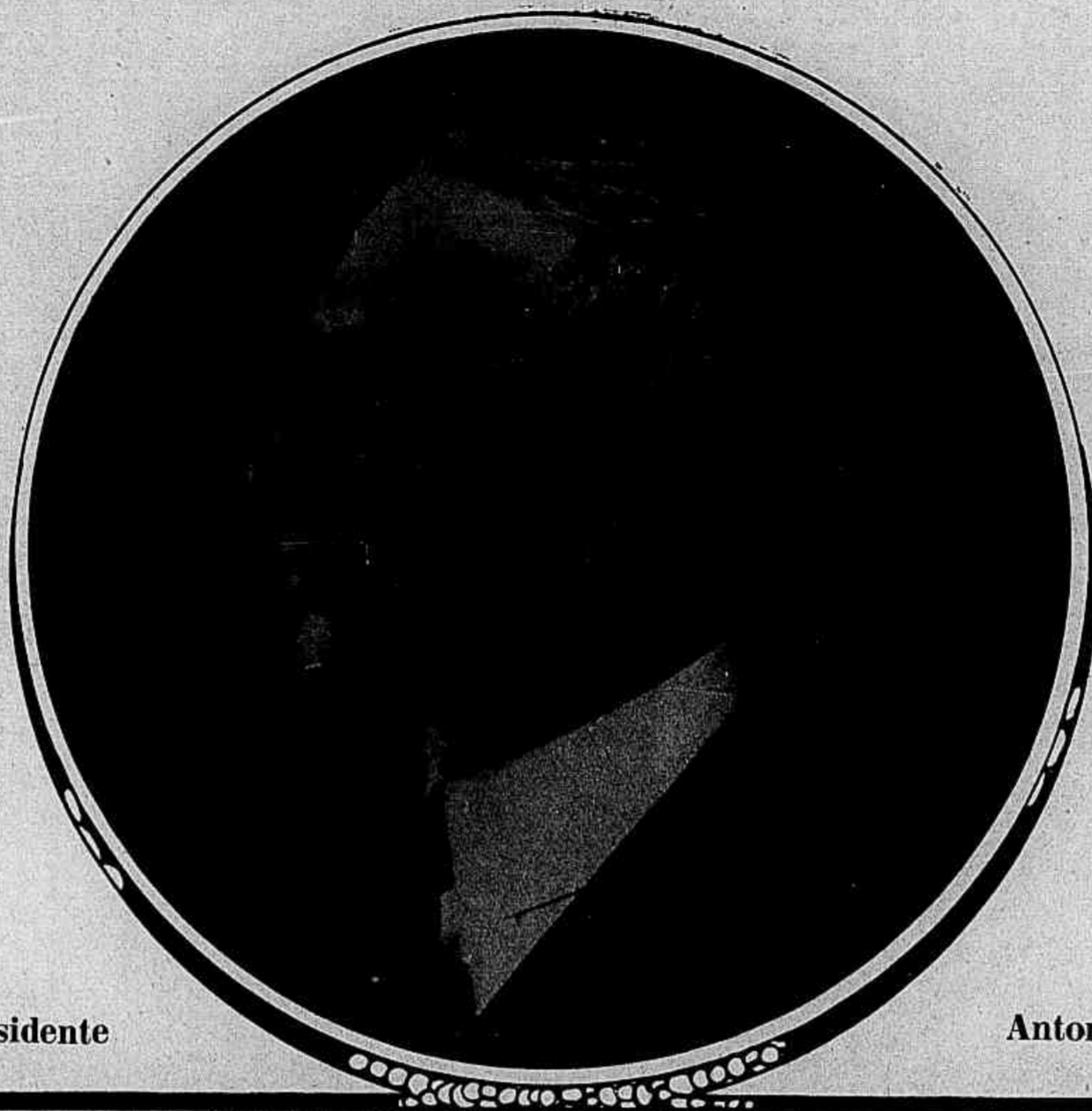
*Vista do mercado novo do arrabalde Vila Rubim.*

QUADRO DEMONSTRATIVO DA RECEITA E DESPESA NO QUATRIENNIO DE 1924-1928

| EXERCICIOS     | Receita orçada  | Receita arrecadada           | Arrecadado a mais | Despesa orçada  | Despesa effectuada           | Dispendido a mais |
|----------------|-----------------|------------------------------|-------------------|-----------------|------------------------------|-------------------|
| 1924—1925..... | 14.016:000\$000 | 32.886:942\$374              | 18.870:942\$374   | 13.986:876\$880 | 26.627:687\$220              | 12.640:810\$340   |
| 1925—1926..... | 20.550:000\$000 | 30.399:032\$452              | 9.849:032\$452    | 20.549:767\$900 | 31.640:624\$455              | 11.090:856\$555   |
| 1926—1927..... | 26.280:000\$000 | 27.585:483\$052              | 1.305:483\$052    | 6.266:332\$500  | 32.792:534\$644              | 6.526:202\$144    |
|                |                 | Arrecadado no<br>1º semestre |                   |                 | Dispendido no<br>1º semestre |                   |
| 1927—1928..... | 29.100:000\$000 | 18.185:825\$212              |                   | 28.869:384\$000 | 18.228:350\$821              |                   |
|                | 89.946:000\$000 | 109.057:283\$090             | 30.025:457\$878   | 89.672:361\$280 | 109.289:197\$140             | 30.257:869\$039   |

*Observação — As despesas effectuadas a mais foram autorisadas por leis especiaes do Congresso do Estado.*

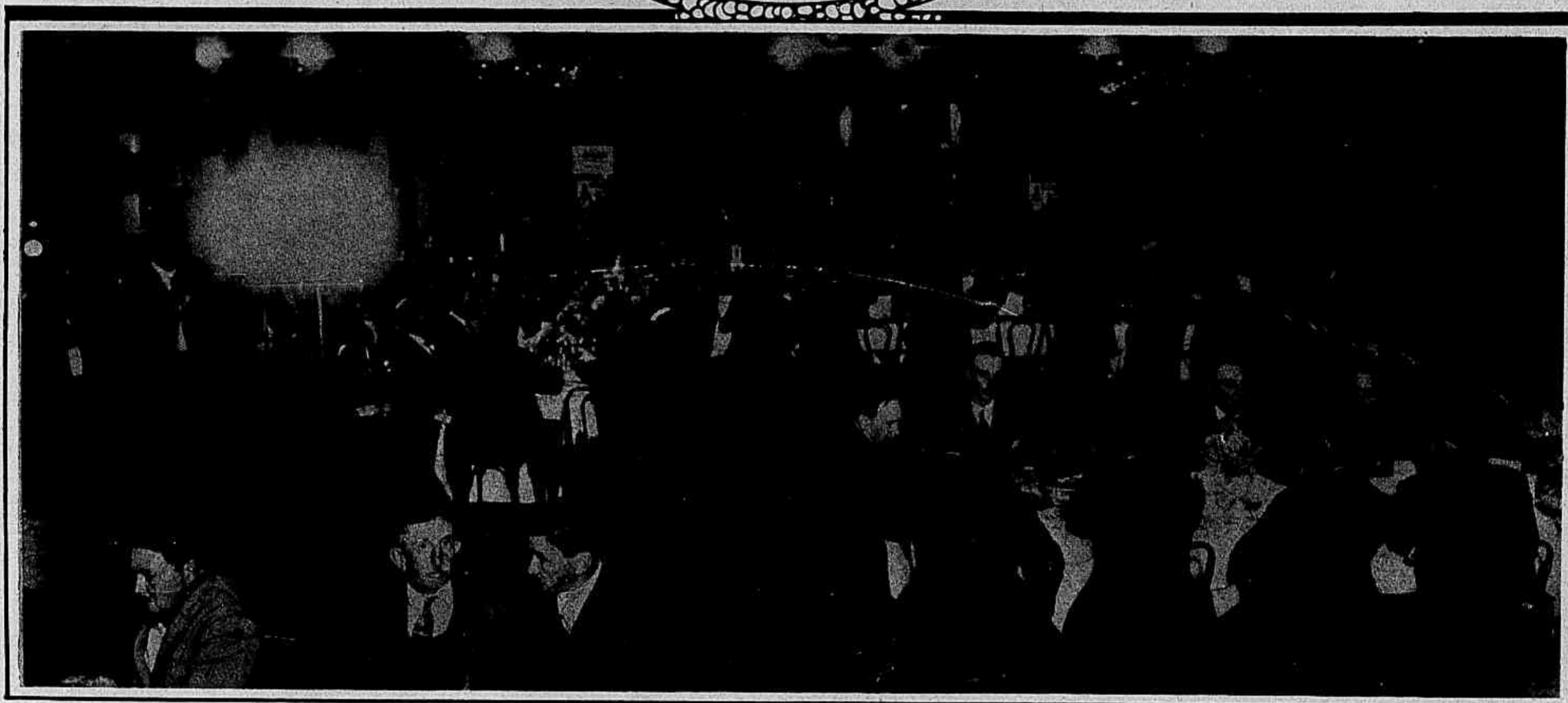
A  
E  
X  
P  
O  
S  
I  
C  
A  
O  
D  
E  
P  
E  
C  
U  
N  
A  
R  
I  
A



de  
B  
E  
L  
I  
O  
H  
O  
R  
I  
Z  
O  
N  
T  
E

O Presidente

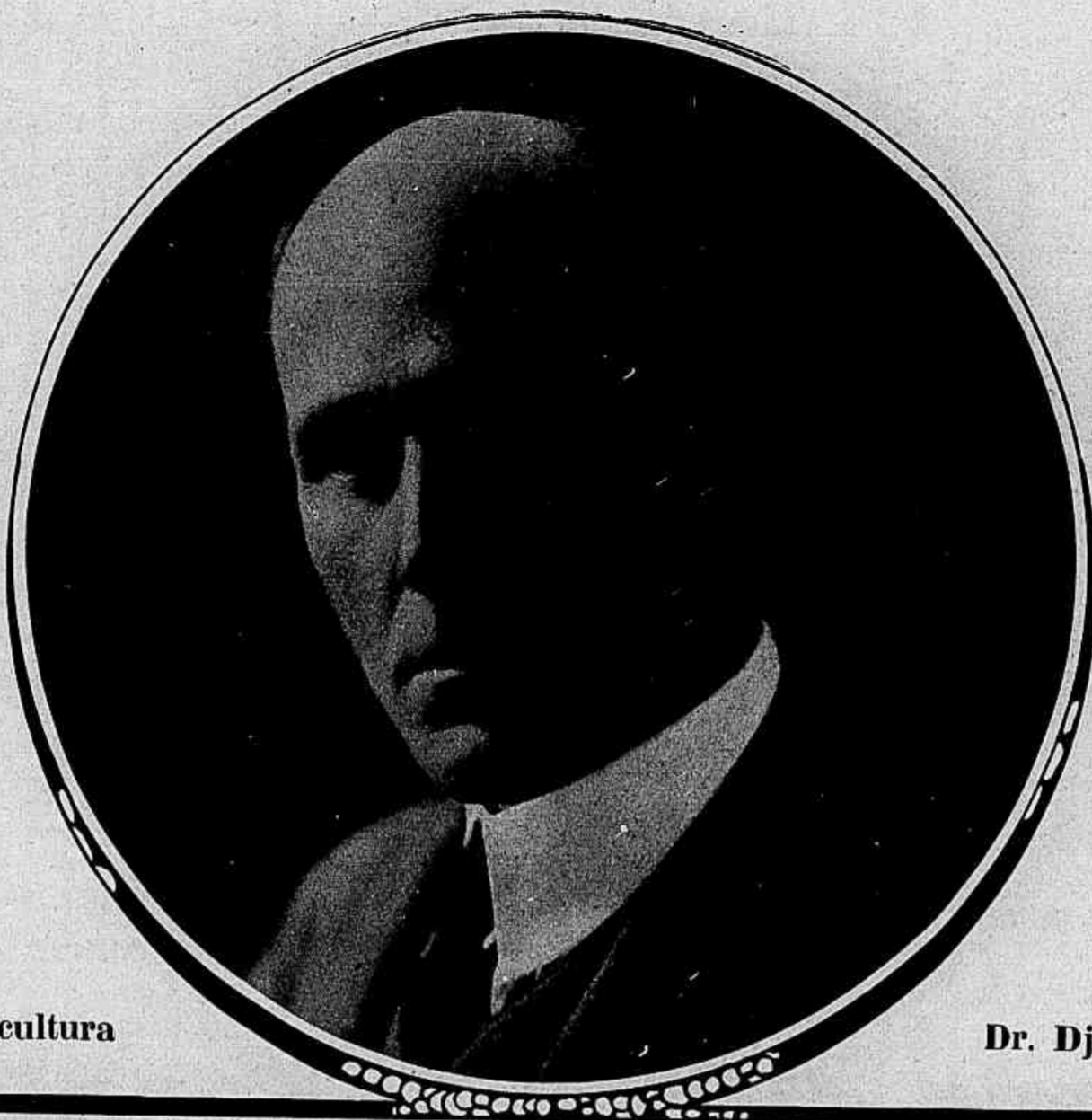
Antonio Carlos



Em cima: Aspecto do banquete oferecido ao secretario da  
:: :: :: Agricultura e Obras Publicas, Dr. Djalma :: :: ::  
Pinheiro Chagas.

Em baixo: Grupo tirado no gabinete do Dr. Djalma Pinhei-  
ro Chagas, vendo-se, entre outras autoridades, o Dr. Alfredo  
Sá, vice-presidente do Estado.

A Grande Exposição de Pecuaria, realizada em Bello Horizonte, ecoou por todo o paiz como o maior acontecimento que, neste genero, já se presenciou no Brasil. O Secretario da Agricultura e Obras Publicas, Dr. Djalma Pinheiro Chagas, foi o principal executor dessa bella iniciativa do presidente Antonio Carlos, valendo ella, por si só, como eloquente affirmação da



operosidade fecunda que o Estado de Minas Geraes está vivendo na hora presente. Todos os municipios do Estado se fizeram representar nessa grandiosa Exposição que serviu para mais uma vez pôr em relevo a opulenta riqueza de Minas. Outra não foi a impressão colhida pela imprensa do Rio e de São Paulo, que ali compareceu ao lado da imprensa mineira.

O Secretario da Agricultura

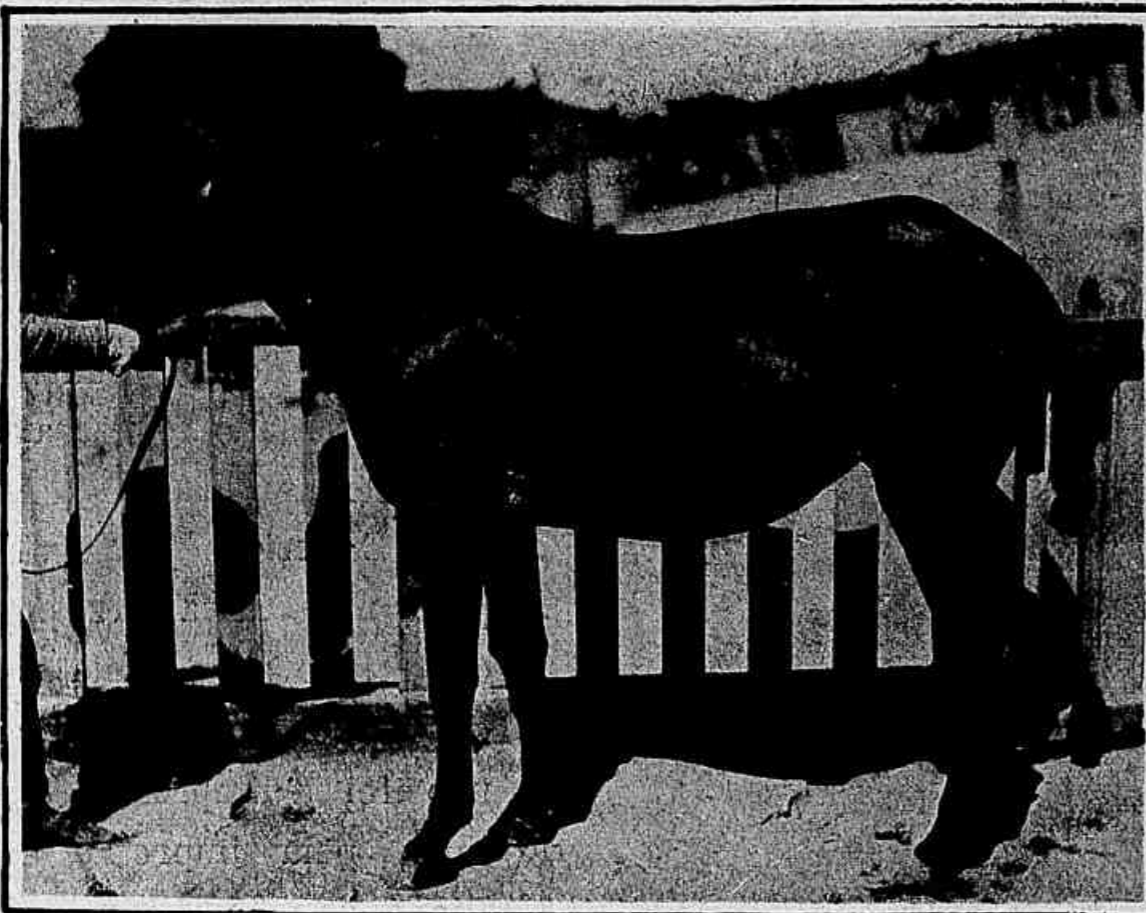
Dr. Djalma Pinheiro Chagas



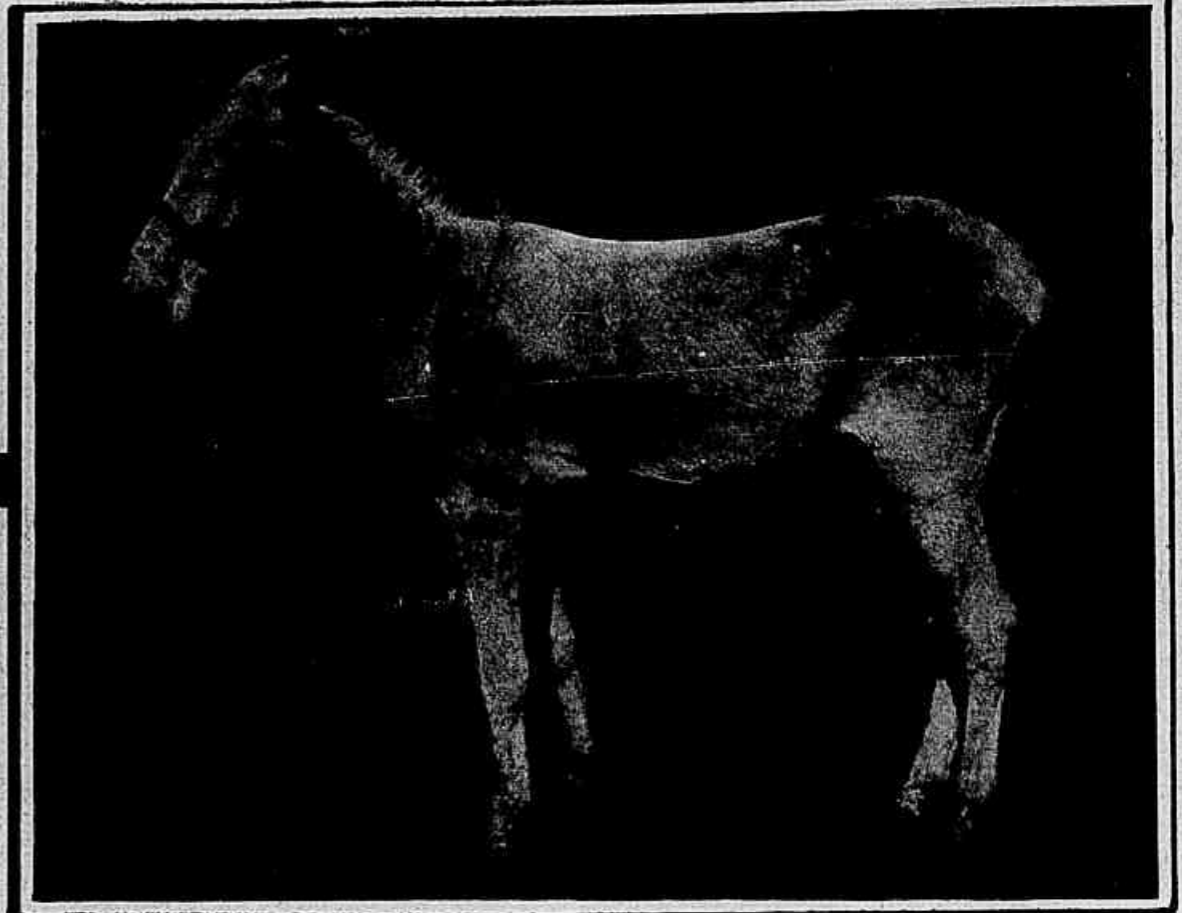
Em cima: outro aspecto do banquete em que tomaram parte os delegados á Exposição de todos os municipios do Estado.

Em baixo: photographia tirada por ocasião da manifestação dos jornalistas presentes ao Dr. Djalma Pinheiro Chagas.

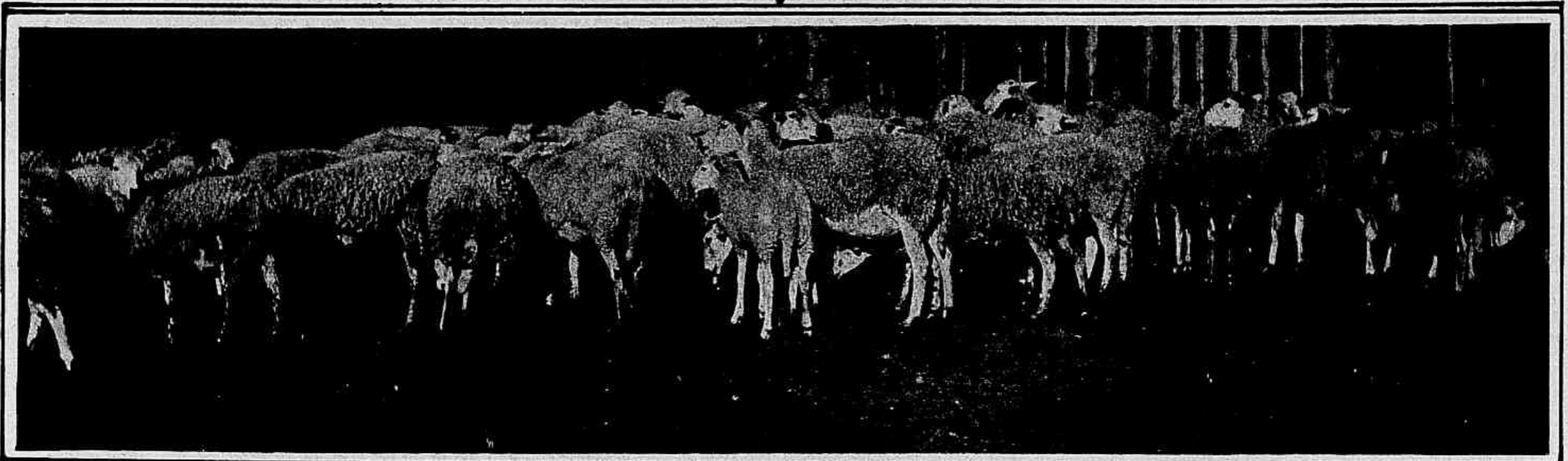
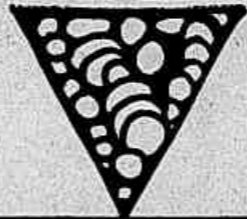
ILLUSTRAÇÃO  
BRASILEIRA::



O animal que obteve o 1º premio da Exposição.



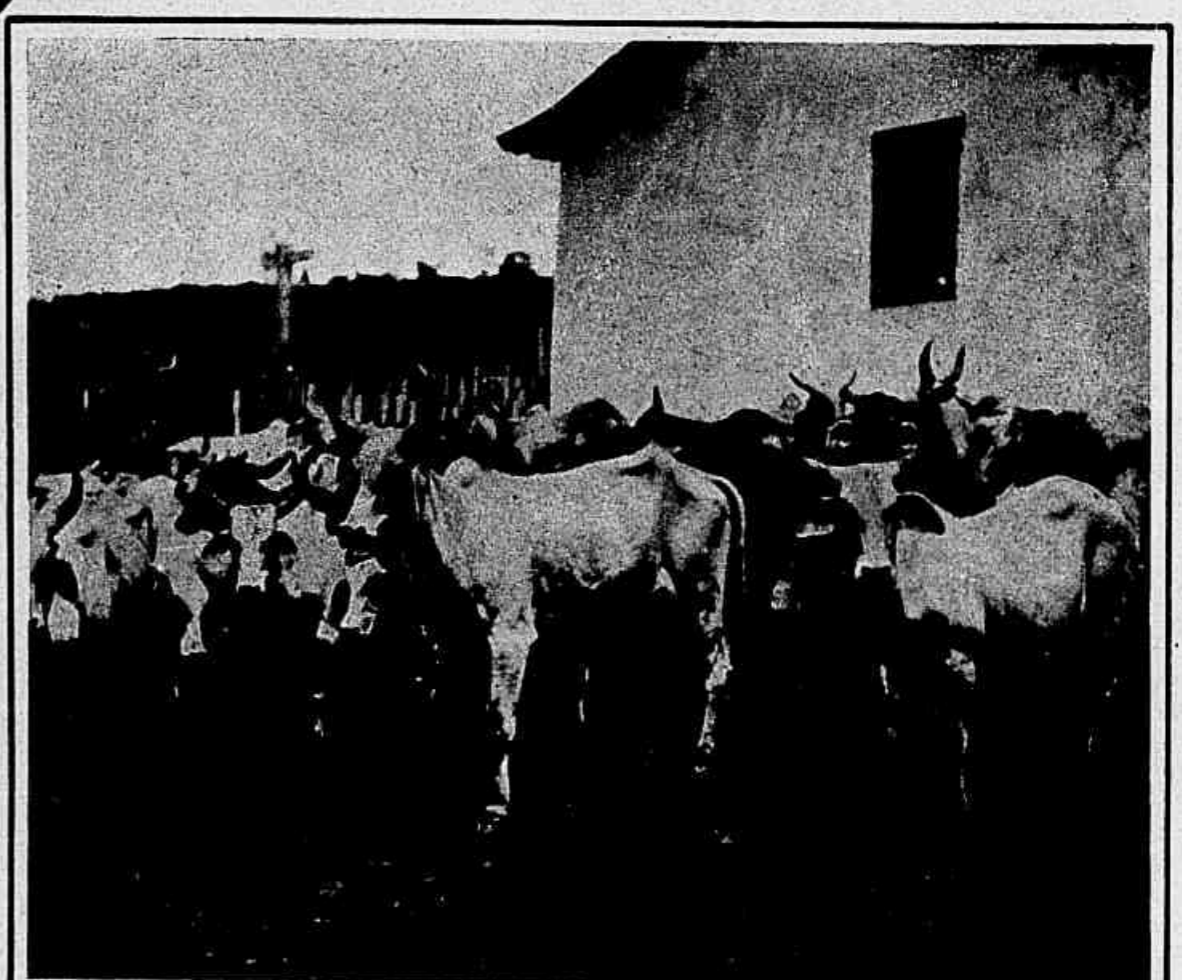
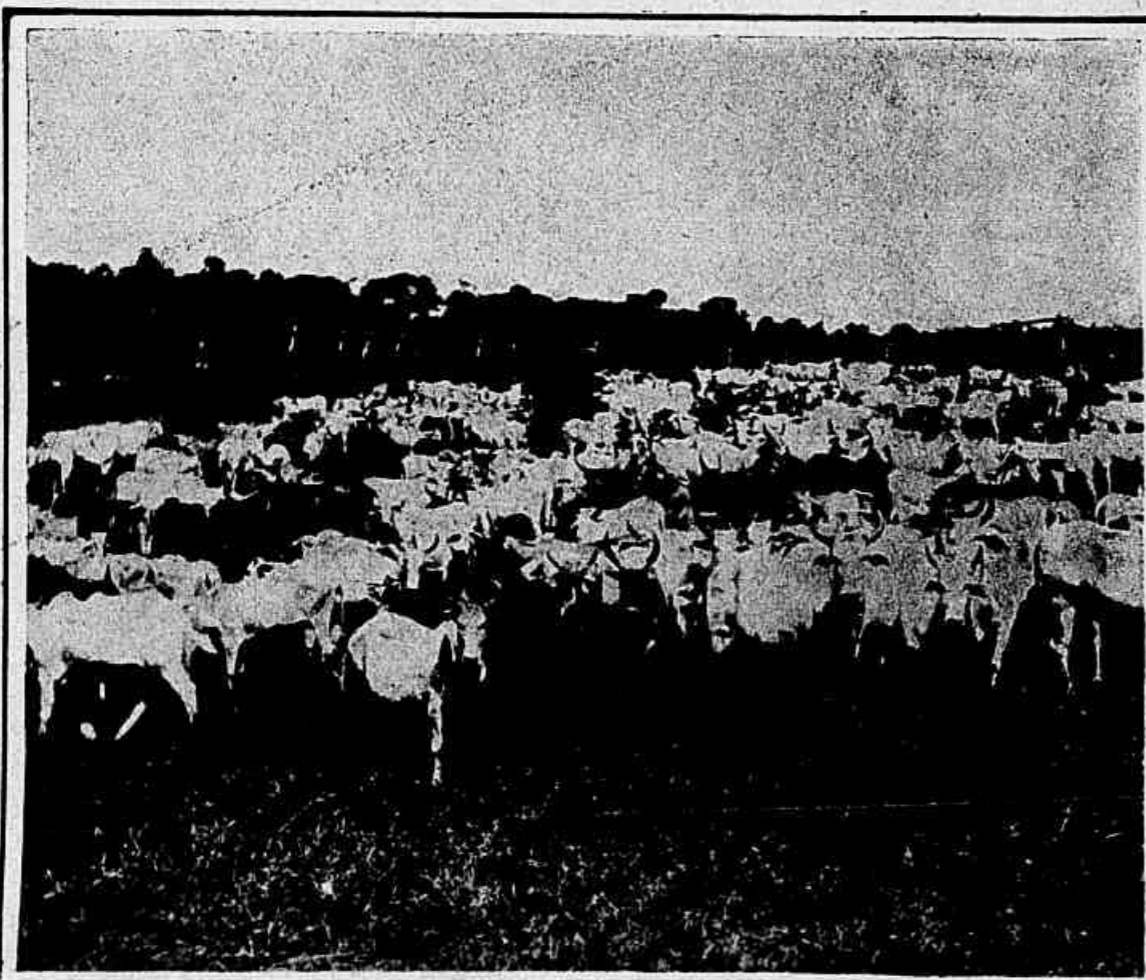
Outro especimen muito admirado durante o certamen.



Carneiros que d e s pertaram geral atenção durante a Exposição.



Em baixo : dois aspectos de rezes expostas tambem com grande sucesso.

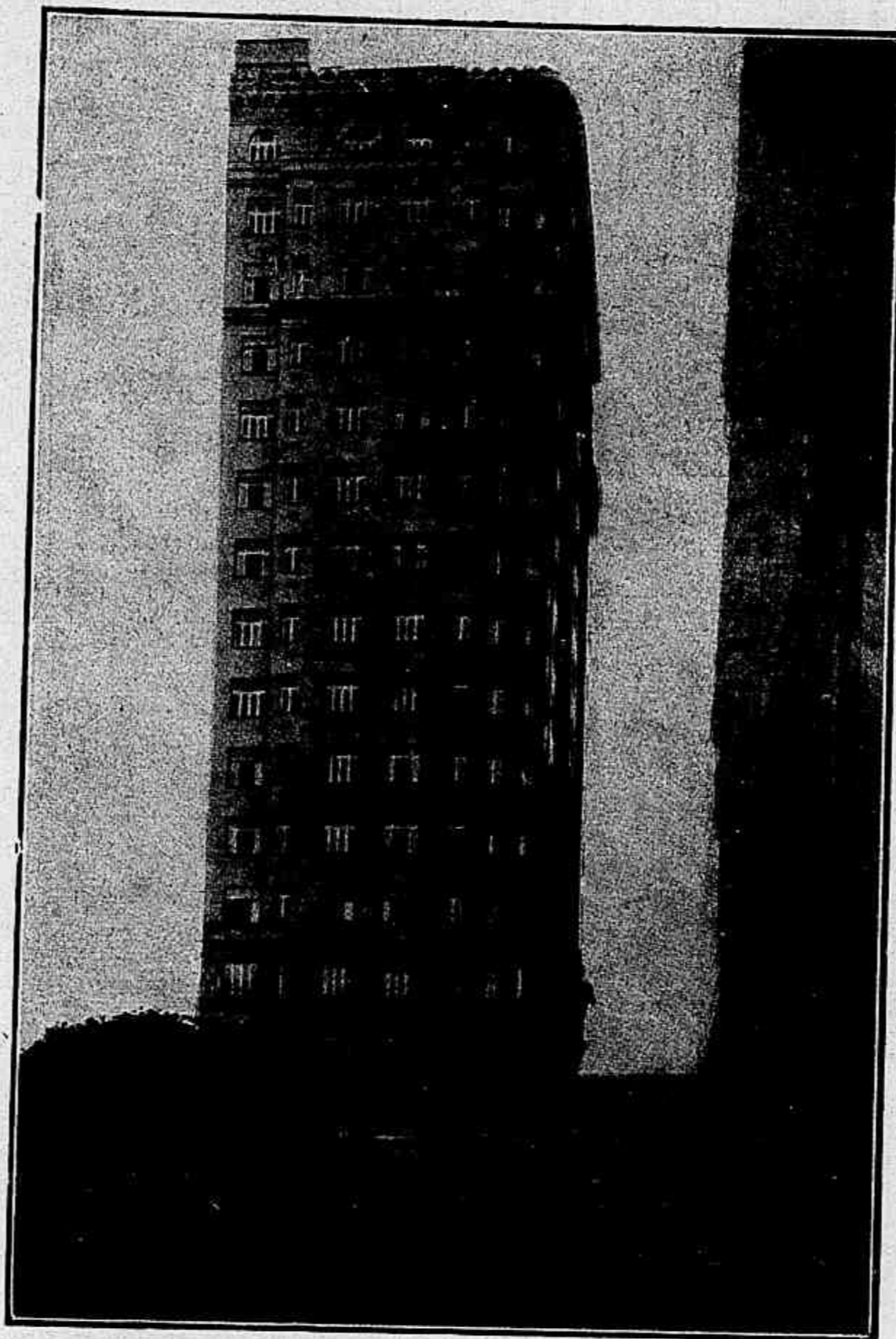


# Os novos grandes hotéis do Rio

Neste "cliché" se tem um dos novos aspectos do Rio.

Trata-se do Itajubá-Hotel, certamente, no seu genero, hoje uma das casas mais completas com que conta a metropole brasileira.

E' um estabelecimento que, além do conforto mais perfeito, offerece aos que visitam a nossa capital, condições da maior segurança, do ponto de vista social, pois que o mais rigoroso criterio preside á acceitação dos seus elementos.



Dispondo, embora, de restaurante "à la carte" extensivo ao grande publico, o Itajubá-Hotel faz questão de ser, não obstante, uma casa onde as familias se sintam sempre bem, sem constrangimento pelo absoluto respeito ás boas normas da sua moral.

São directores da empresa nacional do Itajubá-Hotel os Srs. Antonio Porto, conhecido industrial patricio, Abel de Almeida, nosso antigo collega de imprensa e Mario Lacombe, joven capitalista.

## CARMEN CINIRA

(POR LOBÃO FILHO)

( F I M )

agua benta, quando precisa dizer o que sente. Vejamos estes versos:

"Por ti são os meus nervos mais que [humanos  
Pois tenho, ás vezes, impetos insanos,  
Ao teu olhar apaixonado e langue,

De beijar brutalmente a tua bocca  
E morder os teus labios como louca  
Até sentir nos meus gostos de sangue!"

Não acredito no amôr sem uma dose forte de sensualismo. Isso de paixão mystica só para os fanaticos da igreja ou os doentes mentaes. Bem diz Almafuerte que sem capacidade de rebellião não ha fortaleza de espirito. A Sra. Carmen Cinira, á semelhança da Sra. Gilka Machado, teve coragem de enfrentar as convenções do meio em que vive.

A sua obra vencerá pela sinceridade.

Apezar do seu estro ainda se encontrar nos "Primeiros vôos" vê-se que já tem asas para realizar as melhores ascensões da poesia.

Para unhas lindas  
Esmalte "Gaby"

## Um Famoso Astrologo



FAZ UMA OFFERTA NOTAVEL  
Dir-lh'a-ha  
**GRATUITAMENTE**

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que sómente a Astrologia pôde revelar.

### NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo cujos estudos astrologicos e conselhos teem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes teem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio, 100, BP. 44, RUE DE LISBONNE, PARIS. Com 2 Mil réis para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 400 réis.

## CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO  
CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capilares. Não mancha a pelle e não é nociva. E' uma forma scientifica do grande botânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recommendada pelos principaes institutos sanitarios do estrangeiro e analysada e auctorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

- 1º -- Desapparece a caspa.
- 2º -- Cessa a quêda do cabelo.
- 3º -- Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva, sem ser tingidos.
- 4º -- Detêm o nascimento de cabellos brancos.
- 5º -- Nos casos de calvice, faz brotar novos cabellos.
- 6º -- Os cabellos ganham vitalidade, tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça linda e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

**Encontra-se nas boas perfumarias,  
drogarias e pharmacias**



## O melhor Esmalte para unhas

Brilho intenso, duravel, não mancha, e resistente a lavagem.  
Em 3 tons Natural, Rosa Coral, e Rosa Dragão.  
Em todas as casas de 1.ª ordem. Depositarios para todo o  
Brasil, CASA HUSSON, Rua S. Bento, 24. — São Paulo.  
Envia-se pelo correio Registrado mediante 5\$000 de sellos.

## ERNESTO NAZARETH

Por MARIO DE ANDRADE

( F I M )

777

tica nas obras dos Rodrigues Barbosa ou Renato Almeida se deverá reconhecer com franqueza que essa utilidade é minima porque é destituída de caracter pratico. Além da pequena mas valiosa contribuição de Guilherme de Mello e de viajante, ou scientistas como Lery, Spix e Martius, Roquette Pinto, Koch-Grünberg, Speiser, ninguém entre nós se applicou a recolher, estudar, discriminar essas forças mysteriosas nacionaes que continuam agindo mesmo depois de mortas. Tudo se perde na tranzitoriedade afobada da raça crescendo. Nossas modas, lundús nossas toadas, nossas dansas, caticas, recortadas, cocos, faxineiras, bendenguês, sambas, cururus' maxixes e os inventores delles, emfim tudo que possui força nosmativa para organizar a musicalidade brasileira já de caracter erudito e artistico, toda essa riqueza gente e exemplar está sovertida ao abandono enquanto a nossa musicologia desenfrenadamente faz discursos, chora defuntos e cisca datas. Tem uma precisão imminente de transformar esse estado de coisas se principiarmos matutando com mais frequencia na importandia ethnica da musira popular ou da feição popular. Os "sujeitos de importancia" como falava frei Luis de Souza, devem dar a importancia delles para os homens populares mais importantes que os taes. Se deve de registrar tudo o que canta o povo o bom e o ruim, mesmo porque desse ruim, ninguém sabe tudo que pode tirar um bom. E finalmente se deve de homenagear os Nazareths e os Tupinambás, os Eduardo Soutos e as Franciscas Gonzagas que criam para o povo e por elle. Num tempo de firmiação ethnica tal o que atravessamos é que essa trabalhadeira adianta muito. Mais tarde será um caro custo descobrir as cabeceiras, rehver as fontes e o tempo perdido. Acabar com os improvisos e louvações amorosas! Lançar em nossa Musicologia o facão duma consciencia deveras critica que desolhe esses estudos adolescentes de todas as pachochadas da literatice, da fantasia e do patriotismo!

Esta homenagem prestada a Ernesto Nazareth pela Cultura Artistica de São Paulo me parece que é symptomatica de tempos mais uteis além de ser justissima. E é um gosto a gente constatar que não se carece aqui de garantia da policia como succedeu no Instituto Nacional de Musica em 1922 quando num concêrto organizado por Luciano Gallet ahi se executou o *Brejeiro*, o *Nênê*, o *Bambino* e o *Turuna*. Satisfeito mesmo estou eu e apesar de atravessado de enfermidades mesquinhas fiz gosto em alinhar na fadiga estas phrases para vir junto dos senhores trazer o meu applauso a um artista que usando a politica subtil do talento se fez escutar por uma nação.

(1) Segundo uma versão propagada por Villa-Lobos que a teria colhido dum octogenario o maxixe tomou esse nome dum sujeito appellidado "Maxixe" que num carnaval, na sociedade "Os Estudantes de Heidelberg" dansou um lundú duma maneira nova. Foi imitado e toda gente começou a dansar "como o Maxixe". E afinal o nome teria passado para a propria dansa. Versão respeitavel, porém, carecendo sem duvida de maior controlação.

O que me parece já certo é que o maxixe, como tal, appareceu depois de 1870. As pesquisas devem mesmo se estabelecer na decada 70 para 80. Já estou em condições de fixar essa decada como aquella em que mais provavelmente o maxixe surgiu.

## Os hoteles mais luxuosas na França

**PARIS ROYAL MONCEAU**  
15 - 37, Avenida Hoche  
350 quartos e apartamentos, 350 salas de banho.  
Em grande avenida e jardim.  
Royamance, 42 Paris

**PARIS CALIFORNIA**  
15 Rua de Berri  
250 quartos e apartamentos, 250 salas de banho.  
Perto dos Campos Eliseos e Avenida Friedland.  
Califorotel 45 Paris

**BIARRITZ MIRAMAR**  
O mais bello palacio de França.  
250 quartos e apartamentos, 250 salas de banho.  
Aberto durante todo o anno.  
Miramartel Biarritz

São os mais famosos porque são do maximo conforto moderno

Luxo e novidade, conforto e apartamentos amplos, representando a verdadeira acomodação ideal.

Em 1928 abertura do Miramar em Cannes

## POUSO SECCO ( F I M )

sobre as lages destuidas do calçamento; bombas de gasolina fincadas ao pé dos chafarizes de pedra... Andam ridiculamente mascaradas de progresso as velhas cidades... Fazem lembrar essas respeitaveis matronas com cabellos cortados, saias na altura dos alcantados joelhos e bocca retocada a baton...

Pouso Secco não é mais o rancho de tropeiros á porta do sertão, com cantares de viola nas noites de luar... Pouso Secco perdeu a razão de ser com estrada de rodagem e com ramal da "Oeste" para Angra. Lá se encontraram noutro dia as brilhantes comitivas dos senhores presidentes; sob a mesma coberta de sapé abriram-se champagnes e fizeram-se brindes officiaes.

\* \* \*

Se eu for perguntar agora a um dos caipiras daquellas bandas, onde fica Pouso Secco, elle não mostrará num gesto largo a serra azul e aquella pedra redonda como uma cabeça. Mas dirá certamente: é no kilometro 379; vae-se em 15 minutos de automovel...

Almeida Nogueira Porto.

**CREME "POLLAH"**  
"NOVO TIPO"  
Pote 8\$000

Sem elle o seu toucador estará incompleto.

A preferencia no seu uso, depende sómente em experimental-o.

A' venda em todas as Perfumarias, Pharmacias e Armarinhos de 1.ª ordem.

# BAZAR AMERICA



Finissimos objectos para presentes  
Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

**ORIGINALIDADE E BOM GOSTO**

Rua Uruguayana, 38-40



Leiam O PAPAGAIO ás quartas-feiras  
A 400 réis. Nos Estados, 500 réis

## XAROPE

Primeira Dentição

## DELABARRE

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas,

Facilita a sahida dos Dentes

Supprime toûos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELEÇIMENTOS FUMOZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS  
e nas principaes pharmacias



O Odol é,  
como é sabido,  
a agua dentifricia,  
que contraria effica-  
zmente as causas do es-  
trago dos dentes. Quem  
usa habitualmente o Odol,  
exerce, segundo os nossos  
conhecimentos actuaes, o  
melhor tratamento  
dos dentes e da  
bocca que se  
possa ima-  
ginar.



Hygiene  
da bocca,  
belleza  
dos dentes!



# THE INSTRUMENT OF QUALITY

# Sonora

## CLEAR AS A BELL



É TÃO FÁCIL DIZER QUE ESTE OU AQUELE  
PRODUCTO É "O MELHOR NO MUNDO", MAS NÃO  
QUE TÓCA A SONORA, É O PRÓPRIO POSSUIDOR  
QUEM ASSIM DÁ A SUA OPINIÃO.

COMPARE A SONORA COM QUALQUER OUTRA  
MACHINA FALLANTE QUANTO A TONALIDADE,  
APERFEIÇOAMENTOS E VARIEDADE  
DE MODELOS.

SI V. EX. GOSTA DE BOA MUSICA TEMOS A  
CERTeza DO QUE SERÁ O SEU  
VEREDICTO.

SERIA UM PRAZER FAZERMOS UMA DEMON-  
STRAÇÃO PRÁTICA DAS ALTAS QUALIDADES  
DA SONORA.

Acabamos de retirar da Alfandega grande stock de So-  
noras simples e combinadas com Rádio. Não demore em  
visitar nossa exposição.

Exclusivos representantes no Brasil:

### OPTICA INGLEZA

RUA DO OUVIDOR, 127

Rio de Janeiro.

A' venda tambem em:

Araraquara: São Paulo — João Lupo.

Baurú: São Paulo — Nicolino Roselli & Cia.

Bahia: F. Magalhães & Cia. — Rua Cons. Dantas, 42.

Mossoró: Rio Grande do Norte — Nathaniel Monte & Cia.

Pelotas: Octavio Nunes Wagner, Caixa, 102.

São Paulo: Ao Boticão Universal. Rua 15 de Novembro, 8.

